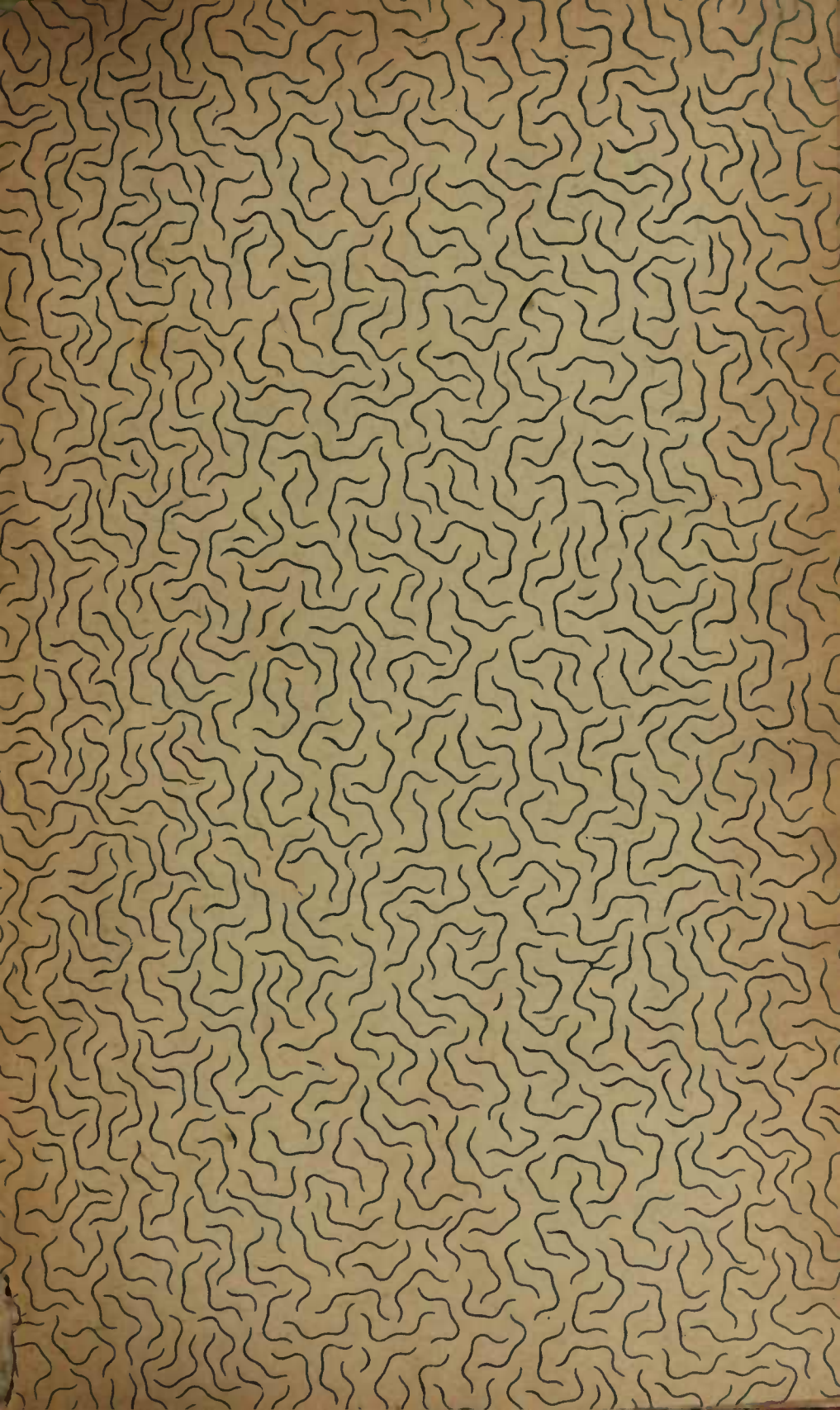


le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



O INSTITUTO

DOS

MENINOS CÉGOS DE PARIS

O INSTITUTO
DOS
MENINOS CÉGOS
DE
PARIS

SUA HISTORIA, E SEU METHODO DE ENSINO

POR

J. GUADET

TRADUZIDO POR

Jose Alvares de Azevedo

Natural do Rio de Janeiro e ex-alumne do
mesmo Instituto.



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO

Praça da Constituição n. 64.

—
1851.

A MEU PREZADO PAI

O SENHOR

MANOEL ALVARES DE AZEVEDO.

MEU CARO PAI.

Offerecendo-vos este opusculo, que traduzi do francez, nada mais faço do que cumprir um dever de reconhecimento. Com effeito; eu era, por minha posição, destinado a viver desgraçadamente em uma ignorancia profunda, sem algum conhecimento dos deveres impostos a todos neste mundo, e que cada um deve desempenhar segundo sua posição; eu não teria conhecido esses gozos moraes, que tantas vezes consolam o homem opprimido sob o peso de seus infortunios; em uma palavra, eu teria vivido a vida do bruto, teria passado inapercebido nesta terra, como um grão de areia impellido pelo vento; enfim, podéra ser o ludibrio de todo o desapiedado, que quizesse enganar-me, e em tão Ariste estado arrastaria a existencia a mais insípida, que se possa imaginar. Vós comprehendeste-l'o bem! Assim que, depois de haver tudo tentado para me fazer recobrar o inapreciavel sentido, de que Deos me privou, vendo a inutilidade dos esforços e dos recursos da sciencia medica, vós me enviastes á França para adquirir toda a instrucção compativel com a minha cegueira. Nem a saudade que vos devia causar, e á minha extremosa mãe, a minha longa ausencia, nem o grande sacrificio pecuniario, que vos foi preciso fazer, nada vos desanimou, nada vos fez recuar! Agora, de volta da França, não é justo que vos pague o devido tributo de gratidão?

Se tenho alguma instrucção; se posso ser util para alguma cousa, a vós o devo; se tenho alguns prazeres, se não passo uma vida monotonica, se (para me exprimir em breves termos) acho-me restituído á sociedade, de que a natureza como que me excluiu, se ainda me é dado conseguir alguma gloria: tudo isto é a vós que o devo! É pois de razão que esta pequena obra, a primeira que sahe debaixo do meu nome, vos seja dedicada. Aceitai por tanto esta offerta, meu caro Pai, não seguramente porque corresponda a todos os beneficios, de que vos sou devedor, senão como um penhor dos sentimentos de meu coração: elle se expande com a lisongeira lembrança de que vosso amor paternal experimentará uma doce emoção vendo a primeira obra sahida desta penna, que sem vós nada teria escripto.

Recebei tambem, com este livro, a segurança de meu profundo e eterno reconhecimento, porque eu me lembrarei toda a minha vida, que sem vós eu não teria sido nada, e que é por vós só, depois de Deos, que eu posso ser alguma cousa neste mundo.

VOSSO FILHO RESPEITOSO E OBEDEIENTE,

J. A. d'Azavedo.

PREFACIO DO TRADUCTOR

— 633 —

A cegueira já quasi não é uma desgraça.

PALAVRAS DO SR. D. PEDRO II AO TRADUCTOR.

Ninguem, cuido eu, duvidará da utilidade desta pequena obra, que traduzi do francez. É ella de um genero inteiramente novo : descreve a historia da educação dos cégos. Nunca a antiguidade delles se occupou. De feito, durante uma longa serie de seculos, nada se tentou para melhorar sua sorte. Não só se esqueceram delles ; ainda se fez mais : maltrataram-n'os.

Lancemos as vistas para uma das potencias mais celebres da antiguidade, e vejamos qual era ahi a sorte dos cégos, e dos surdos-mudos.

Porém (talvez se nos pergunte) de que potencia imos fallar ? Buscaremos o exemplo de algum povo barbaro ? Dos Scythas, dos Godos, ou dos Sarmatas ? Não : vamos fallar da Grecia ; do paiz das sciencias, das artes, da industria, do commercio ; do paiz o mais civilisado das remotas eras, e em que o povo era tido em conta de muito humano.

Dirijamo-nos para Spartha ; abramos um seu livro celebre : o codigo de Licurgo. Que lemos nelle ? Qual era a legislação dessa rival de Athenas ? — *Que todos os que, por algum defeito, não podiam ser uteis á patria, fossem, apenas nascidos, afogados no Eurotasso.*

Em Roma, a barbaridade chegou a tal auge, que Romulo vio-se obrigado a promulgar uma lei que prohibia aos pais matar seus filhos, *permittindo-lhes comtudo esta crueldade quando estes fossem aleijados.*

Entretanto, se os homens não empregavam suas vistas para estas duas classes de desgraçados senão para desprezal-os e opprimil-os, Deos não os abandonava. Deos quiz que o livro por elle inspirado fosse o primeiro em que se enxergasse uma palavra favoravel aos cégos e aos surdos-mudos. Foi por isso que, dezeseis seculos antes da era christã, em uma época em que todos os povos estavam ainda envoltos na mais densa barbaridade; foi por isso (ia dizendo) que elle assim se exprimia pela boca de Moysés : « *Não maldigas o surdo, nem empeças os passos do cégo.* » Estas palavras, pronunciadas quando todo o universo estava ainda bem longe de aquilatar a força de sua unção, faziam já presentir o principio de caridade que devia ser o character da lei divina. É este o principio, desenvolvido pelo christianismo, que inspirou ao grande Rei S. Luiz a idéa de fundar o hospicio dos *Quinze-Vingts*; é este o principio que depois inspirou a Valentim Haüy a idéa da *Instituição*.

O fim de S. Luiz, fundando os *Quinze-Vingts*, foi o de dar um asylo a trezentos de seus guerreiros, a quem os Sarracenos tinham arrancado os olhos; não era, pois, senão um hospicio. Nada tinha sido ainda tentado para a instrucção dos cégos, e Valentim Haüy foi o primeiro que para elles estabeleceu um systema de ensino; a elle incontestavelmente coube esta gloria.

Alguns dos grandes homens, de que se honra a humanidade, tinham comtudo illustrado a classe dos cégos. A tradição quer que Homero tivesse perdido a vista. No terceiro século da nossa era, Didimo, ainda que cégo, adquirio conhecimentos extensissimos, ensinou theologia em Alexandria, e foi o luminar da igreja egypeia. Foi o mestre de muitos dos grandes padres da igreja, e morreu em idade muito avançada. Camões e Milton foram tambem privados

da luz no fim da sua vida. Emfim, no decimo oitavo seculo o cégo *Sounderson* foi uma das celebridades mathematicas da Inglaterra, sem mencionarmos grande numero de outros cégos que se distinguiram em diversos generos.

Mr. Guadet, autor desta obra, começa tratando uma questão, muitas vezes discutida, mas nunca resolvida: quem foi mais mal aquinhoado pela natureza? o cégo ou o surdo-mudo? A desgraça é igual sem duvida, porque, (como me escrevia um surdo-mudo, fallando do céo) *se este me cortou a voz, roubou-te a vista*. Mr. Guadet prova esta igualdade estabelecida pela Providencia, opinando que se os surdos-mudos são mais felizes que nós quanto ás faculdades phisicas, ficam muito áquem quanto ás faculdades moraes. « *Um, diz elle, cortará o nó gordio, á maneira de Alexandre; outro, como OEdipo, domará o sphinge, explicando o enigma.* » Elle prova que a educação é de direito devida aos cégos. « *Se a educação, se exprime elle, é para todos de direito natural, ella é para os cégos de direito divino.* » E de feito; pense-se no numero infinito de cégos que vivem, ou antes vegetam na mais profunda miseria, na ignorancia a mais crassa, e que se tem dado aos vicios os mais reprehensíveis e nocivos; observe-se como a educação podéra, ministrando-lhes meios de ganhar honestamente a vida, evitar esses horrores; e ninguem ahi haverá que conteste a utilidade, mesmo a necessidade de propagar e estender por todo o universo o systema de ensino que lhes é proprio.

Ainda que os cégos nascem geralmente entre as classes pobres, muitos ha no estado medio de fortuna, e mesmo no da riqueza, e é por isso que sua educação deve de necessidade ser dividida em tres ramos: intellectual, musical e industrial. O primeiro é destinado a cultivar uma intelligencia por ventura brilhante, a que quasi sempre a ignorancia empece o desenvolvimento, e que, vivificada pela sciencia, produz muitas vezes bellezas admiráveis. O segundo, além de proporcionar uma distracção aos que pertencem ás classes abastadas da sociedade, é um meio de existencia

para os menos favorecidos da sorte. O terceiro é essencialmente um meio de vida para aquelles a quem a natureza negou ouvido, ou vocação musical. Em regra devem todos cultivar a educação intellectual; não é comtudo indispensavel que os que se dedicam á industria profundem o ensino scientifico; até porque, salvas excepções, os que se occupam simultaneamente dos dous ramos, em nenhum fica perito e habilitado. É factó ensinado pela experiencia. Na Instituição de Paris estuda-se bem, nos quatro primeiros annos, a inclinação dos alumnos, e só depois o applicam ao ramo, porque mostrou gosto e geito. Com os destinados á musica são comtudo menos severos, porque os cégos tem em geral muito menos indisposição para ella do que para os trabalhos manuaes; quanto a estes, os alumnos tem toda a liberdade na escolha. Em uma Instituição de cégos não são admissiveis officios de mero luxo, e que não prestem alguma utilidade. Com quanto não seja impossivel o ensino das linguas é pelo menos muito difficil; porque as letras empregadas pelos cégos occupam muito mais lugar do que as do alphabeto commum; um volume *ordinario* fórma, pouco mais ou menos, cinco dos *nossos*. Vê-se, pois, que extensão exigiria um dictionario. Penso entretanto que em uma Instituição fôra conveniente o ensino da lingua franceza, além da nacional, por muito espalhada e de evidente interesse.

É tambem pelo muito lugar que occupam as letras do alphabeto dos cégos, que as obras, de que nos servimos para estudar, devem ser muito resumidas. Para adquirir conhecimentos mais extensos, é preciso seguir o systema adoptado na Instituição de Paris; todos os dias ha uma meia hora de leitura para os alumnos. Ha cinco divisões de leitura que correspondem ás cinco classes diarias; na primeira lê-se a historia sagrada e obras apropriadas ás idades dos meninos; na segunda a historia geral da antiguidade; na terceira a historia romana; na quarta a historia da França; e na última um curso de litteratura, tirado de diversos au-

tores, como de Laharpe, Villemain, Barante, etc., etc. Esta ultima é feita pelo instituidor Mr. Guadet.

É innegavel a utilidade destas leituras que contribuem mais que muito para a instrucção dos cégos.

Para que os destinados ao ramo industrial não sejam privados de noções geraes de historia e das sciencias, faz-se-lhes todos os dias, durante uma hora, uma leitura de bons autores francezes e estrangeiros. Para não perturbal-os em seus trabalhos, esta leitura tem lugar á noite, das oito ás nove horas.

Eis o que se pratica na Instituição de Paris, e o que deve praticar-se em todo o estabelecimento bem dirigido. Insisti sobre as leituras, conscio, por experiencia propria, de sua muita importancia (1).

E haverá quem pretenda que senão deve estabelecer em todos os paizes instituições para cégos? Ninguém ousará sustental-o. Por este meio dão-se á sociedade braços e talentos, de que ella estaria privada, braços, e talentos que pòdem servir-a e illustr-a. Para prova desta verdade, lancemos as vistas sobre a França. Uns, como Mrs. Moncou-teau e Gauthier, são conhecidos por musicos e compositores, outro (Mr. Montale), adquire medalhas nas exposições nacionaes pela boa composição de seus pianos, um outro, Mr. Foucault, aperfeiçoa o systema peculiar de escripta, inventa novas machinas, e, além dos louvores de seus companheiros reconhecidos, recebe de juizes imparciaes differentes medalhas como recompensa de seu genio. Cincoenta bancos de orgão são occupados por organistas cégos sahidos da Instituição. Um outro cégo, Mr. Alex. Rodembach, educado tambem na Instituição de Paris, publicou um grande numero de obras, e é, desde muito tempo, representante de seu municipio na camara dos deputados da Belgica. Emfim um grande numero de obreiros cégos, como torneiros, ta-

(1) O traductor entrou para a Instituição em 1844, com 10 annos de idade, e sahio em 1850, contando 16.

peceiros, marceneiros, etc., etc., ganham hoje sua vida de uma maneira honesta e pacífica. Depois deste quadro, aliás toscamente desenhado, que governo não invejará a glória de fundar um semelhante estabelecimento? Quanto a nós, devemos esperar tudo do grande Imperador, que felizmente nos rege, e dos illustrados conselheiros da sua corôa; nós conhecemos bem de perto sua bondade para duvidar um só momento de que elle deixê de acolher com enthusiasmo, e de dar sua alta e munificente protecção a um projecto que a nada menos tende do que a restituir, por assim dizer, á existencia, uma grande porção de seus subditos.

Rio de Janeiro, 20 de maio de 1851.

O TRADUCTOR.

O INSTITUTO

DOS

MENINOS CÉGOS.



HISTORIA.

Aquelles a quem a natureza recusou ou a sensibilidade do tacto, ou a percepção do gosto, ou o sentido do olfato, ficam de certo privados de algumas idéas, de algumas sensações; mas não deixam por isso de gozar da vida commum aos outros homens, e apenas, quando muito, podem reputar-se menos favorecidos da providencia em relação a outros a quem ella tratou mais liberalmente. Não acontece o mesmo com o cégo, e o surdo-mudo, por isso que os sentidos da vista, e do ouvido, representam na organização humana um papel muito mais interessante que os outros sentidos.

Mais de uma vez se tem agitado uma alta questão de philosophia moral, que se apresenta muito naturalmente ao espirito dos pensadores. Qual dos dous é mais infeliz, o cégo, ou o surdo-mudo? Os senhores Alex Rodenbach, e F. Berthier, um cégo, e o outro

surdo-mudo, sustentaram a este respeito theses contradictorias: o primeiro não hesitou em pronunciar-se a favor dos cegos, e com isso não apresentou senão uma opinião commum a todos os seus companheiros de infortunio: o segundo, intérprete fiel dos surdos-mudos, não vacillou em collocar o surdo-mudo acima do cego. Esta discussão proveu sómente duas cousas: *primo* que a educação pôde fazer tanto dos cegos, como dos surdos-mudos, homens de verdadeiro merito; *secundo* que a Providencia ao lado da desgraça collocou a consolação.

É preciso porém dizermos que nem os cegos, nem os surdos-mudos estão convenientemente habilitados para decidir semelhante questão, que apresenta evidentemente duas faces. Pôde o cego calcular toda a extensão do que perde não vendo? Não podemos por certo julgar daquillo que não conhecemos. Pôde o surdo-mudo dar toda a importancia ás vantagens da palavra? Por sem duvida que elle não as pôde apreciar. Além disto nos parece impossivel que o cego não dê ao ouvido, e o surdo-mudo á vista mais importancia do que estes dous sentidos tem no estado normal, pelo simples facto que n'um o ouvido, e no outro a vista suppre tanto quanto é possivel o sentido que lhes falta.

O surdo-mudo tem por certo uma vantagem incontestavel sobre o cego pelo que diz respeito ás faculdades physicas, o cego porém é muito superior ao surdo-mudo no que toca ás faculdades intellectuaes; esta é a lei que nos parece ter estabelecido a natureza. Examinemos os arrazoados dos senhores

Rodenbach e Berthier, e veremos que o primeiro falla da intelligencia, e o segundo das faculdades physicas. Pois bem; todos dous tem razão encarando a questão a seu modo, e errariam por consequencia se a encarassem pelo lado opposto. Rodenbach nos apresenta o lado intellectual; Berthier, o advogado dos surdos-mudos, o lado material. A questão por tanto nos parece resolvida.

É mais que verdade, que a ausencia do sentido que a natureza recusou ao cego deixa um vasio immenso no seu ser physico; condemnado a uma triste inacção, elle soffre, definha, e não adquire as mais das vezes senão um desenvolvimento incompleto; não é mesmo raro que, victima de alguma dessas enfermidades, que mortificam o homem e gastam insensivelmente a vida, não possa chegar á idade adulta. No mundo material que o cerca, o cego não se dirige senão ao acaso, e perde-se, se uma mão compassiva não vier em seu soccorro; deste mundo elle só conhece os objectos sobre que póde facilmente levar a mão; um grande numero destes escapa por certo ao seu conhecimento, já pelo seu volume, já pela distancia em que estão collocados: elle saberá por exemplo o que é uma pedra, uma fructa, um passaro; não póde porém ter uma idéa completa de um rochedo, de uma arvore, de um elephante; não póde fazer idéa do aspecto de um edificio, de uma paisagem, do firmamento; além disto, desses objectos, que elle apalpa, o cego conhece a forma, o volume, mas ignora a côr, por isso que, apesar de tudo o que se tem dito em con-

trario, o tacto não pôde fazer apreciar as côres: finalmente, é sempre de uma maneira imperfeita que o cégo conhece todos aquelles objectos que pôdem chegar ao seu conhecimento.

Se encararmos a questão pelo lado intellectual, pondo de parte algumas idéas, que o cégo não pôde adquirir, algumas noções que não pôde ter, elle está quasi nas mesmas condições que o geral dos homens. O cégo adquire, com mais facilidade que nós, as idéas simples ou complexas, que o tacto, o gosto, e o olfato podem transmittir ao seu espirito. Finalmente, gozando do ouvido e da palavra, esses dous preciosos instrumentos da intelligencia, estão constantemente em relação com o mundo moral, e a conversação, fonte inesgotavel de conhecimentos de toda a especie, a conversação de que os cégos nunca se fartam, não tem para estes nenhum mysterio. Debaixo deste ponto de vista o surdo-mudo fica muito áquem.

Poderíamos por tanto resumir a questão da maneira seguinte: o cégo e o surdo-mudo, não illustrados, são como estrangeiros, o primeiro no mundo physico, o segundo no mundo moral. O surdo-mudo diante das difficuldades materiaes, vencer-as-ha muito melhor do que o cégo; diante porém das difficuldades moraes o cégo será muito mais feliz do que o surdo-mudo. Um, qual outro Alexandre cortará o nó gordio; o outro, verdadeiro OEdyppo domará o Sphinge explicando o enyigma. Parece-nos que esta differença radical entre os cégos e os surdos-mudos mostra quanto é infeliz a idéa de

querer reunir estas duas classes em uma mesma instituição. Pois que! Será por meio da palavra, estranha ao surdo-mudo, que instruireis o cego? Será por meio de signaes, que o cego não comprehende, que instruireis o surdo-mudo? Ao cego ensinaréis a musica, essa arte feita exclusivamente para o ouvido; ao surdo-mudo o desenho, a pintura, que fallam exclusivamente aos olhos, e apesar disso abrireis uma escola commum, dareis os mesmos professores aos cegos e aos surdos-mudos? Podereis educar conjunctamente meninos que não podem comprehender-se, entre quem não existe nenhum meio de comunicação, que não podem ter os mesmos divertimentos, os mesmos exercicios, a mesma linguagem, que não podem finalmente viver a mesma vida, quer physica, quer intellectual? Combinações taes seriam sempre deploraveis. Collocai os cegos e surdos-mudos no meio de homens providos de todos os sentidos, e ahi tanto uns como outros encontrarão todas as decuras, todos os socorros de uma tal sociedade. Reunir porém os surdos-mudos e os cegos, seria roubar a ambos a unica consolação que podem ter, isto é, a vida no meio de homens, que os comprehendam, com quem elles possam relacionar-se; seria ao mesmo tempo falta de senso e barbaridade. Dir-se-ha que o mundo poderá vir a ser o olho do cego, e o cego o ouvido do surdo? Seria engenhoso; mas é falso, porque nem tal olho poderá transmittir o que vir, nem um tal ouvido poderá fazer comprehender o que ouvir.

Separaremos por tanto o cego do surdo-mudo. Deixemos aos homens de saber, que de coração se consagram ao ensino dos surdos-mudos, o cuidado exclusivo de iniciar na vida intellectual essas almas embrutecidas; consagremos nosso tempo e nossos meios á missão mais simples e mais modesta de applicar ao ensino dos cegos os processos especiaes creados a favor delles.

De ha muito pensamos que essa semi-luz intellectual, que é partilha do cego ainda não illustrado, deve muitas vezes causar-lhe soffrimentos Moraes, e que esse pouco, que elle conhece, servirá apenas para fazel-o sentir tudo quanto ignora. O mudo póde não ter consciencia de sua inferioridade; quem sabe mesmo se por causa de sua grande dextreza mimica não se julga superior a nós outros? Além disto, que peso podem elles dar ao movimento de nossos labios que apenas notam quando fallamos? Não está no mesmo caso o cego; este mede a cada instante com pezar a distancia immensa que o separa daquelle que vê; elle tem mil occasiões de avalial-a; a cada instante ouve junto de si expressões de piedade, por certo bem importunas.

Parece-nos ainda que desta differença deve necessariamente resultar uma outra. O surdo-mudo não deve de certo querer adquirir conhecimentos, cuja existencia não póde mesmo suspeitar; entretanto que o cego arde ordinariamente no desejo de alargar o circulo daquelles que ja possui. O cego constantemente *limando e polindo sua intelligencia com a dos outros homens*, como diz Montaigne, na escu-

ridão das trevas tão favoravel á meditação, experimenta um desejo insaciavel de aprender; é uma febre que o devora, e uma febre nós vemos muitas vezes produzir effeitos verdadeiramente extraordinarios. Um pobre menino bretão ouviu dizer que em Paris havia uma escola para os cegos. Deixa logo sua familia, seu paiz natal, e com uma rabeca na mão, tendo por guia um outro menino, chega depois de muitas difficuldades, que sua linguagem pouco conhecida tornava ainda maiores, á porta do nosso Instituto. Mas, ai d'elle! Sua idade não permite que lhe abramos nossas portas. Todavia elle encontra de um lado alguns professores caridosos da Instituição, que lhe ensinam as sciencias e a musica; de outro lado almas bemfazejas, que commovendo-se de tanta coragem e constancia, lhe abrem um asylo, onde em paga de tantos trabalhos elle goza da vida material. Consagrando todos os dias algumas horas para o estudo, como seu coração trasborda de alegria! Tres annos tem decorrido desde então; e o pobre cego ainda não sentiu um só dia esfriar sua resolução.

No cego a faculdade de aprender está em relação com o desejo de saber; ao lado da neecessidade a Providencia collocou os meios de satisfazela. Os cegos ouvem mais, e melhor do que nós, por isso que são menos distrahidos pelos objectos exteriores; reflectem mais, meditam mais, por isso que vivem mais consigo mesmo; tem mais memoria, porque são obrigados a confiar a esta faculdade maior numero de idéas, que nós, que temos o recurso

dos signaes proprios para despertal-as. Resulta de tudo isto, que os cegos adquirem uma razão mais precoce, sentem mais depressa as vantagens do trabalho, e a elle se entregam de melhor vontade; empregam nos seus estudos um raciocinio bem formado, e seus progressos são muito mais rapidos. Elles tem, é verdade, uma faculdade de menos que nós, mas os outros sentidos se aperfeiçoam na razão dos serviços que prestam quando chamados para supprir o que falta. O tacto e o ouvido principalmente adquirem uma sensibilidade tal, que com difficuldade poderemos apreciar.

Finalmente, se é de direito natural que todos os seres tenham certo gráu de instrucção, da qual se não deve privar nenhum menino, seria um acto barbaro que se estabelecesse uma excepção só para o cego; por quanto, se para qualquer outro a instrucção é de direito natural, para o cego é de direito divino, porque ella é qual raio consolador mandado do céu até seu espirito.

Honra pois a Valentim Haüy, que primeiro teve a idéa de abrir uma escola para os cegos! Honra a Valentim Haüy, que consagrou sua fortuna, e sua vida para essa obra admiravel! Honra a Valentim Haüy, que, resentido da ingratição de sua patria, foi ao estrangeiro despertar os espiritos adormecidos, e consolar os desgraçados!

CAPITULO PRIMEIRO.

ORIGEM E ESTADO PRIMITIVO DO INSTITUTO,

(1784 — 1791).

Valentim Haüy conta de uma maneira simples e bem triste como concebeu a idéa do estabelecimento de uma escola nacional para os cégos (1). «Um facto novo e bem singular, diz Valentim Haüy, no fim do anno de 1786 ou principios de 1787, attrahiu ha alguns annos uma multidão de povo á entrada de um dos cafés dos passeios publicos, onde a melhor gente costuma ir á tarde descansar um pouco das fadigas do dia. Oito a dez pobres cégos, trazendo todos oculos, postados diante de uma estante cheia de musica tocavam uma symphonia desafinada, que parecia excitar o riso dos circumstantes... Um sentimento bem differente se apoderou de nossa alma, e concebemos logo a possibilidade de realisar com vantagem para esses infelizes os meios dos quaes elles se serviam apparentemente, e de uma maneira tão ridicula. Então dicemos comnosco mesmo. Não conhece o cégo os objectos pela diversidade de suas fórmas? Por ventura engana-se elle quanto ao valor de uma moeda? Porque não distin-

(1) Nós escrevemos a historia do Instituto dos cégos, e não a biographia de Valentim Haüy. Desta trata M. Dufau com todo o cuidado, e para elle enviamos nossos leitores.

guiria elle um *dó* de um *sol*, um *a* de um *f*, se podesse apalpar estes caracteres (1)?»

Eis por tanto achada a base fundamental para o ensino dos cegos. O que fazemos com os olhos, elles deviam fazel-o com o tacto; seus dedos finalmente deviam prestar-lhes as mesmas vantagens que nos prestam os nossos olhos.

Não estava porém ainda tudo feito. Haüy tinha apenas concebido a idéa geral. Mas a Providencia, como querendo testemunhar a Haüy sua adhesão a tão nobres sentimentos, conduziu a Paris em 1784 uma menina allemã, que, bem que cega desde a idade de dous annos, tinha recebido muita instrucção, e era tambem excellente musica. Mlle. Paradis, tal era seu nome, tinha tido por mestre um cego como ella chamado Weissembourg, que privado da vista na idade de sete annos tinha com tudo adquirido conhecimentos variados. Já não era portanto uma illusão; os cegos podiam receber uma educação liberal; podiam, por assim dizer, ser restituídos á sociedade.

Haüy proseguiu no seu intento; meditou sobre os meios empregados por alguns cegos para instruir-se. *Saunderson* tinha composto uma machina de calculo; era uma taboa dividida em pequenos quadradinhos collocados horisontalmente e em distancias

(1) Haüy Précis hist. de l'Inst. des Enf. av. p. 119 no livro intitulado— Ensaio sobre a educação dos cegos. A esta pequena obra devo eu muitos detalhes, bem como ao livro de M. Galliod, discipulo de Haüy, impresso em relevo com o titulo de— Noticia historica sobre o estabelccimento dos meninos cegos.

iguales, cada quadrado tinha nove fusos, e era pelas diferentes posições de cavilhas collocadas nesses fusos que elle exprimia toda a especie de numero; esta machina servia igualmente para a geometria por meio de fios, que passados á roda das cavilhas, representavam ao tacto as figuras que as linhas traçadas a lapis ou á tinta representam á nossa vista. *O cego du Puyseaux* tinha ensinado a lêr a seu filho com caracteres moveis em relevo. — *Mlle. de Salignac* fazia tambem uso dos mesmos caracteres. *Lamouroux* tambem os empregava, mas só para a musica. — *Weissembourg* tinha-se habituado tanto com os caracteres em relevo, que elle mesmo os traçara com uma penna; tinha aprendido a geographia em mappas ordinarios divididos por fios guardados de pedrinhas de vidro de diferentes grossuras para indicar as diversas ordens de cidades e cobertas de arêa gelada de diferentes maneiras para distinguir os mares, comarcas, provincias, etc. *Weissembourg* calculava sobre uma taboa pequena quasi como a de *Saunderson*. *Mademoiselle Paradis* finalmente tinha aprendido a soletrar com letras de papelão, e a lêr phrases feitas com a ponta de um alfinete em papelão fino. Tinha uma pequena prensa e caracteres moveis com os quaes imprimia em papel phrases, que compunha á maneira dos impressores, e entretinha por este modo correspondencia com seus amigos. Haüy mandou construir algumas machinas, poz em pratica alguns dos processos de que acabámos de fallar para melhor poder formar um juizo sobre elles; depois tendo sempre em vista ser

util a esta classe de infelizes que, privados de vista e de fortuna, não tinham senão o penoso e triste recurso de mendigar, imaginou um *plano geral de instituição* para os meninos cegos, ajuntando ás descobertas, de que já fallámos, outras que lhe eram proprias (1).

A theoria estava pois assentada; as theorias porém enganam muitas vezes, e Haüy sabia-o tão bem que quiz ensaiar a sua antes de applical-a em grande escala. O acaso fez com que elle achasse um homem, que o céo parecia ter-lhe enviado. *François Le Sueur*, cego seis semanas depois de nascer, era de familia pobre; era bem criança quando começou a conhecêr quanto era pesado a seus pais, e tinha tomado o partido que lhe restava para alliviar o peso de sua miseria: elle esmolava á porta de uma das nossas igrejas, e assim esteve até a idade de dezeseis annos.

Haüy logo que o vio inspirou-lhe a esperanza de melhor sorte, e um nobre enthusiasmo para o estudo. *Le Sueur* dividio o dia em duas partes; uma consagrada a prover sua existencia, e a outra aos exercicios intellectuaes, que foram coroados de promptos resultados (2).

Haüy leu immediatamente em uma sociedade academica uma memoria sobre a educação dos cegos, e mostrou, em apoio do que lia, os resultados

(1) Haüy, *Essai sur l'Educ. des aveugles*. Avant. propos. p. V et VI.

(2) Assim conta Haüy, mas Gailliod assegura que o mestre pagava muitas vezes ao discipulo para poder dispor de todo o tempo que lhe fosse preciso.

que tinha obtido com o moço *Le Sueur*. O presidente da sociedade, o celebre intendente de policia *Lenoir* ficou surprehendido não só da memoria como dos conhecimentos do cego, communicou logo suas impressões aos ministros, e o Conde de Vergennes, o Barão de Breteuil, e os Senhores de Calonne, e de Miromesnil quizeram tambem assistir aos exercicios de *Le Sueur*; todos á porfia procuraram animal-o com generosas gratificações (1).

Dous grandes passos estavam dados: a experiencia se tinha pronunciado, e a attenção publica se tinha despertado. *A Sociedade Philantropica* (e este titulo não era então immerecido), que dava a doze meninos cegos uma pensão mensal de doze libras, confiou-os aos cuidados de Haüy; ella pagou mesmo quem conduzisse muitos desses meninos de casa á escola; e vice-versa (2); ordinariamente era um irmão, uma irmã, quem percebia essa modica retribuição.

A Sociedade Philantropica não parou ahi; ella comprehendeu mais dignamente a sua missão. Muitos de seus membros, os Senhores de Villequier, gentil homem da Camara, de Vergennes, ministro

(1) Haüy, Précis hist. de l'Inst. des enfants aveugles, p. 121.

(2) A escola esteve a principio na rua Coquilliere; em 1786 mudou-se para a rua Notre Dame des Victoires, para a casa que tinha então o n. 18, defronte do lugar em que está hoje a Bolsa. (Haüy, Précis hist., p. 121, et Prospectus, modele n. X, imprimé à la fin de l'Essai sur l'éducation des aveugles.—Galliod, Notice hist., p. 9 et 10). Poder-se-hia deduzir do que escreveu o Dr. Guillié, em uma obra que a este respeito como a muitos outros, está bem longe de ser exacta, que a escola dos cegos esteve desde 1784 na rua *Notre Dame des Victoires*, o que é erro que infelizmente tem sido muitas vezes repetido.

da casa do Rei, Desessart, Mandat, Tassin de Létang (1), encarregaram-se conjunctamente com Haüy da administração da escola; nobre e respeitavel protecção que elevava o estabelecimento á estima publica, chamava a confiança dos pais, e excitava a emulação dos discipulos! E na verdade como não ter interesse por uma escola onde os de Villequier e os de Vergennes se apresentavam, por assim dizer, como seus instituidores? Que familia não solicitaria a honra de confiar seus filhos a taes protectores? Que menino deixaria de sentir-se orgulhoso quando chamado por taes homens (2)? « Seja-nos permitido, dizia Haüy, nomear todos os membros desta sociedade respeitavel, que não tendo nem reputação, nem fortuna a adquirir, quizeram partilhar connosco, modestamente e em silencio os numerosos trabalhos a que somos obrigados na direcção do estabelecimento (3)! »

A principio poder-se-hia crer que o acaso tinha feito com que Valentim Haüy encontrasse um desses prodigios, que a natureza algumas vezes como que se diverte em formar, e que nenhum outro cego poderia como *Le Sueur* vencer tantas difficuldades: mas quando sobre quatorze cégos (tal era o seu numero no principio de 1785), apenas houve tres, cujos progressos foram lentos, por isso que como

(1) GaiHiod, Not. hist., p. 10.

(2) Mandat vinha ordinariamente fazer a chamada de manhã. E' o mesmo Mandat, ex-capitão das guardas francezas, que chefe de um batalhão da guarda nacional, foi encarregado de defender as Tuilherias no dia 10 de agosto e morreu assassinado.

(3) Haüy, Précis hist., p. 122.

muito judiciosamente observa Haüy, gozando estes ainda de um ligeiro raio de luz, seu tacto se desenvolvia muito menos, não foi mais possível duvidar da efficacia dos processos empregados para instruil-os.

Nada mais faltava ao fundador da escola dos cégos e á mesma escola do que o suffragio publico dos sabios; e este não se fez esperar. A academia das sciencias chamada a julgar do methodo de Haüy, reconheceu que muitas tentativas e differentes meios se tinham até então empregado, com mais ou menos successo, para a instrucção dos cégos, mas que ninguém tinha ainda pensado em reunir os differentes systemas e discutil-os para poder formar então um methodo seguido e completo. Examinando depois os processos empregados pelo proprio director do estabelecimento, diz a commissão relatora (1). « Haüy emprega as letras em relevo para que o cégo se acostume a reconhecel-as pelo tacto, como o menino, que começa a aprender a lêr, reconhece pela vista as letras escriptas ou impressas.—Estas letras são separadas e moveis como as dos impressores; formam-se com ellas linhas sobre uma taboa cheia de encaixes onde se introduz a extremidade da letra; quando o cégo conhece-as bem, elle mesmo as vai procurar nas casas onde estão dispostas, e arranja-as sobre a taboa como um *compositor* de *typographia*.»

(1) Relatores : os Srs. Duque de la Rochefoucauld; Desmarets, Demours, et Vicq-d'Azir. Vide o relatorio no livro de Haüy, pag. 127. Este relatório é de 18 de fevereiro de 1785.

Foi assim que Le Sueur tinha aprendido a lêr, e este processo podia dizer-se o do cégo de Puyseaux e de Mlle. de Salignac, como observam os relatores da Academia; mas, continuam elles, e aqui a invenção não pôde ser disputada a V. Haüy. « Haüy sentio a necessidade de procurar um meio para formar livros para uso dos cégos, afim de que podessem lêr por si sós. Imaginou portanto imprimir em papel grosso de maneira que as letras podessem conservar um relevo sufficiente para que o cégo podesse lêr pelo tacto. Nós vimos um desses livros em que o cégo leu as phrases, que se lhe indicavam. » Haüy declara mesmo como teve a idéa de imprimir em relevo. « Observámos que uma folha de papel sahindo da imprensa, diz elle, apresentava no *verso* todas as letras em relevo, mas na ordem contraria áquella porque lemos. Fizemos fundir caracteres typographicos em sentido opposto do que são geralmente feitos, e com um papel molhado, como aquelle de que se servem os impressores, chegámos a tirar o primeiro exemplar, que *tinha até então* apparecido com letras, cujo relevo podesse distinguir-se pelo tacto (1). »

(1) *Essai sur l'éducation desaveugles*, p. 19 et 20. Gailliod explica da maneira seguinte a origem da impressão em relevo : um dia por acaso veio ás mãos de Le Sueur um bilhete de enterro impresso em papel grosso sobre o verso do qual elle pôde reconhecer a letra o. Haüy surprehendido fez logo com a ponta do cabo do seu canivete, apoiando-a um pouco mais fortemente sobre um papel grosso, letras, que o discipulo pôde logo reconhecer, o que lhe deu a idéa dos livros e da escripta em relevo. A escripta dos discipulos de Haüy era com effeito a mesma que aqui indica Gailliod, Haüy arranjou tambem os seus primeiros mappas segundo este processo. Gailliod, *Précis hist.*, p. 5 et 6.

« Os processos empregados para os calculos, continúam os relatores, são semelhantes aos que descrevemos para as letras ; o cego colloca os algarismos sobre a taboa, e faz todas as operações sobre os numeros inteiros com a mesma facilidade : por esse meio porém as operações sobre as fracções seriam muito mais longas e complicadas. Haüy simplificou-as formando para esta especie de calculo caracteres feitos para conterem ao mesmo tempo o numerador e o denominador, sendo uma parte delles amovivel para poder-se á vontade substituir tal ou tal algarismo e desta maneira, com um pequeno numero de caracteres diferentes, pôde o cego fazer todas as operações sobre as quantidades fraccionarias. »

« Haüy, lê-se ainda no relatorio, não pôde reduzir tanto o numero de signaes necessarios para a musica ; cada um dos caracteres contém as cinco linhas e os quatro intervallos com um só signal ; foi-lhe mesmo preciso formar tambem alguns outros para os signaes que se acham accidentalmente ácima e abaixo das cinco linhas ordinarias ; e apesar desta multiplicidade o cego reconhece-os facilmente graças á boa ordem em que estão collocados. »

« O processo para o estudo da geographia é pouco mais ou menos o que emprega Weissembourg. O contorno das differentes divisões é um relevo, e o cego apalpando reconhece os differentes paizes pela sua forma : poder-se-ha empregar, para fazer reconhecer as cidades ou outros pequenos objectos, relevos de diversas fórmas, e as materias, como a arêa, o vidro, etc., que se pôdem facilmente

conhecer pelo tacto, para distinguir os mares, os lagos, os rios, e concebe-se que não é difficil o multiplicar esses signaes tanto quanto for necessario. »

Peço perdão ao leitor de entrar em todos estes detalhes; escrevendo porém a historia de uma escola especial, não quereria omitir cousa alguma que podesse interessar já aos que nos lerem por simples curiosidade, já tambem áquelles que desejarem estudar seriamente a materia.

O mesmo relatorio falla de uma maneira precisa sobre o estado do estabelecimento no principio do anno de 1785. « Le Sueur, dizem os relatores, executou aos olhos da Academia, todos os trabalhos de que fallámos, e nós o vimos fazel-o com promptidão e facilidade; repetio todos detalhadamente, e mesmo alguns de mais; leu por exemplo caracteres *curtivos* feitos com a ponta de um alfinete em papel grosso, e outros escriptos com a ponta do cabo de um canivete, cujo relevo era pouco consideravel; leu-os com muita facilidade, e agora trabalha para empregar *letras metade menores do que as que foram apresentadas á Academia* (1).

« Não só este moço é instruido, mas elle é ainda o mestre dos outros cegos, a quem transmittie os seus conhecimentos pelo mesmo processo porque

(1) Haiiy fez no principio fundir letras muito grossas (n.º 0.0135) que serviam para a leitura e operações arithmeticas; fez depois fundir letras mais pequenas (n.º 0.0045) que serviam para a impressão dos livros em relevo; todos se apartavam da fórma ordinaria, e eram como o meio termo entre os caracteres typographicos e os que formamos quando escrevemos. Haiiy empregava tambem algumas vezes para a leitura as letras de madeira em vez das de metal. *Sour. de M. Gailliod.*

aprendeu. Nós vimos esta escola que apresenta um espectáculo curioso e ao mesmo tempo triste; muitos meninos cegos, de um e de outro sexo, aprendem de um mestre também cego, recebem alegres a instrucção que se lhes communica com o maior interesse, e todos parecem glóriar-se de adquirir uma nova existencia. » Os relatores observam que a educação do joven Le Sueur, actualmente com 17 annos, data apenas de oito mezes. « Este infeliz, dizem elles, tendo nascido cego e na indigencia, não pôde adquirir pelos outros sentidos senão idéas as mais triviaes..., e se os successos de que fomos testemunhas, fazem honra á intelligencia do discipulo, elles devem causar satisfação e gloria ao mestre, cujo talento bemfeitor merece o reconhecimento publico (1). » A escola contava já mais de vinte discipulos.

O relatorio lido á Academia não falla nem de musica, nem de trabalhos manuaes. Julgamos porém que já nessa época os discipulos de Haüy se davam aos trabalhos manuaes e talvez também á musica (2).

(1) Por erro se attribuiu este relatorio a Condorcet, que não fez senão certificar que estava conforme com o original a copia que Haüy fez imprimir.

(2) Na primeira reunião dos membros da Sociedade Philantropica encarregados de administrar a escola conjunctamente com Haüy decidio-se: « Que os cegos, que estavam occupados em fiar n'uma machina de invenção do Snr. Hildebrand, se reuniriam á escola de V. Haüy. Hildebrand consentio nisso, fez transportar a machina para o estabelecimento e foi por isso recompensado pela Sociedade. - Galliot, *Notice hist.*, p. 11. Reformou-se esta machina substituindo-lhe rodas. Então fazia-se também cordão, rêde, e bolsas. Haüy, *Essai sur l'éd. des aveugles*, p. 117, note 21.

Como quer que seja o suffragio da Academia de Sciencias acabou de assegurar a opinião publica á escola dos cegos, e todos á porfia procuravam trabalhar a favor della.— Assim a Academia Real de Musica deu no dia 19 de fevereiro de 1786 (1), no palacio das Tuilherias, um concerto em beneficio dos cegos. O Abbade Aubert compoz as letras e Gossec a musica de um hymno que excitou a compaixão a favor destas crianças :

Para em nós cumular os teus favores
Nossas palpebras abre um só instante,
E depois para sempre, ó céu, nos priva
De vêr raiar de Phébo a luz brilhante.

Contemplem nossos olhos os semblantes
Daquelles, cuja mão nos auxilia,
E, de novo cerrados, nossas almas
Sua imagem guardarão com alegria.

Os meninos cegos foram os actores nesta solemnidade, onde cada um mostrou o que sabia.

O Lyceu, o Museu, a sala de correspondencia disputaram-se a preferencia de vêr no seu recinto os meninos cegos balbuciarem, para nos servirmos da expressão de seu digno Director, os primeiros elementos da leitura, do calculo, etc.—Os exercicios dos cegos terminavam sempre por uma collecta a favor destes infelizes. Estas quantias eram lançadas na caixa da Sociedade Philantropica encarregada de prover ás despezas do estabelecimento.

(1) Haüy diz umas vezes 19, outras vezes 17 de fevereiro. A escola estava ainda na rua Coquillière, *Souv. de M. Gailliod.*

Finalmente no dia 26 de dezembro de 1786 os meninos cegos foram chamados a Versailles para fazerem os seus exercicios diante do Rei e de toda a familia real, e o programma dessa festa nos deixa conhecer detalhadamente a instituição de Haüy nessa época (1).

Vinte e quatro meninos cegos (15 rapazes e 9 meninas) e um menino com vista figuram neste exercicio, isto é: 17 pensionistas da casa philantropica de Paris (10 rapazes e 7 meninas), 1 pensionista da casa philantropica de Versailles, 2 meninas postulantes, 2 meninos admittidos gratuitamente, e outros dous que pagavam em beneficio dos meninos cegos.

Eis o programma dos exercicios :

« 1.º Alguns instantes antes da chegada do Rei a
« maior parte dos discipulos largarão os trabalhos
« manuaes, e executarão com muitos instrumentos
« uma introdução musical. Durante este tempo e
« até o fim do exercicio os outros continuarão a tra-
« balhar. » A orchestra compunha-se de 4 rabecas,
1 contralto, 1 rabecão, 2 flautas, 2 cornetas, e um
outro discipulo tocava piano. Outro dirigia a orches-
tra pequena (2). Pelo que diz respeito aos trabalhos
manuaes, 2 discipulos fiavam, 4 faziam meia, 3 fa-
ziam cordas, 1 cintas, 1 trança para bolsas, 2 fille-

(1) Vide esse programma impresso no fim do *Ensaio sobre a educação dos meninos cegos*. A escola era então na rua Notre Dame des Victoires. *Souv. de M. Gailliod*.

(2) *Souv. de M. Gailliod*.

tes,—4 faziam rêdes, 1 moldes de cera (1), 2 compunham, 2 imprimiam, e 1 encadernava. »

« 2.º Huard, 2.º alumno, comporá logo que lhe « for ditado, uma phrase dada á abertura de qual-
quer livro francez por S. M. »

Huard tinha grande disposição para a poesia. Compoz sobre a Instituição dos cegos uma ode (2) que recitou, segundo dizem, diante do Rei e sua comitativa. Esta ode foi impressa muitas vezes.

« 3.º Le Sueur, 1.º alumno, que estará fóra da « sala quando se lhe ditar uma phrase, entrará im-
« mediatamente, lerá a dita phrase, e arranjará por « sua ordem todas as letras na caixa. »

« 4.º O mesmo Le Sueur resolverá qualquer cal-
« culo arithmetico, que se proponha. »

« 5.º Auroy, menino com vista, com 4 annos e 3 « mezes de idade, discipulo de um cego, lerá pela
« primeira vez. » O menino Auroy começou as pri-
meiras lições de leitura no dia 5 de dezembro (3).

« 6.º Differentes alumnos lerão immediatamente « que lhe abrirem os livros. »

« 7.º Le Sueur lerá logo que se lhe apresentar « uma phrase escripta em relevo sobre papel. »

« 8.º O mesmo Le Sueur comporá uma chapa « de impressão para os que tem vista, entretanto
« que Huard fará uma outra para os cegos. »

(1) Caras, cabeças, braços, etc. Este discipulo tinha vista, e entrou para a Instituição na idade de 13 annos.

(2) Gailliod, p. 19, vide tambem Haüy, Essai sur l'éd. des av., p. 118, et 124.

(3) Haüy. Essai sur l'éd. des av., p. 115, note 5.

« 9.° Le Sueur soffrerá diferentes exames de geographia em mappas a relevo. »

« 10. Na occasião de partirem Suas Magestades e a familia real, os alumnos cantarão o seu hymno que terminará pela execução de um *rondó* em musica. » Este hymno é o mesmo que foi cantado no concerto dado no principio do anno pelos artistas da Academia Real de Musica, e fará de ora em diante parte de todos os exercicios dos meninos cegos.

Contemplem nossos olhos os semblantes, etc.

O Rei, a Rainha, os Principes mostráram-se muito satisfeitos, e os meninos cegos estiveram oito dias hospedados no palacio de Versailles.

Logo depois destes exercicios, que tiveram lugar na presença do Rei, Haüy, publicou com o titulo de *Ensaio sobre a educação dos cegos*, um livro que foi impresso por seus discipulos, parte em relevo, parte em letras ordinarias. Este livro que é a perfeita imagem do espirito e do coração do instituidor da escola dos cegos, ao mesmo tempo que nos mostra todas as suas vistas, todos os seus ensaios, nos penetra de profunda estima por seu character. Lendo este livro não sabemos o que mais devemos admirar, se os engenhosos esforços da intelligencia de seu autor, ou se a pureza de sua alma. « Com quanto nada se tenha inventado, diz Haüy, que não excite logo os clamores da inveja e da ignorancia, nós nos li-songeamos de que nossa Instituição nada tem que temer de seus golpes. Sua natureza, as luzes do seculo em que vivemos, a boa indole de nossos

« concidadãos, tudo nos assegura que, na continua-
« ção de nossa obra, só teremos de resolver objec-
« ções propostas por uma critica sabia e bem inten-
« cionada, que auxiliará nossos esforços em vez de
« arrefecel-os. Assim responderemos a todas aquel-
« las que disserem respeito ás causas que deram lu-
« gar á Instituição e aos seus meios de ensino. Fa-
« remos mais: procuraremos afastar da imaginação
« de nossos leitores tudo o que poderia illudir
« áquelles, que não assistiram aos nossos exerci-
« cios, e a quem partidarios exagerados de nossa
« Instituição poderiam apresentar como maravilha
« o que não é senão um facto muito natural. »

« Ensinar aos cégos, diz Haüy, a leitura em livros
« a relevo, e por meio desta leitura ensinar-lhes a
« imprimir, a escrever, o calculo arithmetico, as
« linguas, a historia, a geographia, as mathemati-
« cas, a musica, etc.; ensinar a esses infelizes as
« diferentes artes e officios, a fazer rêdes, meias,
« a brochura dos livros, a fiar, a tecer, etc.; 1.º para
« que os das classes abastadas possam passar a
« vida de uma maneira agradável; 2.º para arran-
« car á mendicidade os que não são favorecidos da
« fortuna, e restituil-os á sociedade dando-lhes
« meios de subsistencia: tal é o nobre fim de nossa
« Instituição. »

Pelo que diz respeito aos meios de ensinar poucas
cousas ha que não tenham sido descriptas; nada ha
de novo senão no que toca á escripta e aos mappas
geographicos.

Haüy declara que tentou debalde o emprego das

tintas em relevo, o que o induzio a mandar fazer uma penna de ferro não fundida para podel-a apoiar fortemente em papel grosso, e escrever letras que podessem ler-se pelo verso da folha (1). Os cégos habituavam-se a escrever seguindo com um ponteiro letras gravadas em uma chapa de metal; quando já conheciam a fórma das letras, para escreverem direito punham sobre o papel uma especie de rama de impressão guarnecida de muitos cordões pequenos parallelos, na distancia de pouco mais ou menos dous centímetros entre um e outro, que serviam para dirigir a mão. É preciso confessar que estas tentativas não tiveram nem podiam ter resultados muito uteis. Quanto a fazel-os escrever como nós, ou por meio da penna ou do lapis, Haüy nem mesmo o tentou. Occupado sempre do nosso ponto de vista, dizia elle, isto é, tornar a nossa instituição util a todos os respeitos, julgamos que apenas poderia ser curioso ensinar aos cégos a escrever, uma vez que não podessem lêr o que escrevessem (2).

Nos seus mappas geographicos Haüy contentava-se em marcar os limites com fios de ferro delicados e arredondados, por isso que tinha observado que era sempre a differença ou da fórma ou da grandeza de cada parte de um mappa que ajudava os alumnos a distinguil-a uma da outra. « Imaginamos este « meio, dizia Haüy, de preferencia a qualquer ou-

(1) Vide a nota da pag. 18.

(2) Haüy, Essai sur l'éd. des avengles, p. 66. Differentes ensaios se fizeram depois, mas todas as machinas e todos os proecessos inventados para este effeito deixam muito a desejar.

« tro, por causa da facilidade que nos dá de imprir-
« mir um grande numero de nossos mappas origi-
« naes para o uso dos cégos. » Todavia este ponto
necessita ser completamente explicado: tomavam-se
dous mappas semelhantes; collocava-se o primeiro
sobre uma folha de papelão, applicava-se depois,
aos contornos dos differentes paizes, com colla
forte, um fio de ferro coberto de papel; cobria-se
o todo com o segundo mappa untado de massa;
estendia-se um pedaço de baetilha dobrada sobre o
mappa, e passava-se por cima em todos os sentidos
um cylindro para fazer sobresahir o relevo formado
pelo fio de ferro (1). Este systema foi empregado
na Instituição até estes ultimos tempos, em que
foi substituido com muita vantagem.

O que Haüy nos diz da musica nos deixa bem
vêr o que elle pensava desta arte e sua utilidade para
os alumnos. « Traçando o plano de educação dos
« cégos não tínhamos a principio encarado a mu-
« sica senão como um accessorio proprio para fa-
« zel-os descansar de seus trabalhos. Porém as dis-
« posições naturaes da maior parte dos cégos para
« esta arte, os recursos que ella póde trazer a mui-
« tos delles, o interesse que parece inspirar áquelles
« que assistem aos nossos exercicios, tudo nos levou
« a sacrificar nossa opinião particular á utilidade
« geral. Os cégos tem disposições naturaes para esta
« arte: um numero consideravel d'entre elles, des-
« providos de meios de vida, abraçam logo por ne-
« cessidade uma profissão, para a qual já tinham

(1) Gailliod, Notice hist., p. 7 et 8. Vide tambem a nota da pag. 18.

« antes muito gosto. Nossa Instituição vai pois ajudal-os já no estudo, já na pratica desta arte. » Haüy allude aqui á musica impressa em relevo; a experiencia porém não confirmou suas previsões. Elle pede por fim a seus leitores que não considerem a musica, que ouvem no exercicio dos cégos, senão como um honesto passatempo que foi obrigado a conceder a seus alumnos. Todavia seu engenhoso espirito, e talvez mais ainda seu excellente coração, sempre propenso a adivinhar o bem, fazia-o desde então entrever que a musica podia vir a ser um dia de muita utilidade para seus filhos adoptivos (1). Quanto aos trabalhos manuaes, Haüy nos diz tudo quanto já sabemos, mas do seu livro vê-se que elles tinham a seus olhos grande importancia. « Não temo medo de dizer, escrevia elle, que, se continuarem a ajudar-nos, um dia virá em que todos os cégos occupados com trabalhos proveitosos, estarão a abrigo da indigencia (2). »

Qualquer que lêr certos capitulos do *Ensaio sobre a educação dos cégos*, não poderá deixar de fazer a triste reflexão de que elles foram escriptos mais para repellir as hostilidades de alguns incredulos e mesmo maldizentes, do que para esclarecer um publico justiceiro. « Em que póde ser util a vossa escola, diziam alguns ao director dos cégos? Satisfa-

(1) Haüy dizia, pensando em alguns cégos musicos de profissão:—Que consolação não teriamos se pudessemos um dia tirar d'uma arte tão agradavel meios de subsistencia para um grande numero de-les infelizes, o vêl-a tornar-se, por uma feliz escolha, o instrumento da beneficencia! — Essai sur l'éd. des av. p. 116 note 16.

(2) Haüy, Essai sur l'éd. des av. p. 117, note 20.

« zeis o amor proprio dos cegos com fortuna, nisso
« concordamos nós; mas quaes as vantagens para os
« outros? Dando aos vossos cegos uma educação com-
« pleta, segundo o vosso plano, terieis o projecto de po-
« voar a republica das letras e das artes de sabios, de
« professores e de artistas capazes, ainda que cegos,
« de figurar nella, e mesmo de encontrar meios certos
« de subsistencia nos seus proprios trabalhos (1)?»
« Não, respondia modestamente Haüy, em nada
« teremos a pretensão de fazer concorrer o mais ha-
« bil dos nossos cegos com o mais mediocre dos
« sabios ou dos artistas com vista; mas quando na
« falta destes aquelles poderem ser de alguma ma-
« neira uteis, então nós os recommendaremos á be-
« nevolencia publica; e se não for nem o gosto dos
« talentos, nem a necessidade de empregal-os que
« soccorra aos nossos cegos, talvez seja o amor da
« humanidade. Quantas vezes não temos já visto a
« beneficencia prescrever engenhosamente trabalhos
« para estes infelizes com o fim de soccorrel-os sem
« offender-lhes o amor proprio?» Eis o que respon-
dia o instituidor da escola dos cegos, e appellava
com confiança para o futuro. A experiencia confir-
mou por sem duvida as previsões de Haüy, ultra-
passou-as mesmo. A esses incredulos, a esses detra-
ctores fracos e invejosos Haüy poderia dizer hoje :
—percorrei todos os pontos da França, visitai a offi-
cina deste, que faz cestos, daquelle que faz escovas,
daquelle outro que tece, cegos que vivem de seu tra-

(1) Haüy, Essai sur l'éd. des av. p. 10 et 11.

balho; ide a casa desse cego fabricante de pianos, tão celebre na sua arte; ide assistir ás classes de solfejo ou de harmonia, ou ás lições de instrumentos feitos pelos cegos, subi ao côro das igrejas, e em cincoenta dellas vereis os cegos tocando orgãos, ide ouvir a execução de todos esses pedaços de musica desde a mais simples até á symphonia a grande orchestra compostos e executados pelos cegos; entrai no gabinete de estudo ou na classe desses professores de mathematicas, de physica, de historia natural, de geographia, bellas letras, todos cegos—: Haüy poderia ainda ajuntar :— Percorrei a Europa, percorrei mesmo os dous mundos, e vereis como todos os povos abraçaram o meu methodo de ensino, e abriram escolas para os cegos—: Podia finalmente ainda dizer—: escutai e ouvireis em todos esses lugares o meu nome saudado com respeito e reconhecimento por todos esses cegos arrancados á miseria e á ignorancia; e vinde então dizer-me, se sois capazes: para que serve vossa Instituição? O que pretendeis fazer dos cegos? Ah! retirai, retirai depressa essas palavras inconsideradas, ou temei que ellas chamem sobre vós a colera dos homens e o castigo do céu !—

Quando se publicou o livro de Haüy, isto é, no principio do anno de 1787, a escola dos cegos, sustentada sempre pela Sociedade Philantropica, contava trinta alumnos (1), entre os quaes havia alguns filhos de pais abastados, que pagavam uma

(1) Haüy, Précis. hist. pag. 125.

mensalidade a favor da escola (1). Os trabalhos manuaes feitos pelos cégos, e pagos sempre generosamente, o que se concebe bem, e as offertas dos visitantes que nunca se retiravam sem deixar uma prova de seu interesse pelo bem-estar do estabelecimento, concorriam tambem para alliviar as despezas da Sociedade Philantropica. Estes exercicios terminavam sempre pelo hymno :

Contemplem nossos olhos os semblantes, etc.

Alguns annos decorreram sem notavel alteração no estabelecimento (2). A musica só tomou algum desenvolvimento, graças aos cuidados de Gossec, cujo nome deve ficar ligado á origem do Instituto dos cégos, e a alguns outros artistas, que concorreram muito de sua parte para introduzir o gosto pela musica no estabelecimento dos cégos. O primeiro, como já vimos, gostava de compôr cantos ou pedaços de orchestra para os cégos, os segundos ensinavam a pratica dos instrumentos (3). Emprêgo muito de proposito a palavra pratica, porque muito difficilmente os meninos cégos conheciam as notas que davam. Neste mesmo anno, 1787, os musicos da escola de Haüy tocaram em Santo Eustaquio em uma solem- nidade religiosa : no dia 29 de junho muitos alum-

(1) Uma pessoa que morava no corpo principal do edificio recebia alumnos pensionistas, quando os pais assim o queriam; a escola porém não recebia senão externos. Vide o programma impresso no fim do livro de Haüy, exemplar n. 10.

(2) D'ora em diante deixaremos o livro de Haüy; nosso guia será o de M. Gailliod.

(3) Gailliod, Notice hist. p. 8.

nos fizeram a sua primeira communhão, e os meninos cegos executaram por occasião da missa muitos motêtes compostos por Gossec : era a primeira vez que se atreviam a voar tão alto. A orchestra era com tudo a mesma de Versailles.

Sete mezes depois, a 13 de fevereiro de 1788, veremos os mesmos meninos aos pés de um outro altar. Era a vespera de S. Valentim. Tinha-se levantado no estabelecimento uma pequena capella; o irmão do fundador da escola, o celebre Abbade Haüy a tinha benzido, e todos os meninos ahi vinham rogar a Deos pelo seu digno Instituidor, por seu pai adoptivo. Depois da cerimonia teve lugar um concerto. Um dos alumnos, o joven Huard, que, como já vimos, tinha-se feito notavel por algumas peças de poesia, tinha composto um côro final em honra de Valentim Haüy, cuja musica era de Gossec (1):

RECITATIVO.

Amigos, para sempre respeitemos
De nosso Instituidor nome e talento :
Em nós, supprindo o erro da natura,
Da luz seu genio substitue o invento.

CÔRO.

Generoso mortal, que o ser nos dás !
Celebremos teu zelo e beneficios ;
Só tú podes roubar da natureza
Altos segredos para nós propicios ;

(1) Gailliod, Notice hist. pag. 23 et pièce C.

Sim ; teus cuidados, tua paciência,
Vencendo affeitos da cegueira os vícios,
Nossas lagrimas tristes enxugaram,
E os nossos pezares dissiparam.

UMA VOZ.

Os seus soccorros ficam na lembrança,
Pois reanimam nossa fraca esp'rança :
Se os olhos para a luz fechados 'stão,
Os peitos se abrem para a gratidão.

CÓRO.

Generoso mortal, que o ser nos dás !
Celebremos teu zelo e beneficios ; etc.

Foi de certo este um dia de verdadeira felicidade para o Instituidor e para os discipulos. Estes eram então em numero de 50 (1).

Tendo sido crescido o numero dos instrumentistas e mais ainda o dos harmonistas, Haüy propoz ao Cura de Santo Eustaquio se queria que os cégos tocassem e cantassem na procissão de Corpus Christi, e com geral admiração elles acompanharam a procissão. A' sahida desta teve lugar uma missa musical. Esta cerimonia não deixa de ter alguma importancia na historia da Instituição, porque nessa occasião a Sociedade Philantropica deu aos alumnos uma vestimenta, em cujos botões lia-se : *Instituição dos Meninos Cegos*, e as letras iniciaes das palavras Socie-

(1) Haüy, Précis hist., imprimé in relief em 1788, p. 59.

dade Philantropica. Assim crescia pouco a pouco o estabelecimento (1).

Entre os mesmos cegos, havia um com extraordinario talento para a musica, era o joven Gailliod, que tinha entrado para a Instituição a 19 de março de 1787 com dez annos de idade. Um de seus camaradas, que, segundo suas expressões, arranhava na rabeca, deu-lhe um instrumento, e elle por sua vez tambem arranhou na rabeca. Um outro, que tocava segunda clarineta na pequena orchestra, cahio doente; disse-se a Gailliod que era preciso que elle o substituísse; Gailliod recebeu algumas noções do seu collega e tocou clarineta. Desde 1788, com 11 annos de idade, o joven Gailliod tocava nessa orchestra, ora segunda clarineta, ora segunda rabeca. É preciso com tudo confessar que, se este facto prova a favor do talento do joven musico, de quem teremos ainda muitas occasiões de fallar, não dá por certo uma alta idéa da orchestra em geral. Gailliod convém francamente hoje que com effeito a orchestra era bem pobre; que, no interesse d'um estabelecimento ainda tão novo, tinha-se mais em vista a quantidade do que a qualidade dos musicos; que muitos destesahi estavam *pro forma*, que alguns mesmos, que podiam comprometter a reputação de toda a orchestra, tinham untado os arcos com cebo em vez de resina (2).

(1) Gailliod, Notice hist., p. 24, et 25. No concerto dado em 1786 pela Academia Real de Musica os alumnos trajavam uma vestimenta de côr cinzenta, que se podia então considerar como um uniforme.

(2) Souv. de M. Gailliod.

Como alguns alumnos de Haüy já davam lições a meninos com vista, seu instituidor abriu em 1789, a bem delles, uma classe contribuinte para os de um e outro sexo. Nesta classe os professores cegos ensinavam a leitura, o calculo, grammatica, geographia e historia. As meninas cegas ensinavam ás que tinham vista. Para as lições de escripta e desenho havia nas classes decuriões com vista. Havia então tres classes no estabelecimento: a dos cegos, a dos meninos e a das meninas com vista; dous soldados suissos eram encarregados da policia das classes dos rapazes: uma mulher de fóra do estabelecimento era encarregada da classe das meninas. As duas classes com vista tinham pouco mais ou menos cem meninos, a dos meninos era muito maior que a das meninas. A classe para os que não eram cegos durou apenas de 1789 a 1791 (1).

Haüy comprehendia muito bem que não bastava fazer cousas boas, mas que mesmo no interesse dessas cousas importava que ellas fossem muito conhecidas. Assim elle não perdia a occasião de chamar a attenção do publico para a sua escola e seus alumnos. Haüy pensava mesmo que, a bem do seu estabelecimento ainda tão novo, era necessario que os alumnos apparecessem a fim de solicitarem um in-

(1) Gailliod, *not. hist.*, p. 26, *et souv.* Tinha-se então impresso para os cegos um *resumo da grammatica franceza* de Wailly, e o *Cathecismo de Paris*. Imprimio-se tambem ao mesmo tempo *parle d'un o Salutaris* de Goussec, bem como outros pedaços de musica que os cegos aprendiam por si mesmos; é verdade porém que esta musica não deu grandes resultados. Haüy empregava na impressão da grammatica um systema de abreviação, que não compensava seus inconvenientes.

teresse de outro genero. Luiz XVI e sua côrte tinham vindo repentinamente de Versailles a Paris, e os musicos da capella ainda senão tinham reunido nas Tuilherias; Haüy pediu então e foi-lhe concedido fazer celebrar por seus alumnos uma missa musical no palacio do Rei, diante do Principe e sua familia (1).

Por este meio a orchestra e o côro dos meninos cegos fizeram-se cada vez mais conhecidos; e no anno seguinte, 1790, muitas igrejas solicitaram de Valentim Haüy missas com musica.

Nessas solemnidades havia sempre uma collecta a favor do estabelecimento dos cegos (2).

Entretanto a revolução marchava a grandes passos, e seus principios occupavam todas as cabeças: os cegos tambem começaram a sonhar com a independencia, e um dia proferiram gritos de viva a liberdade! Haüy deu a esses gritos o valor que elles poderiam merecer, veio com um volume de Lafontaine na mão, e leu no meio de seus discipulos uma fabula applicavel ás circumstancias d'então; os maiores comprehenderam a fabula, e a maior ordem reinou no estabelecimento. Outro perigo porém mais real ameaçava o estabelecimento: a Sociedade Philantropica perdia todos os dias muitos de seus membros, e para logo não pôde mais sustentar o Instituto dos cegos; houve então uma crise bem difficil de vencer, e o futuro parecia ainda mais assustador. Haüy não se deixou illudir; comprehendeu bem que

(1) Gailliod, *not. hist.*, p. 26, et souv.

(2) Gailliod, *not. hist.*, p. 27 et 28.

debalde empregaria todos os seus esforços para lutar contra a miseria, e dirigio suas supplicas ao governo. Haüy esperou por muito tempo; a revolução porém fazia-se em nome da humanidade, em suas bandeiras se lia que todos os homens são irmãos, e o estado adoptou os meninos cegos: começou então uma nova era para a Instituição de Haüy.

CAPITULO SEGUNDO.

PERIODO DE DECADENCIA.

(1791 — 1814).

No primeiro periodo desta historia vimos o genio da beneficencia levantar á custa de nobres esforços um desses monumentos que fazem época nos annaes da humanidade. O segundo porém que se apresenta agora diante de nós mostra pelo contrario a foice da destruição constantemente suspensa sobre o Instituto dos cegos.

O Instituto passou a ser um estabelecimento nacional; Valentim Haüy deu graças á Deos, e julgou sua obra mais que nunca consolidada, e seus filhos adoptivos ao abrigo da miseria; só lhe restava gozar da posição honrosa que a patria acabava de conceder-lhe. A illusão porém não durou muito tempo, e bem depressa o Instituto dos meninos cegos teve de passar por provas muito mais crueis, do que as que tinha então soffrido; Haüy teve mais que nunca de

defender a obra de sua criação contra as miserias do tempo e o máo genio dos homens.

Por um primeiro decreto com data de 21 de julho de 1791 (1), a assembléa nacional decidio que o sitio e os edificios do convento dos então chamados *Celestinos* em Paris, perto do arsenal, « seriam todos destinados para as escolas de educação dos surdos-mudos e dos cegos de nascença. » Um segundo decreto de 28 de setembro (2) conformou estas disposições e organisou a Instituição dos cegos de nascença. Este ultimo decreto creou um primeiro director (Valentim Haüy), um segundo, um adjunto, dous inspectores chefes de officina, duas directoras d'entre as meninas mestras de trabalhos, quatro mestres de musica, tanto vocal, como instrumental, todos com vista; finalmente oito repetidores cegos; ao todo dezenove professores, para os quaes abonava-se a somma de 13,900 libras. Todos tinham casa, e, á excepção do primeiro e segundo director, tambem mesa.

O primeiro director dos cegos e o primeiro director dos surdos-mudos deviam apresentar os candidatos para os differentes empregos ao *departamento de Paris*, isto é, á autoridade departamental, á qual pertencia a nomeação. Os cegos de nascença deviam ser de preferencia admittidos áquelles empregos que *sua enfermidade e seus talentos* melhor lhes permitissem desempenhar.

O mesmo decreto creava tambem pensões gratui-

(1) Promulgado a 29 do mesmo mez.

(2) Promulgado a 12 de outubro seguinte.

tas a trinta alumnos pobres, que seguissem então as escolas. Elle concedia, mas por um anno sómente, até o momento da organização geral da instrução publica em França, uma somma de 10,500 libras na razão de 350 libras para cada pensão (1).

O mordomo dos surdos-mudos foi tambem o dos cégos; as despesas deviam ser feitas em commum tanto para uns, como para outros, de maneira que o todo devia constituir um só e mesmo estabelecimento debaixo da vigilancia e inspecção do departamento de Paris.

Bem singular por certo foi esta organização que pela primeira vez operava a reunião destas duas classes de infelizes, cégos e surdos-mudos, que incumbia ao director dos surdos-mudos a organização do pessoal do Instituto dos cégos, que creava dezenove mestres ou mestras para trinta alumnos, que fundava um estabelecimento publico sem lhe dar sufficientes meios de subsistencia, porque 10,500 libras eram por certo pouco para o sustento e despesas de educação de trinta alumnos, com dezeseite mestres ou mestras á mesa.

O decreto todavia ordenava e foi sempre observado que aos cégos pertenceriam no Instituto todos os empregos que elles podessem desempenhar, o que não só era judicioso, mas tambem justo, por isso que de um lado os meninos cégos conheciam que não era inutil a educação, que se lhes dava, de outro lado te-

(1) Estas duas sommas de 13,900 e de 10,500 libras deviam ser tiradas das rendas do hospicio dos *Quinze-Vingts*, e, quando estas não bastassem, do thesouro nacional.

riam constantemente diante de si bellos exemplos a seguir, provas incontestaveis de que á custa de trabalho poderiam zombar da enfermidade, e á custa do talento crear uma posição honrosa na sociedade. Haüy teve muita influencia no projecto desse decreto sem todavia poder fazer entrar nelle todas as suas vistas.

Conforme esse decreto nomeou segundo director um homem que tinha muitas vezes composto musica para os meninos cegos, um homem emfim, que desde muito tempo lhes dava lições de piano com o maior desinteresse. A escolha de Gobert foi não só uma prova do reconhecimento, como da boa administração de Haüy.

Finalmente o decreto de 28 de setembro de 1791 nunca teve inteira execução: a assembléa constituinte foi substituida pela legislativa antes que a instrucção publica fosse organizada; a assembléa legislativa teve pois de occupar-se por sua vez do Instituto dos surdos-mudos e do dos cegos de nascença. Esta assembléa por decreto de 10 de setembro de 1792 decidio que os fundos decretados precedentemente para estas duas Instituições seriam pagos até nova ordem pela thesouraria nacional; mas quiz ao mesmo tempo que o poder executivo fixasse sem demora, segundo a lei e os principios de justiça, a época em que deveria começar a contar-se o subsidio de cada um dos professores, que tivessem estado ou estivessem ainda em exercicio no estabelecimento: a assembléa legislativa quiz ainda que o mesmo poder executivo tomasse as mais exactas informações

sobre o gráu de utilidade de cada um dos lugares de professor, que não estavam ainda preenchidos, e dêsse de tudo conta á assembléa nacional, a quem competia legislar. O primeiro decreto portanto só teve meia execução.

Quem não sabe porém que os desgraçados acontecimentos de 1792 e dos annos seguintes não deixaram ao governo tempo de occupar-se dos cegos de nascença, que estiveram por certo quasi inteiramente abandonados?

Além disto o subsidio já tão mesquinho, que recebiam, não foi pago senão em assignados, que desde então soffriam enorme baixa, de sorte que o Instituto cahio na miseria. Com o fim de obter alguns recursos Haüy estabeleceu uma typographia, onde trabalhavam os meninos com vista debaixo da direcção de Le Sueur. Logo que o chefe da typographia via que o trabalho faltava, ia acompanhado de um dos discipulos procurar freguezes: esta typographia deu algum pequeno lucro (1). Os exercicios publicos tambem deram algum interesse, mas debalde o honrado Instituidor empregava uma perseverança digna de admiração, elle não podia preservar seus queridos filhos dos horrores da miseria.

Foi nestas circumstancias que Paris no dia 10 de agosto de 1793, festejou a approvação da nova constituição (chamada do anno primeiro); um acompa-

(1) Gailliod, *Souv.* Esta typographia existia antes no pequeno estabelecimento da rua *Notre Dame des Victoires*. Haüy tinha conservado duas prensas, uma para a impressão ordinaria, e a outra para a impressão em relevo. Le Sueur tinha dirigido tambem o primeiro estabelecimento.

nhamento numeroso, e ao mesmo tempo bizarro, como todas as ceremonias publicas desse tempo, partito da Bastilha, percorreu os *boule varts*, a praça da Concordia, a explanada dos Invalidos, e chegou ao campo de Marte, onde cada um veio jurar sobre o altar da patria de defender o acto constitucional. Nesta festa os discipulos de Haüy apresentaram-se puchados por um carro.

No mez de maio do anno seguinte a opera representou uma *Sans-culotide* em cinco actos, intitulada a *Reunião do 10 de agosto*, que foi a representação fiel da festa civica. Os cinco actos figuravam as cinco estações do cortejo, a cada estação um dos personagens cantava ou recitava um pedaço analogo ás circumstancias. Nove discipulos de Haüy, tres homens e seis mulheres cantaram, quando lhes tocou a sua vez, uma aria que começava pelas seguintes palavras:

Ainda que privados de ver a luz, etc.

Os solos foram cantados por uma menina que tinha bella voz, e que cantou depois no café do Palacio Real chamado *café dos cegos*.

Haüy era homem de idéas liberaes e amava por isso os principios da revolução; confiando nella, tinha talvez concebido a esperanza de melhorar a sorte dos infelizes a quem se tinha dedicado. Pôde portanto, não só por gosto, como por calculo, vêr sem pezar os seus alumnos tomando parte nas solemnidades da republica: mas que dôr e que tristeza quando esses meninos, entrando no Instituto, ali encontravam apenas um pedaço de pão!

Além disto nesses tempos desgraçados um pensamento dominava todos os pensamentos, uma necessidade todas as necessidades: resistir ao inimigo. Em todos os pontos da França fazia-se pólvora, fabricavam-se espingardas, fundiam-se peças. Por toda a parte as fabricas nacionaes se tinham convertido em manufacturas de armas, e apparatus militares. O convento dos Celestinos foi tambem escolhido para esse fim: nos seus corredores, nos seus claustros, na sua igreja, fundiram-se peças, fabricaram-se carretas, barracas, cartuchos, etc. Foi no meio destes instrumentos de guerra que viveram muito tempo os cegos e os surdos-mudos.

Como é de crer os estudos soffreram extraordinariamente com este estado de cousas; e pelas memorias de Gailliod sabemos que o estabelecimento dos cegos era então apenas conhecido pelo nome de escola. Os surdos-mudos foram muito mais felizes mudando-se para outro lugar, entretanto que os cegos continuaram a viver miseravelmente no convento dos Celestinos.

Depois da mudança dos surdos-mudos Le Sueur foi o despenseiro dos cegos, e com quanto desempenhasse as funcções desse cargo com todo o zelo e intelligencia, achava-se muitas vezes em embarços para sustentar os meninos cegos (1).

(1) Sua assignatura em todas as contas era um *grifo*, que ficou em poder de Gailliod. Algumas vezes Le Sueur era obrigado a reprimir o genio muito liberal de Haüy, o que fazia no interesse mesmo do estabelecimento (*Souv. de M. Gailliod*); é por isso talvez que o Dr. Guillié disse que elle tinha sido ingrato para com o seu antigo mestre, accusação contra a qual protestam seus antigos discipulos.

No fim porém do anno de 1794 os cegos foram para a casa das filhas de Santa Catharina ou Catharinetas, na rua dos Lombardos; mas essa mudança de pouco lhes valeu. Os tempos eram tão crueis para elles (era o anno da fome) que ficaram perto de um anno nas Catharinetas sem poder recommençar os seus trabalhos.

Por fim a situação critica dos cegos attraheo as vistas da convenção, e por uma lei de 28 de julho de 1795 esta assembléa reconstituiu a Instituição, ao menos *in nomine*, dando-lhe porém o character de uma officina, e não o de escola. Os cegos foram mesmo conhecidos pelo titulo de *cegos trabalhadores*, o que mostra perfeitamente o espirito que presidio á sua réorganisação, o que de certo estava conforme com as idéas e tendencias da época.

A lei creava 86 pensões gratuitas (uma por cada departamento) a beneficio dos cegos de 7 a 16 annos pertencentes á classe pobre; decretava a somma de 500 francos que a republica pagaria por cada um dos tres primeiros annos de estada na Instituição, e 250 francos para o quarto anno. No quinto e ultimo anno supprimiam-se estas pensões.

A lei conservava o primeiro e segundo instituidor, não havia senão um adjuncto, que nomeava um segundo, que devia prehencher as funcções de despenheiro; reduzia o numero dos repetidores de oito á quatro; em conformidade porém com o decreto da fundação da escola, que determinava que os cegos tivessem sempre a preferencia para os lugares que podessem desempenhar, os quatro mestres de mus-

ca com vista foram substituídos pelos quatro repetidores cegos suprimidos. A lei ordenava ainda que se deviam preferir aquelles, que ao talento da musica pudessem reunir tambem as vantagens de poder ensinar um officio a seus companheiros de infortunio. O numero dos chefes de officina foi elevado de dous a tres, e estes deviam velar sobre os meninos, bem como as mestras de trabalho sobre as meninas (1). Cada alumno devia aprender um officio que podesse exercer na sociedade; no caso que preferisse exercel-o na Instituição, não teria mais pensão, e o Instituto só lhe pagaria o seu trabalho. Os alumnos de ambos os sexos, que se distinguissem durante os cinco annos de sua instrucção, teriam, á sahida do Instituto, a somma de 500 libras para que com facilidade podessem estabelecer-se: o Instituto recebeu pensionistas contribuintes; estes pagavam na razão da fortuna dos pais.

Em tudo isto haviam excellentes vistas, e sobretudo no que diz respeito ao futuro dos pobres meninos cegos educados na Instituição. É-nos preciso porém dizer, para vergonha dos nossos tempos, que essas sabias e generosas disposições, foram riscadas do regulamento de nossa escola! Hoje, quando nossos alumnos chegam ao termo de sua educação, nós lhes dizemos:—Recebestes instrucção, adquiristes talento, tendes um officio; ide a essa sociedade, onde muitissimas vezes o sabio, o artista, e o obreiro, que tem

(1) O Instituidor teve 5,000 francos, o segundo Instituidor 3,000 francos, os adjunctos 2,500 francos, os repetidores e professores de musica 1,000 francos, todos porém eram pagos em papel-moeda.

vista, são obrigados a implorar a protecção do publico, para poderem viver; ide a essa sociedade, que vos receberá com desconfiança, com repulsa mesmo; vivei ahi como puderdes, que nós nada mais temos comvosco (1)!

Com tudo se a lei de 1795 continha disposições favoraveis aos cégos, não deixava tambem de conter outras bem crueis para esses infelizes:

1.º Não mandava pagar pensões inteiras senão aos alumnos dos tres primeiros annos; aos do quarto só metade, e aos do quinto cousa nenhuma. Ora, meninos cégos, que só trabalhavam uma parte do dia, poderiam subsistir?

2.º O thesouro pagava sempre em *assignados*, e estes não tinham valor nenhum; de sorte que quanto mais crescia o estabelecimento, mais a miseria augmentava.

3. Havia finalmente na lei uma disposição muito mal entendida, a que admittia os meninos desde a idade de sete annos até aos dezeseis. As mesmas classes, os mesmos trabalhos, os mesmos exercicios, os mesmos jogos não podem convir a uns e a outros; o que for bom para estes, nestas classes, nestes trabalhos, nestes exercicios, deve ser máu para aquelles; além do grave inconveniente

(1) Ha alguns annos que o director actual dos meninos cégos, Mr. Dufau, concebeu a idéa d'uma sociedade protectora dos cégos de França e organisou-a ajudado de muitos honrados cidadãos. Esta sociedade abriu uma officina onde certo numero de cégos podem viver á custa de seu trabalho. A sociedade está hoje em plena prosperidade, graças á administração activa e intelligente de Mr. Ed. Morel.

de deixar juntos meninos de sete annos com moços de dezeseis a vinte um annos (os que entravam com 16 chegavam aos 21 passando cinco annos na Instituição) (1).

De resto todas estas disposições estiveram longo tempo esquecidas, e, como dissemos ainda ha pouco, nunca tiveram inteira applicação: os tempos eram desgraçados, e os pais não cuidavam em mandar os filhos para um Instituto, onde, por assim dizer, se morria de fome.

Esta penuria, esta miseria foram pintadas com côres vivas por um dos repetidores cegos do Instituto, dotado d'um enthusiasmo e d'uma imaginação inteiramente poetica. Avisse era filho de Paris; seu pai, q ue possuia um hotel mobiliado na rua *Guénégaud*, mandou ensinar-lhe a lingua franceza, um pouco de latim, o calculo e alguns principios de nautica porque elle tinha gosto pelas viagens. Avisse tinha apenas 15 annos quando partio para o trafico de negros, na qualidade de secretario de um capitão de mar e guerra. Na Costa d'Africa foi acommettido d'uma ophthalmia, que zombou de todo o tratamento, e acabou por tornal-o cego. Entrou como pensionista para o Instituto dos cegos no fim do anno de 1788, com 18 ou 19 annos de idade. Deu-se ao estudo das sciencias, particularmente da philosophia, onde encontrou as consolações de que tanto precisava.

(1) Minha opinião é que nem se admittam os meninos muito cedo, nem muito tarde; a idade a mais conveniente me parece ser a de 10 a 12 annos.

Quando, em 1791, a assembléa constituinte declarou o Instituto escola nacional, Avisse foi nomeado repetidor (1), encarregado de ensinar grammatica. A miseria pesava sobre elle tanto quanto sobre seus companheiros; os *vales* recebidos todos os mezes em pagamento valiam tanto como os *assignados*. O poeta, pois, em seu nome e no de seus companheiros de infortunio, pediu com instancia ao ministro que pozesse um termo a tanta miseria. Um pobre cego ousa escrever-te, lhe diz elle:

E será reprehensivel
Por dizer que fome tem;
Que co'a algibeira vasia
Á barriga o pão não vem?

Pecca ao certo quem disser —
« E os teus—vales?—Onde estão?
Aceito-os quando m'os dão,
Mas se os dou, ninguem os quer.

Elle lembra ao ministro certa cêa que lhe deu em outro tempo, quando os cegos trabalhadores concorreram a uma festa dada ao general Jordão (2), cêa esta, que ainda que modesta, ficou por muito tempo gravada na lembrança desses pobres meninos.

Ha um anno houvemos comtigo
De cêarmos o prazer ;
O illustre Jourdan, n'este dia,
Nos vio imprimir e ler,

(1) Vide la notice imprimée à la tête de la 2.^m édition de ses œuvres.

(2) A 3 de fevereiro de 1796. *Œuvres d'Avisse*, 2.^m édition, p. 14. — Gaiffiod, *not. hist.*, p. 30. O requerimento de Avisse deve ser por tanto de principio de 1797. E' dirigido ao ministro Bénézech.

Cantar, escrever e o mais,
Que nos é dado fazer.
Contente julgo ausentou-se ;
Na cêa força é dizer,
Não se viam codornizes
E faisões a recender ;
Seria luxo escusado
Que não se pôde obter
Em tempo tão desgraçado :
Mas de certo havemos ter
Lembrança muito gostosa
Desta cêa deleitosa.

O requerimento finalmente terminava por estes versos tristes e ao mesmo tempo picantes:

Não é a mim tão sómente
Que a miseria pirraceira
Roe, mas a trinta comigo
Sem fallar na cosinheira.
Isto te afflige, e me dizes:
« Que fazer neste conflicto? »
Queres saber? Seja tudo
Em poucas palavras dito :
Ou nos dá *d'argent comptant*,
Boa somma cada mez,
Ou vamos cêar contigo
Em cada dia uma vez.

Poderíamos ainda citar a epistola de Avisse á sua *ultima camisa*, onde o poeta, apesar do seu entusiasmo e da graça original com que escreve, não pôde encobrir a tristeza que o opprime. Infelizmente esta peça é muito longa para que possamos transcrevel-a neste lugar.

Teria porém uma idéa falsa do talento de Avisse aquelle que quizesse julgal-o por esses versos satyricos e jocosos: o poeta sabia tambem compôr cantos mais doces, e citaremos para exemplo a fabula que elle dirigio á marqueza de Vilette, á sobrinha que Voltaire tinha prazer em chamar *Bella e Boa*.

Uma rosa assim levava
Seu destino a lamentar:
« P'ra que ser bella, se havia
« Uma só manhã brilhar!

« Com meus botões orna o seio
« Zelis fagueira e formosa ;
« E de minhas tenras astes
« Aglae me rouba impiedosa :

« Todos me roubam
« O viço, a flor.
« Tirar a vida
« Não é amor.

Uma lagarta que ouviu
As tristes recordações,
« De que te queixas, perguuta,
« Para que lamentações?
« A rosa é assim formosa
« Por durar pouco (diz ella),
« Se visesse dous momentos
« Deixaria de ser bella. »

Assim o gosto entre os mortaes
Disputa ao tempo a presteza !
As feias se adorariam
Se immortal fosse a belleza.

Bella e boa ! És bella ainda
De ver-te o dom não me é dado !
Embora ! E quando o destino
Te houver tambem desfolhado,
Quem tem, como tu, bondade,
Não carece ser beldade.

Um outro poema finalmente mostra que Avisse tinha sentimentos muito nobres; é dirigido ao Instituto nacional (classe de litteratura e bellas artes). O poeta censura essa corporação celebre por não ter ainda chamado para seu seio o inventor do methodo de ensino para os cegos.

Vem, lhe diz elle,
Comigo vem ao magico lugar
Em que vencendo da arte um grande invento,
O cégo envolto em multidão curiosa
Grava a palavra, apalpa o pensámento.
Em que cem jovens sem gozar da vista,
De puro enthusiasmo impressionados,
Talentos por si mesmos exercitam
Co'a destresa dos dedos conquistados.
Vê como submettido ao seu império
Tem elles dos Didot arte engenhosa.
Vê como elles de Gluck vencendo o genio,
Soltam sons de sua arte harmoniosa.
Não fallas? Ah ! sim vejo em teu semblante
Da ternura a mudez significante.

No entanto contra ti despeito sinto.
Como crêr que este genio esclarecido,
A quem o cégo deve a gloria, e a vida,
Não te haja o justo premio merecido ?
O que esperas ? Que a morte inexoravel
Delle nos deixe só fria poeira ?

Não é por molestar-te que t'ó digo ;
Minh'alma, inda offendida, é justiceira ;
Mas tua ingratidão peza-me n'alma,
E a magoa, tu bem vês, é verdadeira.
Que o nosso pai commum, ah ! sim consente
Recompensado junto ao irmão se assente,
Deste sabio modesto e tão sisudo (1),
Que crê nada saber, e sabe tudo.

O secretario da Academia (Collin d'Harleville) respondeu : « A classe de litteratura e bellas artes ou-
« vio com prazer a leitura de vossa petição ; como
« vós ella faz alto conceito de vosso sabio mestre,
« cujo nome é por muitos titulos tão caro ao Insti-
« tuto.— Vossa petição foi ás mãos de todos os
« membros da classe de litteratura e bellas artes,
« que, esclarecidos como são, e gozando todos do
« sentido da vista, invejam por certo a um cégo,
« como vós, um coração tão reconhecido, e uma
« alma tão sensível. »

Os versos de Avisse e muitos outros em honra de Haüy, tambem producção de seus discipulos, são um eloquente protesto contra o titulo de ingratidão que deram aos cégos homens, que não tinham por certo sabido, como seu primeiro Instituidor, adquirir titulos ao seu reconhecimento (2). Avisse morreu occu-

(1) O abbade Haüy, sabio mineralogista.

(2) O dia de S. Valentim foi sempre festejado pelos discipulos de Haüy com grande enthusiasmo ; em 1789 porém elle o foi com umá pompa por assim dizer toda particular.— Alguns dias antes do de S. Valentim, Haüy teve occasião de notar nos seus alumnos alguma cousa que lhes não era habitual ; mas ou porque fizesse ouvidos de mercador, ou porque na realidade mesmo nada suspeitasse, não tratou de occupar-se do que se pensava na Instituição. Na vespera do grande dia os alumnos acharam um meio para

pando o lugar de repetidor na Instituição, em 1801, com trinta e um annos de idade (1).

Os tempos com tudo eram menos desgraçados: nos primeiros annos do Directorio reinava em França mais ordem e confiança, e como que começava a apparecer uma nova era de prosperidade. Nessa época todas as cousas uteis e liberaes tiveram algum impulso. O Instituto dos cégos trabalhadores não podia deixar de participar desse movimento geral: seu subsidio foi pago em moeda metallica, como Avisse havia pedido; vieram novos alumnos dos departamentos; recommçaram os estudos, os trabalhos, e os exercicios publicos: além disto, no dia 4 de dezembro de 1799, um ministro de sentimentos no-

que Haüy fosse convidado a jantar fóra do Instituto. Logo que o mestre ausentou-se, os meninos pozeram mãos á obra; a sala dos exercicios recebeu uma disposição toda nova, um dos lados foi occupado por pessoas todas conhecidas e amigas da Instituição, o outro lado pelos alumnos, e um lugar vasio foi deixado no centro. Logo que Haüy chegou, rompeu na sala um concerto de vozes e instrumentos. Elle entrou sem dizer palavra como não querendo ser percebido; a doce emoção que experimentava sempre em iguaes circumstancias lhe embargou talvez a voz. Bem depressa a musica foi substituida por uma scena de dialogo: um dos alumnos tomava o lugar de Haüy, e seus companheiros lhe dirigiam a palavra como se fosse ao proprio mestre: um pedia-lhe um favor, que aquelle contente lhe concedia, outro recebia consolações, verdadeiramente paternaes; este recebia lições que bem deixam ver seu genio bemfeitor; a todos finalmente elle dizia o que por elles tinha feito, e o que esperava ainda fazer. Todos os meninos então vieram ornar a cabeça daquelle com uma corôa de sempre-vivas.

Não sou eu que a mereço, exclamou então o que occupava o lugar de Haüy, é o mestre de nós todos cuja voz acabo de ouvir; elle está a colá. Todos se precipitam então nos braços de Haüy, que os banha com suas lagrimas; os alumnos e os convidados choram tambem; neste momento arde no pateo um fogo de artificio, cujo estrondo veio arrancar-os a tão grande emoção *Souv. de M. Gailliod.*

(1) *V la notice a la tête de ses oeuvres, par son ami Delpierre.*

bres, e verdadeiro amigo do progresso, Francisco de Neufchateau fez presente de uma bibliotheca ao Instituto. Foi Avisse encarregado de escolher no ministerio do interior, no deposito dos livros pertencentes ás bibliothecas de diversos conventos, aquelles que podessem convir ao Instituto. Esta bibliotheca compunha-se de grande numero de volumes, que deviam não só instruir, mas tambem divertir os cégos trabalhadores,—já pela leitura que elles teriam de ouvir, já pelos extractos que se imprimiriam para seu uso.—

Ao directorio succedeu o consulado. Este tinha grandes obrigações a cumprir: reprimir as facções internas, e triumphar da Europa rebellada; empresas immensas que occupavam todos os pensamentos, que absorviam toda a actividade daquelles que respondiam pelos destinos do paiz, toda a attenção, toda a solitudine do proprio paiz! Neste estado de cousas os cégos trabalhadores viveram perto de dous annos no esquecimento, e, quando alguém se dignou occupar-se delles, foi para dizer, que elles custavam mais ao estado do que este podia despende.

Depois de um relatorio que tinha por fim mostrar a economia que se poderia fazer reunindo os dous estabelecimentos, *Quinze-Vingts*, e *cégos trabalhadores*, a vantagem mesmo que haveria, nesta reunião, para os membros do hospicio, que em contacto com os novos alumnos perderiam seus habitos de ociosidade, appareceram, a 15 e 28 do *vindemario* do anno IX (7 e 20 de outubro de 1800), dous decretos, assignados por L. Bonaparte, que reuniam no mesmo

estabelecimento, com o titulo de cegos de primeira e segunda classe, os membros do hospicio, e os alumnos de Instituto : segundo esses decretos o estabelecimento dos cegos ficava, como todos os outros de beneficencia, debaixo da dependencia immediata do ministerio do interior, sob a vigilancia de uma administração philantropica: elles criavam um agente geral encarregado da administração do novo estabelecimento, e apenas deixavam a cargo do instituidor actual dos cegos trabalhadores a educação moral e a instrução desses meninos. Eram estas as bases geraes. Em quanto ao mais, os administradores eram obrigados a apresentar ao ministro, o mais breve possivel, um plano detallado sobre o regimen economico do estabelecimento, declarando sua opinião sobre as mudanças e modificações porque poderiam passar o estabelecimento dos cegos. O instituidor dos cegos devia apresentar ao mesmo tempo um plano de educação e instrução para os meninos confiados a seus cuidados.

Foram estes planos apresentados? Não o sabemos. Como quer que seja, um decreto de 14 de março de 1801, assignado pelo cidadão Chaptal, então ministro do interior, organisou o estabelecimento. A administração era especialmente encarregada de abrir no hospicio dos *Quinze-Vingts* officinas de trabalho para todos os meninos cegos: ella devia sobretudo ter em vista dar uma occupação util não só aos meninos, como aos membros do hospicio, que quizessem trabalhar.

O numero dos cegos deveria ser de 120, isto é,

300 homens ou mulheres, que poderiam viver fóra do estabelecimento, e 120 meninos d'um e d'outro sexo, desde a idade de 7 annos até aos 16. Para obter uma das cento e vinte pensões era preciso que o menino fosse cégo, de pais indigentes, mas de boa vida e bons costumes, sendo preferidos os cidadãos mortos no serviço do estado. A nomeação era por oito annos.

O instituidor em chefe e os outros professores, especialmente encarregados de vigiar e dirigir o ensino dos cégos, eram obrigados a ensinar tambem aos meninos com vista, filhos dos cégos de primeira classe, a leitura, a escripta, o calculo elementar, e os deveres da religião. As classes duravam duas horas.

As outras horas do dia eram destinadas para os trabalhos manuaes: havia no hospicio uma manufactura de pannos; todos os alumnos fiavam lã. O trabalho lhes era distribuido de dez em dez dias pelo director da officina. O primeiro instituidor nada tinha que ver ahi; os trabalhos deviam fazer-se, tanto quanto fosse possivel, na mesma sala, e debaixo da mesma vigilancia.

Havia uma classe de musica todos os dias depois do jantar, para os alumnos que fossem particularmente escolhidos para aprenderem essa arte pelo primeiro instituidor, que daria disso conta á administração. Esta lição de musica devia ter lugar pelo menos de tres em tres dias, na sala commum dos trabalhos, no meio dos alumnos; para que lhes podesse servir de objecto de recreação, como dizia o ministro.

Os meninos cegos occupavam o corpo principal do edificio. Os rapazes e as raparigas eram servidos separadamente. Os alumnos deviam servir-se a si mesmos o mais que fosse possivel, fazer mesmo as suas camas, exceptuando-se aquelles que fossem muito crianças.

O alumno, que se distinguisse por sua conducta e progressos, devia receber de seis em seis mezes, na presença da administração e de seus companheiros, uma medalha de recompensa, e seu nome seria registrado: dous registros ficariam em poder do instituidor, e um terceiro seria depositado na administração. Estes registros deviam ser lidos em acto sollemne, diante dos alumnos, na distribuição geral das recompensas, que teria lugar todos os annos.

No dia 26 de cada mez devia o primeiro instituidor dar uma lição publica. Os alumnos de ambos os sexos, o segundo instituidor, o adjunto, os repetidores, chefes de officinas e vigilantes deviam assistir a ella. A nenhuma outra lição podiam os estranhos assistir.

No fim dos oito annos concedidos para a educação dos meninos cegos, a administração devia examinar a capacidade e os progressos de cada alumno; o instituidor devia dar conta de sua moralidade e boa conducta, consultando as notas de cada semestre, e o ministro decidia então se o alumno devia ser provido n'um dos lugares vagos do hospicio de *Quinze-Vingts* ou se devia melhorar a sua sorte d'uma outra maneira. No caso contrario o alumno tinha de retirar-se para casa de seus pais.

Uma typographia dirigida pelo primeiro instituidor, e na qual se empregaria certo numero de alumnos calculado pela administração imprimiria os livros necessarios para a instrucção dos cégos, e os cartazes e annuncios, que pela sua grande extracção podiam ser uma fonte de recursos para a Instituição.

Por proposta do primeiro instituidor, o cidadão Bertrand, foi nomeado segundo instituidor, Angebout adjunto, Germain primeiro repetidor (1).

Segundo Gailliod, Haüy, comprehendendo que nenhum lugar lhe convinha na Instituição, não quiz mais prestar o seu nome a um estabelecimento tão degenerado, e retirou-se no principio do anno de 1802. Dever-se-ia por honra da administração aceitar esta explicação; mas ella é formalmente dementida pelos termos em que é concebido o decreto, que ordena a retirada de Haüy: « Visto, diz o decreto, o relatorio da administração do hospicio de « *Quinze-Vingts* na parte que diz respeito ás reformas e economias que se póde fazer á Instituição « dos cégos de segunda classe, ordeno :

« Art. 1.º Fica supprimido o lugar de primeiro « instituidor da Instituição dos cégos trabalhadores « reunidos ao hospicio de *Quinze-Vingts* debaixo do « titulo de cégos de segunda classe ».

Todavia o decreto, em um segundo artigo, dizia que, em quanto se não legislasse sobre a fixação e modo de liquidação das pensões a que os empregados dos hospicios civis poderiam ter direito, o cida-

(1) Vêde os decretos de 2 de junho de 1801, 12 de junho, e 26 de agosto.

dão Haüy, exercendo actualmente as funcções de primeiro instituidor, receberia a titulo de reforma, a somma annual de 2,000 francos paga pela administração do hospicio de *Quinze-Vingts*. Eis como foram pagos tantos trabalhos, tanta dedicação, tantos serviços prestados á humanidade! Não contente de haver, por assim dizer, destruido a obra de Haüy, o governo julgou ainda necessario feril-o nos seus interesses! A ingratidão para com tal homem é uma nodoa de que jámais poderá lavar-se o governo de então.

Apezar de tanta ingratidão o fundador do Instituto dos cegos continuou com a mesma dedicação a servir a estes infelizes, e abrio com o titulo de *Museu dos cegos* (1), uma escola onde formaram-se Alexandre Rodenbach, e Fournier; Rodenbach, autor de muitas obras de merito, hoje *maire* do districto de Roulers, e representante da camara dos deputados da Belgica; Fournier, que foi o fiel companheiro e o amigo constante de seu mestre até os ultimos dias de sua vida.

Haüy, porém, sem que seu nome fosse conhecido de toda a Europa, não pôde reunir numero sufficiente de alumnos para sustentar o seu estabelecimento. Assim, tendo-lhe o governo russo pedido, em 1806, que viesse fundar em S. Petersburgo um Instituto de cegos á maneira do de Paris, para ahi partito acompanhado de seu joven amigo Fournier, que foi seu repetidor. Em Berlim Haüy foi apresentado ao

(1) Na rua *Sainte-Avoie* n. 19.

Rei da Prussia, a quem fez ver o seu methodo de ensino. O Rei lhe prodigalisou os maiores elogios (1). Em S. Petersburgo Haüy encontrou na familia imperial as melhores disposições, e em pouco tempo vio-se á testa d'um estabelecimento, que poderia fazel-o esquecer o de França, se este não estivesse presente á sua alma. Assim pois a Russia, esse *estado barbaro* pagava a Haüy a divida da França, o paiz mais civilisado.

De resto, desde sua união com o *Quinze-Vingts*, o Instituto de França ia em decadencia; as circumstancias no meio das quaes o haviam collocado, muito concorriam para sua completa ruina: só Haüy teria talvez podido retardal-a. Bertrand, porém, feito primeiro instituidor, não tinha de certo qualidades para desempenhar um tal lugar; era um pobre organisador e professor tambem pobre. Germain, segundo instituidor, poderia fazer mais alguma cousa; era ao menos um homem instruido, mas o que faria elle só? Ambos limitavam-se a reger as suas classes prescriptas pelo regulamento, e que duravam duas horas; durante o resto do tempo os alumnos fiavam lá (2).

Havia em tudo grande deleixo: muitos meninos não seguiam classe alguma, e ainda mais fugiam do trabalho. Bertrand continuava sempre com os exer-

(1) Em 1791 tinha-se fundado em Liverpool um asylo para os cegos, que só se occupavam de trabalhos manuaes: em Vienna, Mr. Klein desde 1804 educava um cego, mas a elle sómente.

(2) Gailliod, *Noticia sobre o estabelecimento dos meninos cegos reunidos ao Quinze-Vingts*, dirigida a seu mestre quando voltou á França. Esta noticia lida na presença dos companheiros do autor, foi por elles confirmada como exactissima.

cícios publicos todos os mezes; os meninos liam, calculavam, respondiam em geographia, historia, etc.; quanto á musica, o instituidor era obrigado a recorrer aos antigos discipulos de Haüy, que, em signal de reconhecimento a seu primeiro mestre, segundo a expressão de Gailliod, e de affeição a um estabelecimento onde tinham recebido instrucção, a isso se prestavam de muito boa vontade.

Todavia é preciso confessar que, apesar de todas as contrariedades, a Instituição formou alguns alumnos distinctos. Ella teve sobre todos um, de quem poderá sempre fallar com orgulho. Este factó é mais uma prova de que o genio sempre apparece apesar de todos os obstaculos que possa encontrar, e que, quando uma vez chega a vencel-os, cresce na razão dos esforços que empregou.—No anno de 1797, um moço com 15 annos de idade, chamado *Penjon*, foi admittido ao Instituto de Haüy (1). Seguiu as classes que então havia, isto é, recebeu lições de leitura, escripta, e calculo. Dotado porém de um desejo excessivo de estudar, pedio a um menino com vista, que lhe lesse a grammatica franceza de Wailly, tratados de historia, e de geographia; Angebout, segundo instituidor lhe mostrava tambem os mappas, e juntos estudaram um pouco de latim. Pénjon tinha grande talento para as mathematicas; aperfeiçoou-se por meio da leitura, na arithmetica; estudou pelo mesmo modo a algebra de Bezout até as equações do

(1) Nasceu em Paris em 1782. Foi por erro que o Dr. Guillié escreveu Paingeon cuja ortographia foi depois seguida. Tudo o que narramos foi-nos confirmado pelo proprio Penjon.

segundo gráo exclusivamente, assim como a geometria de Lacroix, porém quasi sempre ás furtadellas, occultamente; porque como todos os outros compañeros, era obrigado a fiar lã (1).

Tendo completado dezenove annos Penjon teve licença para sahir todas as vezes que precisasse, e começou a dar, fóra da Instituição, lições de mathematica, e particularmente na escola de Haüy. Passando um dia diante da porta do lyceu *Charlemagne*, ouviu o menino que o conduzia, lèr: *Curso de mathematicas transcendentés*. Elle ignorava ainda o que poderia chamar-se *mathematicas transcendentés*, mas não querendo ignoral-o por mais tempo, foi procurar o provisor do lyceu Guérault e pedio-lhe licença para seguir esse curso: Guérault, com todas as attentões possiveis, disse-lhe que os cursos do lyceu não eram gratuitos. Que fazer? Suas lições pouco lhe davam; além disto era mesmo preciso renunciar a ellas a querer seguir cursos. Finalmente tanto fez que obteve entrar gratuitamente para o curso de mathematicas especiaes (applicação da algebra á geometria, calculo differencial e integral, mechanica). Este curso era feito por Mr. Franceœur. O cêgo seguio de cabeça tudo o que se fazia na pedra sem que o professor tivesse necessidade de mudar cousa alguma para que elle aprendesse: tinha licença para levar o seu pequeno conductor, que ficava á seu lado durante a lição, e que se fechava com elle em um gabinete nos dias de composição para em segredo poder ensi-

(1) De vez em quando elle recorria a um homem instruido, que com prazer lhe dava as explicações de que precisava.

nar-lhe o que deveria fazer. Penjon foi tambem admittido ao concurso geral dos quatro lyceus de Paris, e ahi tambem se lhe deu um gabinete para onde retirou-se com o seu secretario (1). Logo no primeiro anno, 1805, elle teve o primeiro premio de mathematicas no *Lyceu Charlemagne*, e o terceiro *accessit* para o grande concurso. No anno seguinte obteve ainda maiores successos: teve o primeiro premio de mathematicas no lyceu, e o segundo no grande concurso (2). Penjon seguiu tambem no lyceu o curso de physica, mas nunca teve por este o gosto que teve pelas mathematicas. Seguiu finalmente no Collegio de França o curso de mecanica celeste professado por Mr. Biot. Apezar de todos esses trabalhos o joven Penjon tinha ainda tempo para estudar o latim.

Quando voltava para a Instituição mandava o menino que o conduzia, lêr as obras de mathematicas e os livros latinos; empregava-o sobre tudo a folhear os dictionarios, sem os quaes, diga-se o que se disser, nunca se poderá bem estudar as linguas e principalmente as mortas. Algum tempo depois Penjon estudou tambem historia natural, chimica, e as linguas ingleza, italiana e hespanhola.

Taes foram os progressos de Penjon que foi nomeado professor de mathematicas na Instituição dos

(1) Para este concurso elle levou algarismos metallicos e uma taboa de calculo.

(2) E não todos os primeiros premios no concurso geral dos quatro lyceus de Paris, como escreveu o Dr. Guillié. *Essai sur l'instruction des aveugles*, p. 48.

cégos. Logo depois o joven professor levou suas vistas mais longe; sollicitou o titulo de professor em um estabelecimento universitario, o que lhe foi por muito tempo negado, dizendo-se-lhe que era impossivel que um cégo podesse ensinar mathematicas a meninos com vista. Para fazer cahir essa objecção Penjon abriu um curso publico de algebra na escola de Minas em Paris. A este curso assistiam muitas pessoas influentes da universidade, e o lugar de professor lhe foi immediatamente dado. Foi nomeado em 1810 (1) professor de mathematicas elementares em Angers. O titulo de mathematicas elementares não diminuiu por certo a importancia da cadeira que obteve o joven professor cégo. Quando Penjon entrou para o lyceu, o professor de mathematicas especiaes leccionava mathematica elementar, o de mathematicas transcendentés, mathematicas especiaes; não havia o curso de mathematicas transcendentés. Logo que Penjon chegou, cada professor reassumio suas funcções, mas pouco tempo depois, cada um delles acompanhou seus alumnos e professou no primeiro anno mathematicas elementares, no segundo mathematicas especiaes, e os dous professores tornaram-se iguaes. O alumno representava as figuras (2) na pedra e o professor seguia de cabeça, porque não podia ter debaixo dos dedos as figuras e as formulas, sem demorar muito a marcha do discipulo. Os que conhecem as mathematicas ficarão

(1) Foi nomeado no fim do anno de 1809, mas não tomou posse da cadeira senão em 1810.

(2) Algumas vezes Penjon dictava e o seu secretario escrevia na pedra.

por certo admirados, mas devem ao mesmo tempo comprehender que não poderia ser de outro modo. Durante a sua estada em Angers Penjon foi nomeado membro da Sociedade de Agricultura, Sciencias, e Artes, e da Sociedade Industrial do Departamento. Para a primeira dellas compoz uma memoria que foi muito bem recebida.

Finalmente, depois de trinta annos de professor na universidade, honrado com uma pensão de reforma, e com o habito da legião de honra, Penjon veio de novo occupar o lugar que lhe foi sempre guardado no hospicio de *Quinze-Vingts*, tão nobremente adquirido, e onde descança hoje (1).

Entretanto ao passo que Penjon ganhava os premios do lyceu e do grande concurso, o Instituto dos cegos trabalhadores ia de mal a peor: a manufactura de pannos, que de ha muito cahia em decadencia, tinha-se fechado em 1805, e desde então os meninos cegos estavam em completa ociosidade, não tendo mais que duas horas de classe, e alguma leitura para distrahil-os.

Este estado de cousas era intoleravel, a administração não deixou de comprehendel-o (2), encarregou o agente geral de *Quinze-Vingts*, chamado Sei-

(1) A pensão do hospicio de *Quinze-Vingts* foi-lhe sempre paga durante o tempo do professorato.

(2) A 28 de janeiro de 1805 o papa Pio VII veio com seus cardeaes visitar o hospicio de *Quinze-Vingts*. A administração fez grandes preparativos para recebê-lo, mandou mesmo construir uma sala para esse fim. O instituidor dos cegos trabalhadores deu a Sua Santidade um espectáculo em que nada foi esquecido para despertar o espirito dos illustres visitantes. Todos os musicos das duas classes se reuniram e deram ao Santo Padre

gnette, de bem examinar a Instituição e que lhe apresentasse um relatório do que conviria fazer, não só quanto á Instituição, mas também relativamente aos trabalhos manuaes.

O agente geral, o unico homem capaz que então havia na Instituição, e que, com quanto não estivesse encarregado da instrucção, tornou-se com tudo desde logo o autor de tudo o que se fazia a bem do Instituto, teve com os antigos discipulos de Haüy (1), principalmente com Le Sueur, conferencias que o puzeram ao facto das vistas e do methodo de ensino de Haüy. Elle fez com que a administração ordenasse que se dêsse aos meninos cegos toda a instrucção de que elles fossem capazes; e essa mesma administração encarregou-o de, conjunctamente com Bertrand, primeiro Instituidor, preparar um regulamento. Este foi approved e posto em vigor a 27 de março de 1806. Houve então uma verdadeira reorganisação do Instituto (2).

Houve, como d'antes, duas classes de duas horas; havia o que se chamava uma lição de musica, isto é, um ensaio de orchestra, que durava duas horas,

um concerto de que elle mostrou-se muito satisfeito. Esta sessão impressionou extraordinariamente, ao que parece, a administração, que concebeu desde logo o projecto de levantar a Instituição. O facto de se ter fechado a fabrica deu em resultado a execução de um projecto que se havia ha muito concebido. Esta é a opinião de Gailliod e seus companheiros.

(1) Seignette tinha sido nomeado agente geral em 1803, isto é, depois que Haüy retirou-se.

(2) V. Gailliod, *Not. Hist.*, p. 38 et suiv; et *Note manuscrite* sobre o estabelecimento dos meninos cegos.

O dia era dividido pela maneira seguinte: a hora de levantar-se era 6 horas no verão e 6 1/2 no inverno; uma meia hora para o *toilette* e arranjo

havia depois um estudo que durava uma hora, e em que o repetidor questionava os alumnos sobre a materia que fôra objecto da lição de de manhã, seguia-se depois uma hora de leitura ou de historia, ou de litteratura, ou de geographia. Tres vezes por semana havia uma classe de mathematicas que durava duas horas. Os trabalhos manuaes faziam-se nos intervallos das classes, das lições e das horas de recreio, ou, para bem dizer, cada um empregava esse tempo como bem lhe parecia; a regra era que se não devia estar ocioso.

A administração declarava no seu regulamento que, cheia de confiança no zelo do primeiro instituidor, e na autoridade que lhe tinha sido delegada pelo decreto de 14 de março de 1801, estava persuadida que elle nada deixaria de fazer para inteira e estreita observancia do presente regulamento; mas ella encarregava ao mesmo tempo ao agente geral a execução deste mesmo regulamento, apresentando uma vez cada mez, e mesmo mais, se fosse necessario, um relatorio a tal respeito.

das camas: os mais moços eram ajudados neste trabalho. Reuniam-se na sala commum, onde havia resa seguida de leitura religiosa; depois trabalhos manuaes até ás 8 horas, de 8 horas a 8 1/2 almoço e recreio; durante as duas horas que se seguiam classe do primeiro e segundo instituidores; recreio de meia hora; de 11 horas a 1 hora, lições de musica: de 1 hora ás 2 e meia, jantar e recreio. Seguia-se depois 1 hora de trabalhos manuaes; durante a hora seguinte, o repetidor interrogava os alumnos sobre o objecto que haviam estudado de manhã. Das 4 horas e meia ás 5, merenda e recreio; depois uma hora de trabalhos manuaes; das 6 ás 7 leitura. Ás segundas, quartas, e sextas feiras, das 5 as 7 horas lições de mathematicas; das 7 horas ás 8 e meia, cêa e recreio; ás 8 horas e meia resa e dormir. Para as meninas havia alguma differença nas horas:

O primeiro instituidor leccionava aos **meninos** rhetorica franceza, isto é, lia um pequeno tratado de rhetorica: aos sabbados havia uma classe de moral para todos. O segundo instituidor leccionava grammatica; o cego Penjon mathematicas. Finalmente repetidores cegos, antigos e novos alumnos do Instituto, ensinavam a leitura com letras metallicas e em livros impressos a relevo (1). Pelo que diz respeito ás meninas, o primeiro instituidor dictava, as mais velhas escreviam com caracteres metallicos, e as mais pequenas liam depois; havia explicação de grammatica, exercicios de calculo, e leitura de historia natural e de moral. Não havia para ellas repetidores propriamente ditos; mas as mais velhas é que exerciam essas funcções. O estudo da musica foi confiado a Gailliod, o antigo discipulo de Haüy, que vimos em 1788 tocar ora rabeça, ora clarineta, na pequena orchestra do Instituto. Nomeou-se mais um professor de rabeça, um de violão-cello, um de flauta (2), e outro de clarineta, todos cegos como Gailliod. Este encarregou-se de ensinar os outros instrumentos, que elle pouco conhecia, e cuja pratica aprendeu com o exercicio de ensinar. Gailliod deu tambem lições de musica ás meninas, a quem ensinou o piano e canto.

Quanto aos trabalhos manuaes, os **meninos** confectionavam alguns objectos de sirgueiro, os mais

(1) Entre os repetidores é preciso citar Delisle.

(2) Prévost um dos melhores flautistas, ou antes o melhor flautista que sahio da Instituição: elle podia concorrer com os melhores artistas do seu tempo.

moços fiavam o linho, e faziam meias. As meninas faziam bolsas, meias, e outros pequenos trabalhos. O agente geral restabeleceu também a typographia em relevo e com letras ordinarias, cuja direcção foi confiada a Le Sueur.

Tal foi a nova organização do Instituto dos cegos trabalhadores, estabelecido sobre bases mais liberaes que as precedentes, e que poderiam fazer com que a escola tomasse a direcção que lhe havia dado o seu primeiro instituidor.

Não era porém bastante que a Instituição tivesse um regulamento, era preciso ainda que ella tivesse movimento, tivesse vida, e tudo isso lhe soube dar o Sr. Seignette. Pelo regulamento elle era obrigado a velar sobre tudo, visitava frequentemente as classes e as officinas, animava a instrucção, com sua presença convidava os alumnos ao estudo, e muitas vezes ajudava-os com seus conselhos. Estabeleceu uma classe de latim, cuja direcção confiou ao repetidor cego Delisle (1), classe esta que lhe mereceu todo o cuidado. Poucos alumnos assistiam a esta lição; a deserção porém foi ainda maior depois que Bertrand começou a estudar e ensinar o latim. Os mais adiantados iam de noite á casa de Seignette, que se prestava de boa vontade, e lhes emprestava os livros classicos que precisavam consultar (2). Elle leccionava, por assim dizer, todas as noites no seu

(1) Delisle foi um grammatico distincto. O Dr. Guillié chama a si as honras da formatura de Delisle: *Essai sur l'ed. des av.*, p. 49. Delisle, como se vê, formou-se na Instituição dos cegos, muito antes que se fallasse de Dr. Guillié.

(2) Gailliod, *Note manusc.*

escriptorio. Não se encontrava senão os alumnos levando e trazendo livros debaixo dos braços, na mão, nas algibeiras, procurando por toda a parte meninos com vista para os acompanhar. Aquelles, que não os encontravam dentro da Instituição, mandavam buscal-os fóra, e pagavam um tanto por hora com o dinheiro que recebiam de seus paes (1).

Cabe aqui confessar que o agente geral se viu muitas vezes em embarços grandes, e para prova citaremos o facto seguinte: tendo morrido o segundo instituidor em 1807, o ministro do interior substituiu-o por um homem que tirou de sua secretaria. Este instituidor improvisado leccionava grammatica por um livre que fazia repetir palavra por palavra, e todas as vezes que o alumno não respondia exactamente pelo texto do livro, o *professor* lhe dizia: « Meu amigo, não sabeis nada. » Um dia perguntou elle a um dos alumnos um exemplo de nome proprio. — Bordeaux, respondeu-lhe aquelle. — Não sabeis o que dizeis; Paris, o Senna, eis o que se chama nomes propios (2). Com tudo foi este mesmo homem o inventor d'uma chapa para ensinar a escrever aos cegos pelo methodo de Haüy. O improvisado instituidor esteve em exercicio até 1815.

O agente geral occupou-se tambem muito da musica: logo que Gailliod entrou em exercicio, Seignette reuniu todos os alumnos para, ajudado do professor respectivo, poder decidir qual o instrumento que conviria distribuir a cada um delles.

(1) Gailliod, *Note manuse.*

(2) *Idem, idem.*

Mas, diz Gailliod, não havia mais instrumentos na Instituição. Os poucos que tinham ficado foram, ou queimados, ou quebrados, ou dados por Bertrand. No fim de poucos dias teve todos os instrumentos de que precisava, graças ao zelo de Seignette, por quanto Bertrand não se importou mais com isso (1).

Graças também á actividade de Gailliod, a orchestra desde 1807, achou-se organizada de maneira a poder trabalhar sem ser ajudada dos antigos alumnos. Ella era composta de 6 rabecas, 2 contraltos, 2 baixos, 2 contrabaixos, 2 flautas, 2 boés, 2 clarinetas, e 2 cornetas; por tudo 20 instrumentos. Para o canto havia 3 primeiros tipples, 5 segundos, e 3 baixos. O chefe da orchestra compoz para os seus discipulos uma ouvertura e começou a ensaiar-a. Eis aqui como elle procedia, e este methodo engenhoso foi depois sempre seguido. Ensinava successivamente a cada alumno a phrase musical que devia tocar, depois tocavam todos, passava a uma outra phrase, tocavam depois todos, e assim por diante até o fim. Em 1808 os meninos, que aprendiam musica, eram em numero de 50, e a orchestra já executava symphonias de Haydn. Infelizmente no fim de cada anno a orchestra perdia sempre alguns musicos, por isso que, quando um alumno acabava o seu tempo, era obrigado a ceder o lugar a outro, e então era preciso recommençar, como hoje se faz.

(1) Gailliod, *Note manusc.* Bertrand tinha mandado accender os fogareiros com a musica a relevo impressa no tempo de Haüy. Para que poderá isto servir? Dizia elle.

A typographia compoz e imprimio, para um dos cégos a grammatica de Lhomond; o cathecismo de Paris, um officio de vivos e outro de mortos. Imprimiram-se em caracteres ordinarios outras obras. Le Sueur, chefe da typographia, encarregou-se da contabilidade e escripturação, cujo trabalho desempenhou perfeitamente. A typographia tinha maior receita do que despeza (1).

Entre as meninas cada uma das mais velhas tinha debaixo da sua direcção muitas pequenas, a quem ensinavam a vestir-se; e cousa curiosa era vel-as pela manhã com as pequenas a roda de si, ensinando-lhes a fazer as camas, penteando-as, lavando-lhes o rosto, fazendo-as rezar, dando-lhes o almoço, e dirigindo depois seus trabalhos. A' noite as mais velhas resavam ás nove horas, por isso que ellas deviam fazer dormir as mais moças uma hora antes. Então, entrando no dormitorio, nada mais tinham a fazer que agasalhar as que estivessem descobertas e prender os lençóes; ellas tinham tanto cuidado com as pequenas, como se fossem suas proprias filhas. Ensinavam todos os dias a resar, e repetiam o cathecismo que tinham aprendido em livros em relevo. Ensinavam tambem a leitura, grammatica e arithmetica, além dos trabalhos manuaes.

No fim do anno havia composição em mathematicas e em latim, e um concurso de musica; os administradores faziam depois um exame geral. Finalmente distribuam-se os premios em uma sessão publica que tinha lugar antes das férias.

(1) Gaillied, Note manuser.

Assim se passaram as cousas durante muitos annos em que nada de notavel appareceu senão alguns incidentes de pouca importancia na historia da Instituição.

Em 1810, um discipulo de Penjon, cego como o mestre, foi quem o substituiu no lugar de professor de mathematicas (1). Na mesma época, a orchestra, que contava mais 2 baixos, 2 fagotes, 1 trombone, etc., executou symphonias e missas que fizeram honra aos jovens artistas, e seu chefe. Este fazia os meninos, que viam alguma cousa, lerem a musica, que não era em relevo; e estes meninos prestavam grandes serviços á orchestra e a seus companheiros.

Em 1813, Bertrand, sem prevenir nem o agente geral, nem a administração, fez uma viagem á Normandia com 12 alumnos, 10 musicos, e 2 outros tirados d'entre os mais fortes nas sciencias. Fez diferentes exercicios em Ruão, e em algumas outras cidades da provincia, e voltou á Instituição no fim de um mez.

Bertrand morreu a 4 de março do anno seguinte, e sua morte é o ultimo facto notavel dessa época desgraçada, sob cujo peso o Instituto gemeu durante 23 annos. No seguinte periodo teremos de ver este mesmo Instituto levantar-se de novo, e tomar inteiramente o caminho que lhe tinha sido aberto por Haüy: acabaram os tempos desgraçados, outros mais felizes vão começar para a nossa escola.

(1) Este professor chamado Genlard, ensinou mais tarde em París uma classe de meninos com vista.

CAPITULO III.

REGENERAÇÃO DO INSTITUTO.

(1814—1840).

Ao passo que em França a Instituição dos cegos ia em decadencia, á medida que o methodo de Haüy cahia, por assim dizer, no esquecimento, a Europa inteira tinha comprehendido tudo quanto havia de admiravel nessa Instituição, nesse methodo de ensino; ella tinha finalmente comprehendido que, assim como o primeiro Instituidor dos cegos devia ser eternamente lembrado por ter aberto uma nova estrada no campo da intelligencia humana, chamando á vida intellectual uma classe de homens, até então mortos para a sociedade, assim tambem era um dever de todo o paiz civilisado associar-se a essa grande obra; e ella então estudava o methodo de Haüy, e abria escolas para os meninos cegos. A Russia, a Gran-Bretanha, a Austria, a Dinamarca, a Hollanda, e a Suissa já todas contayam Instituições á maneira da de Paris (1).

(1) Seria injustiça dizer-se que o Instituto de Vienna era uma imitação do de Paris. M. Klein, fundador desse Instituto, não tinha, em 1804, quando começou a dedicar-se á educação dos cegos, conhecimento algum do methodo de Haüy. Os estabelecimentos da Gran-Bretanha podem antes chamar-se asylos do que escolas de cegos.

Todavia em abril de 1814 foi nomeado director desta escola de França um homem activo, emprehendedor, habil na arte difficil de fazer valer as cousas, e de governar os homens. A administração do Dr. Guillié prometteu muito, mas infelizmente pouco pôde fazer.

Devendo daqui em diante tratar de factos não muito antigos, alguns delles de nosso tempo e passados, por assim dizer, á nossa vista, e que dizem respeito a homens que ainda vivem; o leitor poderá bem julgar da reserva com que devemos fazel-o. Além disso que interesse teriam para o leitor algumas anedoctas malignas, revelações indiscretas, se não temos necessidade imperiosa de publical-as?

Os Bourbons tinham entrado em França; o Dr. Guillié lançou mão de tudo para attrahir o interesse e boas graças dessa familia sobre a Instituição dos cegos. A 25 de agosto, dia de S. Luiz, que era tambem o dia do Santo do nome do Rei, Guillié celebrou na Igreja de *Quinze-Vingts*, com os musicos do Instituto e alguns pensionistas do hospicio, uma missa musical, composta pela maneira seguinte: Kyrie e Gloria de Gossec, Credo de Gobert, ouverture de *Stratonice* por offertorio, e Sanctus do abbade Rose. A orchestra compunha-se de 30 instrumentos; os triples eram cantados por 22 moças, 3 meninos faziam o contralto, 6 homens eram os tenores, e 6 outros os baixos; ao todo 67 executantes. Foi esta a solemnidade a mais completa da Instituição. Via-se logo que era outra a mão que a dirigia. No dia 21 de janeiro de 1815, dia anniversario da morte de

Luiz XVI, os musicos do Instituto, ajudados dos do hospicio, executaram uma missa funebre composta para elles pelo abbade Rose (1).

O Dr. Guillié comprehendeu bem que o director do Instituto dos cegos estaria sempre em uma posição falsa e difficil, e que este mesmo Instituto não poderia adquirir verdadeira importancia em quanto estivesse annexo ao hospicio de *Quinze-Vingts*. Empregou portanto todo o cuidado em fazer sentir tudo quanto havia de inconveniente nesta reunião do Instituto com o hospicio, de meninos submettidos ás regras da commuidade e do trabalho com velhos que viviam isoladamente e na ociosidade; e no dia 8 de fevereiro de 1815, um decreto do Rei ordenou que o Instituto fosse separado do hospicio e governado por uma administração especial. A separação, retardada pelos acontecimentos de 1815, não pôde effectuar-se senão no anno seguinte (2).

Guillié porém não perdeu o seu tempo: dispoz tudo para quando as circumstancias lhe permitissem effectuar a separação tão desejada. Assim, tendo-se retirado uma das aias das meninas, elle trouxe para substituil-a, segundo as expressões de Gailliod, uma joven e interessante rapariga, a quem deu o titulo de institutriz (3). A mocidade e belleza desta moça ficaram com effeito proverbias no estabelecimento mas lembremo-nos bem que não eram

(1) Gailliod, *Not. hist.*, p. 57; — *Note manusc.*

(2) Guillié, *Essai sur l'inst. des av.*, 1.^{er} edit., *Introd.*, p. 21.

(3) Gailliod, *Note manusc.*

de certo essas as unicas qualidades de Mlle. Cardeillac; ella era dotada de talento, tinha muita instrucção, e era boa musica: alguns alumnos recordam-se ainda de que era ella que muitas vezes aplacava o genio forte do chefe, e que de boa vontade se prestava sempre a interceder a favor dos que commettiam faltas. Assim tambem o segundo instituidor dos meninos, esse professor de grammatica *tão habil na distincção dos nomes proprios* foi substituido, em novembro de 1815, por Mr. Dufau, que, bem que muito moço ainda, porque não contava mais que 20 annos, era comtudo dotado de saber e das qualidades d'um homem já feito para preencher as funcções de que seria encarregado (1).

Finalmente desejando Gailliod, o chefe da orchestra, ficar no hospicio de *Quinze-Vingts*, o director escolheu para mestre um dos alumnos que via alguma cousa, e que servia de leitor aos cegos. O joven Isman, optimo flautista, excellente contrabaixo, depressa se achou em estado de bem desempenhar as funcções de seu cargo, e pôde prestar, desde então, por espaço de 30 annos, verdadeiros serviços á Instituição, já como professor de musica, já como chefe da orchestra.

Assim, um primeiro e segundo instituidor para os meninos, uma institutriz para as meninas, e um professor de musica, tal foi o pessoal dos professores do novo Instituto.

(1) Dufau não entrou em exercicio senão depois da mudança da Instituição para S. Firmino.

O Dr. Guillié tomou uma outra medida, um pouco severa talvez, mas necessaria, segundo parece. « A reorganisação moral da Instituição, escreveu « elle, era da maior urgencia. Mudar de habitação « sem mudar de costumes, admittir novos alumnos « sem ter antes despedido outros, cuja presença era « prejudicial, teria sido antes perigoso do que util. « Foi-nos preciso por tanto um doloroso sacrificio; « foi necessario mandar para suas familias um « grande numero de alumnos, depositarios infelizes do espirito de insubordinação e licença que « tinham bebido na primeira morada, e cuja tra- « dicção teriam por certo conservado (1).» Quarenta e tres foram despedidos.

Foi, depois de despedidos tantos de seus membros, que a 20 de fevereiro de 1816, a Instituição passou-se para o velho seminario de S. Firmino ou collegio de *Bons-Enfants*, rua S. Victor n. 68, local pequeno, incommodo, que foi necessario modificar, acrescentar, e que nunca, apesar de tudo quanto se tem dito, foi convenientemente arranjado para um tal destino.

« Depois da mudança, disse o Sr. Guillié, uma « necessidade não menos imperiosa (que a expulsão de 43 alumnos) era a de um regulamento sabio, forte, e capaz de impedir a regeneração dos « abusos, que determinasse os deveres dos chefes e « dos subordinados, e que facilitasse a uns a sua « execução, e aos outros os meios de fazel-o obser-

(1) *Essai sur l'Inst. des av., introd., 1.ª ed., p. 24.*

var (1). » Este regulamento foi feito segundo as idéas do director, ou, o que talvez seja mais exacto, pelo proprio director. Eis aqui suas disposições principaes.

A Instituição tem por fim instruir os meninos cegos e dar-lhes um modo de vida util; ha 90 lugares gratuitos: 60 para meninos e 30 para meninas; pódem admittir-se pensionistas. Tres quartos dos lugares gratuitos são dados pelo ministro do interior, o resto pela administração do Instituto, porém sempre a meninos pobres, completamente cegos, dotados de intelligencia necessaria para receber a educação da escola, e tendo de idade pelo menos 10 annos, quando muito 14. Não pódem ficar na Instituição mais de oito annos. A Instituição era *dirigida e governada*, sob a autoridade do ministro, por uma administração composta de cinco membros, entre os quaes contava-se o director. Esta era encarregada da administração dos bens e da execução dos regulamentos da Instituição. Um dos administradores tinha a seu cargo mandar fazer todas as despezas. O director era o chefe de todo o estabelecimento. Todos os encarregados do serviço administrativo ou da Instituição lhes eram intimamente subordinados, e obrigados a conformar-se com suas ordens. Como instituidor em chefe, o director era ajudado por um segundo e um terceiro instituidores (este só foi nomeado muito depois, mas houve um professor de mathematicas), 2 vigi-

(1) *Essai sur l'Inst. des av.*, 2.^e éd., p. 35 et 36.

lantes, 2 chefes de officina, um mestre de musica e 6 repetidores cegos escolhidos entre os alumnos mais distinctos. Quanto ás meninas, a institutriz tinha uma vigilante e uma repetidora cegas. O director instituidor em chefe devia assistir alternativamente ás lições dos meninos e das meninas, a fim de dar ao methodo de ensino os mesmos principios, a mesma theoria. O director devia ainda, o que é cousa bizarra, depois d'elle proprio examinar os alumnos, distribuil-os, na razão da sua idade, sua intelligencia, e seus progressos, em tres classes differentes, cuja duração era de 2 a 4 horas. O regulamento não fazia distincção entre a educação intellectual, educação moral, e educação professional, por isso que todos os alumnos eram obrigados a aprender estes tres ramos, salva a incapacidade para um delles, outra circumstancia pouco razoavel. De resto as bases do programa do ensino estabelecidas pelo regulamento eram muito vagas. A distribuição do dia dava dez horas e meia de trabalho. Todos os mezes deveria haver uma lição publica (isto é, uma sessão publica) dada pelo director, ou em sua ausencia, pelo segundo instituidor, á qual eram obrigados a assistir os alumnos de ambos os sexos, os instituidores, a institutriz das meninas, os repetidores, os chefes de officina, e os vigilantes. Finalmente, em todos os artigos do regulamento via-se bem impressa a mão despotica que o tinha confeccionado; em todo elle só se encontra um senhor rodeado de servos; a autoridade suprema de um, e a dependencia absoluta dos outros.

Quem quizesse recorrer a um livro publicado pelo Dr. Guillié em 1817, e reimpresso em 1819 com o titulo de *Ensaio sobre a educação dos cegos*, ficaria convencido que todas as partes do ensino estavam então no estado mais florescente (1).

Eis em que consistia, segundo o Dr. Guillié, o ensino intellectual. « Pelo que toca á leitura, exercitam-se os meninos, que entram para a Instituição, a reconhecer as letras; não se começa porém pelo alfabeto, pelo a, b, c, etc., como se pratica com os meninos que tem vista; seria isso criar difficuldades gratuitas. Neste estudo começa-se por se lhes fazer apalpar o *ponto*, depois a *virgula*, ensinando-lhes a sentir a differença que ha entre o *ponto*, e o *ponto* com uma pequena *cauda* para baixo, o que constitue a *virgula*; depois os *dous pontos*, o *ponto de admiração*, os *parenthesis*.... Passa-se depois ao estudo das letras; principia-se pelo *o*, e immediatamente depois vê-se o *o* com toda a serie das letras que chamamos simples, *l, b, i, j, d*, etc. » Tudo isto se fazia então com letras metallicas. « Conhecidas as letras isoladamente, ensina-se ao cego a distinguil-as em vogaes e consoantes, a formar syllabas, palavras, e por fim phrases (2). »

Tudo o que acabamos de referir é por certo bem pueril, para não dizer mais. De resto, é bem duvi-

(1) V. principalmente a *Introd.*, p. 26 — 29. (Cito sempre a 1.^a edição; avisarei o leitor quando quizer fallar da 2.^a).

(2) *Essai sur l'inst. des av.* 1.^{er} ed. p. 117, 118.

doso, segundo documentos fidedignos que temos, que esta theoria fosse alguma vez posta em pratica.

Fallando da escripta dos cegos, o Dr. Guillié entra em longas explicações sobre a machina de escrever de que se serviam seus discipulos, e sobre a maneira de inicial-os na arte calligraphica. Era sempre, com ligeiras modificações, o systema de Haüy, mais proprio, como pensava o mesmo Haüy, a excitar a curiosidade e a admiração do publico, do que a prestar um verdadeiro serviço aos cegos, como o prova de resto o facto de escreverem os cegos as suas composições com letras metallicas.

Havia tambem cursos de grammatica franceza, de geographia, historia, e de mathematicas elementares: arithmetica, algebra, e geometria.

Quanto ao estudo das linguas, para nos servimos da linguagem do Dr. Guillié, é na sua obra que é preciso vêr com que facilidade seus alumnos traduzem Anacreonte, como elles leem Tacito (1), e tudo isso graças ás traducções interlineares, graças ao systema do ensino mutuo, graças finalmente á abolição dessas recompensas venaes que abafam os sentimentos generosos, desses castigos que humilham e comprimem a emulação, e desse desejo de primazia, que facilmente degenera em orgulho. Foi á custa de todos esses meios reunidos que « os alumnos do Instituto avançassem com passos de gigante para o fim que tinham constantemente diante dos olhos.»

(1) *Essai sur l'inst. des av.*, 1^{er}. éd., p. 136 et 138.

Tudo isto escrevia-se em 1817, isto é, um anno depois da reorganisação do Instituto.

Na mesma época ou pouco tempo depois, o Dr. Guillié mandou fundir novos caracteres de impressão, e os antigos foram abandonados. Desde então e durante os annos de 1818, 1819 e 1820, a imprensa da Instituição não deixou de trabalhar. Appareciam os livros com uma extraordinaria rapidez: uma especie de grammatica ingleza foi impressa em 1817; ella foi seguida em 1818 de dous outros volumes de pedaços extrahidos de autores inglezes, de uma grammatica latina abreviada da de Lhomond em 2 vol., de uma grammatica italiana tambem em 2 vol.; o anno de 1819 foi mais fertil ainda: nelle appareceram dous volumes de pedaços extrahidos de autores italianos, uma grammatica grega em 2 vol., com um volume de extractos de autores gregos, uma grammatica hespanhola em 2 vol., uma geographia em 2 vol., e um volume de leituras religiosas escolhidas. Em 1820 imprimiram-se elementos de leitura em 1 vol., um cathecismo em 1 vol., 2 vol., de pedaços tirados dos prosadores latinos, e 1 vol. de extractos dos poetas Phedro, Horacio, e Virgilio, todos estes volumes de formato *in folio*; é necessario ainda ajuntar a esses, cinco volumes *in 4.º* contendo as Horas Mariannas. É verdade que a Instituição não possuia ainda nem um tratado de arithmetica, nem historia de qualidade alguma; procurava antes ter cousas superfluas quando tinha falta do necessario.

De resto, nada mais curioso do que algumas dessas obras; difficilmente se acreditará que se davam

ao trabalho de compor os versos de Phedro, de Horacio, e Virgilio, para arranjar as palavras na ordem propria á lingua franceza: era mais conforme, dizia-se, ao methodo de ensino que se tinha adoptado (1).

Assim, esta bella fabula do lobo e do cordeiro:

Ad rivum eundem lupus et agnus venerant
Siti compulsi: superior stabat lupus,
Longeque inferior agnus, etc.

encontra-se no livro em relevo pela maneira seguinte: *lupus et agnus compulsi siti, venerant ad eundem rivum: lupus stabat superior agnus que longe inferior.* E chamava-se isso *Carmina Phædri, F. Horatii, P. Virgiliti operibus excerpta*. O que se fazia com os versos fazia-se tambem com a prosa latina impressa para o uso dos meninos cegos: Cicero, Tito Livio, e Tacito, recebiam como Phedro, Horacio, e Virgilio, o baptismo francez. É pouco mais ou menos como se um professor de allemão se puzesse a transtornar a ordem dos versos de Racine ou a prosa de Bossuet segundo a construcção allemã, e desse essa *embrulhada* a seus discipulos como modelo de poesia ou da prosa francezas. Felizmente o estudo das linguas não era de primeira necessidade para a maior parte dos meninos cegos.

Pelo que diz repeito á musica, muitos elogios merece a administração. Não acreditemos porém tudo quanto diz o *Ensaio sobre a instrucção dos cegos*; que elles aprendessem os elementos de musica, de com-

(1) Prefacio do vol. contendo os extractos dos poetas latinos.

posição, etc., segundo os methodos do conservatorio (1). Os que frequentavam nessa época a escola de musica dos meninos cegos lembram-se muito bem que não havia methodo algum, que, longe de estudar-se a composição, não se estudavam mesmo os principios de solfejo. O estudo porém dos instrumentos fazia-se com o maior cuidado, não só dentro, como fóra do Instituto. O director, que tinha estudado musica, e a institutriz, que tambem era musica, deram um impulso extraordinario a esse ramo de ensino. O director tinha trazido do hospicio de *Quinze-Vingts* alguns homens de grande talento para a musica, os rabecas Marjolin, Charraux, Lamaury, Boucheron, o violoncello Dupuis, e o flauta Diette. Elle teve o talento de chamar á si, no interesse de seus discipulos, os primeiros artistas da época, que deram a esses moços lições e conselhos, que elles não poderiam obter senão da generosidade de taes mestres, porque a Instituição não podia pagar a um Jadin, um Baudoin, um Dacosta, um Duport, um Habeneck. Com as lições destes grandes mestres, Marjolin, Charraux, Lamaury, e Dupuis tornaram-se verdadeiros artistas (2). Então a Instituição teve uma orchestra, sobre tudo pelo que toca aos rabecas, digna de chamar a attenção dos mestres da arte, a ponto que o director do conservatorio de

(1) *Essai sur l'inst. des av.*, p. 165.

(2) A 16 de agosto de 1817 o concurso de musica teve lugar na presença de Habeneck, Duport, o abbade Rose, Baudoin, e Dacosta (*Arch. de l'Inst., procès-verbal de la science de l'administration du 21 août 1817*); e depois sempre assistio a esses exames algum musico distincto.

Paris, Mr. Perne, não se envergonhou de occupar algumas vezes o lugar de Isman, e presidir aos ensaios (1). Por sua parte a institutriz, que mais de uma vez deu impulso á musica, não só entre os meninos, como entre as meninas, formou algumas pianistas e ensinou harpa a um alumno. Finalmente comprou-se um orgão, porque o director comprehendia desde já a importancia, que esse instrumento teria um dia para os alumnos do Instituto (2).

Quanto aos trabalhos manuaes, sabemos, pelo livro do Dr. Guillié e por differentes relatorios seus ao ministro, que os cegos de ambos os sexos fiavam, faziam meias, bolsas, cintas, rêdes, chinellas, e tapetes de ourello, chinellas de pellucia de lã, chicotes de tripas, etc.; que os meninos além disto teciam, empalhavam cadeiras, faziam cordas, cestos, tapetes de palha, de junco, e de pellucia de Hespanha. Ora de duas cousas uma: ou as officinas do Instituto eram apenas destinadas para provar que os cegos podem fazer um pouco de tudo, ou ellas não eram mais do que um meio de procurar distracções variadas para os alumnos, e nesse caso preenchião perfeitamente o seu fim; ou devemos enxergar nellas uma organisação seriamente calculada com o fim de dar aos alumnos um modo de vida util, e não preenchem então o seu fim, por isso que, segundo

(1) E' preciso com tudo dizer que Isman foi, muito tempo, antes um leitor de musica, do que verdadeiro chefe de orchestra. Um artista com vista presidiu aos ensaios durante alguns annos. Tal foi o professor Kuhn, e um outro chamado Auron.

(2) *Essai sur l'inst. des av.*, p. 169.

nos parece, quando se quer fazer muita cousa, acontece quasi sempre que nada se faz de bom: poder-se-ha talvez illudir os inèxpertos, mas nunca obter resultados solidos:

Era sobre tudo nas sessões mensaes que o Dr. Guillié gostava de apresentar ao publico todas as *maravilhas* filhas do Instituto; era então que elle mostrava com prazer os productos mais ou menos verdadeiros das diversas officinas; era então que elle mandava explicar as odes de Horacio e Anacreonte aprendidas por meio das traducções interlineares. Que contraste com esse bom Haüy, que temia que fosse muito longe a admiração pelo seu methodo de ensino é por seus discipulos; que procurava « affas-
« tar da imaginação de seus leitores tudo o que pu-
« desse illudir áquelles, que não tivessem podido
« assistir aos seus exercicios, e a quem partidarios
« exagerados da sua Instituição poderiam apresen-
« tar como maravilha, o que não era senão um
« facto muito natural (1). »

E já que pronunciámos o nome de Haüy, forçoso nos é dizer que o Dr. Guillié foi injusto e quasi cruel para com elle. Na introduccão de seu livro, obrigado a fallar no pai dos cegos, procurou, o mais que é possivel, fazer esquecer o seu nome. Em um capítulo do mesmo livro, tratando *da origem da Instituição*, não menciona mesmo o nome de Haüy, e dá Luiz XVI como fundador da escola. Na mesma época manda imprimir em relevo, para um dos cegos, a sua *Noti-*

(1) Haüy *Essai sur l'inst. des av.*, p. 4 et 5.

cia historica sobre a Instituição, e ainda desta vez não falla no nome de Haüy. Em 1821 publica uma nova edição muito mais extensa desta mesma *Noticia*, e guarda silencio a respeito de Haüy. Que puerilidade! Como se o director do estabelecimento dos cegos pudesse com um ridiculo silencio apagar a mais bella pagina de sua historia! O que vamos porém contar ainda é mais vergonhoso: Haüy, tendo chegado a uma idade avançada e soffrendo das enfermidades que a velhice traz sempre consigo, quiz, antes de morrer, tornar a ver a França que elle tanto amava, e seus antigos discipulos a quem não tinha podido esquecer. Volta a Paris; seus velhos alumnos do hospicio de *Quinze-Vingts* recebem-no alegres, e elle mesmo não pôde deixar de sentir o mais vivo prazer. « Nem as enfermidades, nem o peso dos annos, « nem a longa ausencia tinham podido arrefecer a « ternura desse bom pai para com seus filhos. Vi- « nha ao hospicio de *Quinze-Vingts* visitar seus dis- « cipulos todas as vezes que suas enfermidades lh'o « permittiam, e experimentava sempre um novo « prazér quando assistia ás missas musicaes que « elles executavam (1). » Haüy apresentou-se tam- bem á porta do Instituto real dos meninos cegos, e essa lhe foi barbaramente fechada! O velho instituidor queixava-se amargamente desse acto, e a seus amigos intimos confiava a sua dor tão profunda quanto legitima. Dizia-se que Haüy tinha entrado na revolução, e que o director do Instituto temia

(1) Gailliod, *Notice hist* p. 58 et 59.

desgostar o governo de então, se por acaso recebesse em seu seio o velho instituidor! Seria isso uma razão?

Deixemos porém de parte tão tristes recordações; resta-nos ainda fallar de um facto da administração do Dr. Guillié, que pelo menos encarando-o por um lado, não podemos deixar de louvar. Em 1820 o director dos meninos cegos fez presente á Instituição de 400 exemplares de sua obra sobre a Instituição dos cegos, manifestando o desejo de que o producto da venda desses exemplares fosse empregado na compra de inscripções de rendas para começar um capital de pensões para os alumnos que sabissem da Instituição, afim de que elles podessem exercer fóra della a profissão que tivessem aprendido (1). A administração com essas vistas ordenou com effeito que se formasse um capital de pensões para os alumnos que sabissem da Instituição: que essas pensões ou soccorros fossem dados, por proposta do director, na razão das necessidades, da intelligencia, do lugar que devesse habitar o alumno, etc., etc. Disse-se, e isto está consignado nas actas da administração, que a liberalidade do Dr. Guillié era muito mais apparente do que real; disseram-se muitas outras cousas, mas nem por isso deixa de ser verdade que a idéa primitiva do projecto era excellente, e que a venda de alguns exemplares da obra do Dr. Guillié deu origem ao capital das pensões ou soccorros, que,

(1) *Arch. de l'inst.*, procès-verbal de la science du cons. d'administ. du 24 mars 1820.

augmentando pouco a pouco com as dadivas dos que visitavam a Instituição, dá hoje a somma de 840 fr. de renda, que são empregados todos os annos em facilitar os meios de vida de alguns alumnos á sua sahida do Instituto.

O Dr. Guillié concebeu tambem um projecto que é pena que se não realisasse. No seu relatorio ao ministro sobre os exercicios de 1818 e 1819, Guillié faz sentir a utilidade de que haveria em comprar-se perto de Paris uma pequena casa, como tem quasi todos os grandes estabelecimentos de educação, com algumas geiras de terra, onde os meninos cégos podessem ir respirar um ar mais puro. Esta casa seria com effeito de muito mais utilidade para os meninos cégos que para quaesquer outros, se attendermos a que elles com muita difficuldade pódem ir recrear-se nos jardins e passeios publicos, expostos á indiscripção dos passantes, em um terreno desconhecido, etc. Infelizmente ainda hoje fazemos os mesmos votos que fazia o Dr. Guillié em 1820.

Aqui terminariamos tudo quanto tinhamos a dizer sobre a administração do Dr. Guillié, se uma peça official, especie de devassa feita sobre essa administração, não nos obrigasse a nos demorarmos ainda um pouco: o historiador, para merecer o titulo de sincero, deve narrar tudo o que julgar util dizer. Todavia como essa devassa foi evidentemente feita por espirito de hostilidade, como não queremos de modo algum fazer-nos écho de recriminações apaixonadas, apenas mencionaremos alguns factos geraes.

A devassa diz que a disciplina da Instituição foi barbara; ella foi dura, é verdade, algumas vezes mesmo deram-se factos que a razão e o pudor altamente reprovam, mas que nunca se poderão chamar barbaros, como diz a devassa.

A devassa só vio por toda a parte mentira e charlatanismo. O charlatanismo existio, e isso é deploravel, porque ainda mesmo que não fosse condemnado seria sempre um máu calculo: elle descobre-se cedo ou tarde, e então duvida-se dos factos os mais bem demonstrados; este é sempre o resultado. De resto, é talvez aos cegos que a mais rigorosa verdade póde trazer maiores vantagens, porque ella ha de sempre causar bastante admiração, ha de sempre despertar bastante os espiritos para não ter necessidade de algum auxilio mentiroso.

Os dous relatorios, um de Mr. Binet sobre o estudo das mathematicas, outro de Mr. Letronne sobre os estudos litterarios, constituem a parte mais interessante da devassa. O primeiro mostra que o estudo das mathematicas é incompleto e inintelligivel; Binet pede que façam os meninos cegos applicarem-se de preferencia á arithmetica e geometria elementar; diz elle que as noções adquiridas pela geometria devem ser-lhes de muita utilidade e pódem contribuir muito para diminuir suas privações; o estudo da algebra lhe parece uma superfluidade para a maior parte dos alumnos. E Mr. Binet tinha toda a razão. De outro lado Mr. Letronne insiste sobre a idéa de que a instrucção litteraria não está submettida a um plano bem ordenado, nem é dirigida a um fim de-

terminado, segundo os meios presentes e as necessidades futuras dos alumnos. Letronne não vê senão sessões publicas, *com o fim unico de obter resultados apparentes e enganadores*. Deixando a critica, Letronne traça com mão de mestre o plano que lhe parece mais conveniente seguir-se: « Os alumnos não « devem receber todos indistinctamente a mesma « educação. Deve-se antes de tudo considerar a « classe da sociedade donde sahiram, e aquella « onde irão ter esses alumnos. Poder-se-ha fazer de « qualquer delles um artista, um musico, um ho- « mem de letras, um sabio? Aquelle outro, que vol- « tar ao seio de sua familia, irá ahi viver tranquil- « lamente e na abundancia? O cego que tiver de vi- « ver fabricando coberturas, ou tocando um instru- « mento, que proveito tirará elle em sobrecarregar « a memoria com algumas miseraveis citações lati- « nas, ou gregas?—É sem duvida preciso que na « Instituição real dos meninos cegos existam os « meios de satisfazer a todas as necessidades da in- « telligencia. Se apparecer um talento, não se deixe « definhar e morrer esse germen precioso por falta « de cultura; é necessario que elle encontre no es- « tabecimento uma instrucção solida, que é a « unica capaz de desenvolvê-lo e fazê-lo brilhar: o « latim, o grego, as linguas vivas, as mathematicas, « nada é de mais nesse caso. Eu porém faço a ex- « cepção daquillo que se fez regra geral. Reservo « esses conhecimentos, em vez de ensinal-os a to- « dos, para um muito pequeno numero de seres « privilegiados pela natureza, ou para aquelles,

« que escolhem uma profissão para a qual alguns
« desses conhecimentos são necessários. Reservan-
« do-se só para um pequeno numero de alumnos
« esses altos conhecimentos, seria de necessidade
« reforçar a educação commum enriquecendo-a de
« todos aquelles que servem ao homem em todas as
« classes, já por sua utilidade, já por necessidade.
« A grammatica franceza, a arithmetica nas suas
« diversas applicações, a geographia, a historia, no-
« ções elementares das sciencias physicas e natu-
« raes, eis o que deveria formar o circulo dessa edu-
« cação commum a todos. Eu quereria que esses di-
« versos conhecimentos fossem bem divididos e dis-
« tribuidos methodicamente pela ordem dos annos
« que os alumnos passam na Instituição; que a
« administração apresentasse programmas, e que
« estes, modificados segundo as classes, fossem es-
« crupulosamente seguidos pelos professores (1). »

A administração do Dr. Guillié, que de ha muito contava alguns inimigos, foi por tal modo guerreada, que elle teve de retirar-se em 1821. A institutriz, que havia muito tempo o acompanhava, retirou-se com elle (2).

Existia no estabelecimento um homem de merito, que nenhuma parte tinha tomado nos actos, que até então se haviam passado. Mr. Dufau, além de já co-

(1) Arch. de l'inst., procès-verbal de la séance du conseil d'administra-
tion, du 19 mai 1821, et pièces à l'appui.

(2) Conservou o titulo de director honorario, que lhe foi tirado em 1824.

nhecido por algumas publicações notáveis, poderia ainda allegar muitos annos de bons serviços como professor; mas ou fosse por causa de sua idade (tinha apenas 26 annos), ou fosse por outro qualquer motivo, não foi elle o escolhido para dirigir o Instituto. O Dr. Pignier, estranho até então, não só á educação especial dos cegos, mas ainda a toda e qualquer pratica de ensino, recebeu o titulo de director e instituidor em chefe dos meninos cegos. Como o Dr. Guillié, Pignier foi ao mesmo tempo medico do Instituto, sem porém receber os 800 fr., que como medico recebia seu predecessor. Elle não entrava no numero dos administradores; assistia sómente ás sessões do conselho tendo o direito de dar o seu voto. O Dr. Pignier foi empossado no dia 24 de fevereiro de 1821. O seu primeiro acto foi apresentar e fazer que fosse acceita pela administração M.^{me} Landresse como institutriz das meninas. Nos primeiros tempos de sua administração o novo director soffreu alguns desgostos. Nunca se arranca uma arvore velha sem que ella deixe na terra algumas raizes. Tres repetidores, Fouséque, Boucheron, e Lamaury, seduzidos por insinuações detestáveis, declararam-se inimigos do director, pelo que foram despedidos da Instituição: a mesma sorte teve um vigilante, que tomou o partido daquelles. Finalmente o joven Dupuis, quarto repetidor, foi tambem seduzido, e retirou-se para a casa de sua familia. Todos esses moços foram illudidos com a esperanza de que ia criar-se um Instituto particular, onde elles teriam muito maiores vantagens do que tinham tido

até então (1). As cousas não pararam aqui: os tres repetidores e o vigilante despedidos denunciaram, cada um por sua vez, o novo director ao ministro, citando factos de todo o genero e de tal maneira graves, que o ministro exigio explicações em termos, que *affligiram o conselho de administração* (2). E foi isso o que deu lugar a essa devassa, e aos relatorios, de que acima fallamos. O novo director foi obrigado a defender-se legalmente, e fel-o.

Um outro objecto trouxe novos cuidados ao Dr. Pignier. As finanças do estabelecimento estavam em muito máu estado, e as contas em grande desordem. « As dividas atrazadas, dizia em fevereiro de 1822 « um dos administradores, fazem um mal immenso « á regularidade do serviço da casa e á promptidão « com que os trabalhadores e fornecedores devem « executar as diversas decisões da administração. Já « muitas queixas se tem feito, e seria bem preciso « providenciar a tal respeito. » A verba do governo e os outros recursos do estabelecimento eram muito pequenos para que delles se podesse distrahir alguma quantia; o governo dava 60,000 fr., e todos os recursos reunidos não passavam de 80,000 fr.

(1) As tentativas de seducção chegaram mesmo até aos alumnos. O pai de M.^{lle} Antoinette Dupille fez por escripto a seguinte declaração. Eu abaixo assignado Theodoro Nicoláu Dupille, negociante criador de gado, morador em Rosni, certifico que Mr. Guillié, antigo director do estabelecimento dos meninos cegos, pedio-me, ha pouco mais ou menos sete ou oito dias, que tirasse minha filha Antoinette Dupille do estabelecimento da rua S. Victor, que estava a cahir, e a entregasse aos cuidados de M.^{lle} Cardeilhac, sua antiga institutriz; e isto sob a promessa de dar-me 150 fr. (*Arch. d'Inst.*).

(2) *Arch. de l'inst.*, procès-verbal du 28 avril, 12 et 19 mai 1821.

Quando muito elles podiam chegar para as despesas indispensaveis; e se algumas quantias eventuaes, productos de dadivas, legados, etc., não viessem de tempos a tempos augmentar a caixa da Instituição, de certo ver-se-hia ella em grandes embaraços para chegar ao fim do anno. O conselho de administração decidio que se venderia uma renda de 1,098 fr., e o ministro approvou esta alienação; mas ella não foi sufficiente para supprir inteiramente o deficit (1).

As circumstancias estabeleceram por tanto um verdadeiro antagonismo, para não dizer mais, entre o antigo e o novo director. Houve um abysmo entre o passado e o presente. Este antagonismo deixou-se claramente ver em muitas occasiões, e entre outras a respeito do respeitavel Haüy. O Dr. Guillié tinha-lhe fechado as portas da Instituição, o Dr. Pignier mandou, em nome da administração do Instituto, convidal-o para um concerto publico dado em honra do velho director a 22 de agosto de 1821. « Neste concerto (são as proprias palavras de Mr. Gailliod) os « jovens alumnos rivalisaram em talento e zelo para « testemunharem seu reconhecimento ao seu primeiro bemfeitor. Executaram diversos pedaços de « musica, e terminaram por este côro, que lhes recordava tempos bem felizes:

- « Amigos para sempre respeitemos
- « De nosso instituidor nome e talento;
- « Em nós supprindo o erro da natura,
- « Da luz seu genio substitue o invento (2).

(1) Arch. de l'inst., procès-verbal du 25 février 1822 et 24 janvier 1823.

(2) Vide pag. 31.

« Durante o canto, Haüy sentio a mais viva emo-
« ção, as lagrimas lhe corriam dos olhos, e seus
« gestos deixavam bem ver toda a sua alegria e sur-
« presa. Os meninos cegos conservaram, em uma
« folha impressa para seu uso, a lembrança d'um
« dia tão memoravel (1). » Não se passou um anno
que o conselho de administração decidio que uma
inscripção gravada em marmore fosse collocada na
Instituição em lugar onde bem podesse ver-se, para
perpetuar a memoria do bemfeitor dos cegos (2); e
com effeito, pouco tempo depois, pôde ler-se em mar-
more negro o seguinte: « A' memoria de V. Haüy an-
« tigò interprete do Rei, do almirantado de França e
« do *Hotel de Ville*, cavalleiro da imperial ordem de
« S. Wladimir; nasceu em S. Just, na Picardia, a 13
« de novembro de 1745, e morreu em Paris a 18 de
« março de 1822; foi inventor do methodo e meios
« de ensino para os cegos. Estabeleceu a principio á
« sua custa esta escola fundada depois, a instancias
« suas, por Luiz XVI em 1791, que deu nascimen-
« to a outras na Russia e outros estados da Europa,
« segundo as idéas do instituidor francez (3). »

A diversidade de conducta adoptada pelos dous di-
rectores era dependente, não só das circumstancias,
mas tambem de seus principios e de seus caracteres,
que eram bem differentes. O Dr. Guillié, homem do
mundo, amigo das artes, sempre desejoso de ouvir

(1) Gailliod, *Not. hist.*, p. 59 et 60. O que Haüy sentio, sentiram todos, e todos choraram (Souv. de Mr. Montal).

(2) *Arch. de l'inst.*, procès-verbal du 1.^{er} avril 1822.

(3) Esta inscripção está hoje collocada na nossa capella.

fallar de seu nome, procurando ter nomeada, queria que se fallasse da Instituição, que seus alumnos apparecessem: o Dr. Pignier pelo contrario, homem de costumes muito religiosos, seguiu o caminho opposto; deu ao Instituto, creio eu, mais a apparencia d'um seminario que de collegio; pouco valor elle dava ao espirito e aos habitos da boa sociedade.

Tendo em vista os relatorios de MM. Binet, e Letronne me parece que teria sido facil estabelecer um plano geral de estudos, organizar classes elementares para todos, e classes superiores para um pequeno numero sómente, tendo sempre todo o cuidado na execução desse plano: entretanto assim não aconteceu. O segundo instituidor continuou a ensinar grammatica geral, rethorica, philosophia, e latim, como entendeu; o terceiro instituidor professou, tambem como entendeu, arithmetica, geometria, algebra, e historia natural; muitos alumnos mais velhos, com o titulo de repetidores, ensinaram pequenas cousas sem haver quem os dirigisse: os mesmos factos deram-se entre as meninas. Acreditamos que todas as materias tomadas separadamente, foram muito bem leccionadas; as classes porém não formavam um todo systematico. Aos diversos membros do corpo magistral faltava uma cabeça.

Pela maneira porque o proprio Dr. Pignier falla, em um relatorio de 1825, da direcção que tinha dado á educação intellectual, vê-se que elle não se tinha penetrado bem da natureza do objecto. Pignier felicita-se de ter estabelecido exames hebdomada-rios, e no fim do anno concursos sobre composições

que eram julgadas pelos membros da Instituição, pelos professores da universidade e da escola Polytechnica. « Classes regulares, accrescenta elle, estão « agora estabelecidas para a leitura, grammatica « franceza, grammatica geral, rethorica, geogra- « phia, historia, arithmetica, e todos os ramos das « mathematicas. Os alumnos não passam para uma « classe superior senão quando estão sufficiente- « mente instruidos na precedente. Os mais intelli- « gentes percorrem todas as classes; os que tem me- « nos disposições só chegam até aonde pódem, ou « repetem as classes em que ainda não beberam a « necessaria instrucção. Tudo se faz com ordem e « methodo. Para ainda apressar os progressos de « nossos alumnos e ornar sua memoria formando « sua intelligencia, estabelecemos leituras regulares « de litteratura e historia (1). » E' impossivel achar em tudo isso uma organização precisa, geral, e constante.

Quanto á musica, não seria exacto dizer-se que ella degenerou, mas sim que mudou de character: antigamente tinha-se em vista ter bons executantes para a orchestra, agora procura-se ter organistas. No seu relatorio de 1825 o director exprime a opinião de que o estudo dos instrumentos seria de utilidade secundaria para os alumnos quando entrassem no mundo, se este estudo não lhes facilitasse os meios de tocar orgão, e esta opinião devia produzir seus effeitos. Porém da mesma maneira que a roda quando em movimento move-se ainda algum tempo pela

(1) *Arch. de l'inst.*, procès-verbal du 7 mars 1825.

propria força de impulsão, assim tambem o estudo dos instrumentos seguiu sua marcha, os alumnos continuaram a ir tomar fóra do estabelecimento lição com os grandes artistas, taes como o velho Habeneck! Habeneck Corantin, Dacosta, Benarct, Dauprat, Guillose, Rychmans, Recqueé, Friard (1); de sorte que se a partida dos repetidores Boucheron, Lamaury, Dupuis, a de Charraux, e a de Diette que teve lugar um pouco mais tarde enfraquecera a orchestra, se ao lado de Marjolin não houve mais que rabecas muito ordinarios, a classe de contrabaixo, graças ás lições de Benaret, e a de clarineta, graças ás lições de Dacosta, foram mais brilhantes que nunca; foram ellas que formaram Marius Gueit, e Grosjean. Na mesma época a classe de canto apresentou M.^l Me- nier, que, dotada de bella voz de soprano, foi optima cantora. Augmentou-se depois o numero dos executantes, e o numero vale alguma cousa n'uma orchestra. Esta orchestra e os concertos que ella dava tinham substituido as sessões publicas do Dr. Guillié. Em consequencia destes concertos abrio-se a casa aos visitantes, que podiam por esse meio ver os alumnos trabalharem nas officinas, ou nas classes entregues aos exercicios intellectuaes, o que affastava toda a idéa de charlatanismo.

No tempo do antigo director podia-se dizer que só as meninas aprendiam a tocar piano, porque apenas dous ou tres rapazes recebiam algumas lições da institutriz. De 1824 em diante porém começaram a ap-

(1) *Arch. de l'inst.*, procès-verbal de 28 sept. 1822, et rapport du 7 mars 1823.

parecer dous pianistas de alguma força, Marius Gueit, e Luiz Braille. M.^{mo} Vanderburch, que, por assim dizer, só vivia para os alumnos da Instituição, tinha organizado um curso de piano, e dava lições aos meninos. Além disto, em quanto M.^{mo} Vanderburch tratava de formar alguns pianistas, os conselhos igualmente desinteressados de MM. Lasceux, organista de *Saint-Etienne-du-Mont*, e Marrigues, organista de *Saint-Thomas-d'Aquin*, abriam aos jovens pianistas uma nova carreira. Desde 1822 o director da Instituição fez com que o vigario de *Missions-Etrangères* deixasse seus alumnos tocarem o orgão dessa igreja, um cada mez (1). Logo depois muitos organistas de Paris, que tocavam ao mesmo tempo pequenos orgãos vieram procurar ajudantes á Instituição, que teve por esse meio uma escola de applicação para os alumnos, que aprendiam a tocar orgão.

Todavia os jovens organistas conheciam todos que tinham ainda muito que aprender. É verdade que elles tinham algumas noções de harmonia, mas vagas, e sobretudo incompletas; de sorte que acompanhavam suas melodias de ouvido, e não porque conhecessem regras. Alguns alumnos, Montal, que organisou na Instituição classes de solfejo, Renaud e Gauthier, que foi um dos melhores harmonistas de seu tempo, estudavam o tratado de harmonia de Cattel, e desde então os principios desta sciencia foram ensinados na Instituição.

O que dissemos a respeito das classes diremos a

(1) Arch. de l'inst., procès-verbal du 28 septembre 1822.

respeito dos trabalhos manuaes. Parece que o Dr. Pignier não percebeu os inconvenientes do systema seguido por seu predecessor: no seu relatorio de 1825 Pignier felicita-se por ter aberto na Instituição um grande numero de officinas, e promette ainda abrir outras: elle falla dos trabalhos seguintes:—Que os alumnos faziam meias a agulha, chicotes, chinellas de ourello, de pelucia, de trançado, tapetes de ourello, cabazes e chapéos de palha; empalhavam cadeiras, faziam meias sem agulha, fiavam linho, teciam algodão, fabricavam coberturas, etc. « Não
« desconheço, ajunta elle, que existem ainda outros
« officios, a que os nossos alumnos poderiam appli-
« car-se com vantagem, e que tinham sido lembra-
« dos em outro tempo por Haüy; mas a estreiteza
« do local é um grande obstaculo ao desenvolvi-
« mento de nossas officinas, ao estabelecimento de
« uma cordoaria por exemplo. Contamos em breve
« fazer ensinar o officio de sirgueiro, que os cégos
« aprendiam em outro tempo com tanta vantagem;
« já se nos lembrou o fabrico de limas como cousa
« muito vantagosa, e parece que na Inglaterra elle
« tem dado interesse aos cégos. » O Dr. Pignier
ajuntava finalmente: « Da mesma maneira que nas
« classes os nossos alumnos aprendem successiva-
« mente muitos officios, não só para augmentarem
« em dextreza á medida que suas forças se desen-
« volvem, como para que tenham muitos generos
« de industria, e por consequencia maiores recur-
« sos; assim elles aprendiam successivamente a fa-
« zer meias, chicotes, chinellas, e diversos ramos de

« tecelaria, &c. (1). » Como acreditar que os cegos são aptos para aprenderem muitos officios ao mesmo tempo, quando mesmo os que tem vista não podem ser habéis senão em um só?! Provavelmente nunca hão de saber officio algum. Estabelecei se quizerdes, uma officina sem importancia, onde os alumnos venham passar as horas vagas, até que possaes conhecer a vocação de cada um; ahi encontrarão elles a vantagem de poder exercitar os dedos, e tornal-os mais dextros; mas desde que a experiencia nos fizer conhecer que taes e taes alumnos tem inclinação para os trabalhos manuaes, é necessario distribuil-os por tres ou quatro officinas conhecidas como as mais vantajosas para os cegos, onde em pouco tempo elles podem adquirir os habitos de obreiro. Só desta sorte chegareis a fazer alguma cousa util para a Instituição, e sobretudo para os meninos confiados aos vossos cuidados. Apresentai um pequeno numero de officinas em plena actividade, trabalhos grosseiros, mas verdadeiramente uteis, e não uma vasta nomenclatura de officinas de productos de fantasia, por isso que é bem certo que os cegos devem evitar os trabalhos de luxo, e occupar-se de preferencia dos mais faceis e mais communs: com tempo e paciencia elles poderão vencer os primeiros, mas só os segundos são lucrativos, e á custa delles os cegos poderão pagar sua divida para com a sociedade. Houve com tudo uma boa medida relativa ás officinas, concedendo aos alumnos, em todos os objectos confecçio-

(1) *Arch. de l'inst.*, procès-verbal du 28 septembre 1822.

nados por elles, um premio proporcionado á importancia desses objectos: foi um excellente meio de excitar a emulação, o que prova-se claramente com o producto das vendas dos objectos fabricados na Instituição, que foi duas vezes maior em 1823, e quatro vezes em 1824 (1).

O Dr. Pignier tomou outra medida que tem alguma importancia na historia da Instituição. Antigamente não havia no estabelecimento senão um menino com vista, que se occupava em lêr para os cégos ouvirem; o Dr. Pignier porém chamou muitos outros para a Instituição. « Estes, diz elle no seu « relatorio, conduzem os cégos á casa dos profes- « res, ás igrejas aonde vão tocar orgão, e ao passeio; « leem musica e diversas obras de sciencia e littera- « tura necessarias aos seus estudos, e repartidos pe- « las officinas, ajudam os cégos no trabalho. Elles « tambem tem classes onde aprendem a leitura, « grammatica, geographia, arithmetica, musica, e « os mestres são repetidores cégos. Por este modo, « continúa o director, podemos estabelecer o que « Haüy tinha feito, e os cégos exercitam-se dando « lições aos meninos com vista logo que entram para « a Instituição (2). » Havia cinco meninos com vista em 1826; algum tempo depois oito; finalmente em 1840 existiam nove, porque elles ficaram na Instituição durante todo o tempo da administração do Dr. Pignier; mas longe de ser proveitosa ao estabele-

(1) Em 1822 foi de 745 fr. 25 cent. ; em 1823 de 1536 fr. 56 cent., e em 1824 de 2773 fr. 20 cent. *Arch. de l'inst.*, rapport du 7 mars 1825.

(2) *Arch. de l'inst.*, rapport du 7 mars 1825.

cimento, como no tempo de Haüy, a estada desses meninos com vista, ella occasionou um augmento de despezas por certo bem pesado a um estabelecimento pobre; o que se gastava com elles era um verdadeiro roubo que se fazia aos cegos. Era pagar bem caro algumas pequenas vantagens que se não pôdem contestar.

O relatorio de 1825 nos fornece tambem alguns dados sobre a administração economica e material do Dr. Pignier: por elle sabemos que as dividas da Instituição tinham sido pagas, parte com o producto da venda da renda de que acima fallamos, parte com uma somma extraordinaria dada pelo ministro. Graças ao bom emprego dos rendimentos do Instituto todos os serviços tinham melhorado; toda a roupa era melhor, a de cama mais completa e em melhor estado, as enfermarias mais sadias, melhor regimen sanitario, melhor nutrição e mais abundante: « Este « anno principalmente (1825), dizia o Dr. Pignier, « tivemos a fortuna de, em consequencia do au- « gmento das rendas, poder dar vinho aos alumnos « a todas as horas da comida, e augmentar um pou- « co a quantidade de carne, que será de utilidade ac- « crescentar ainda, logo que os recursos da Institui- « ção o permittirem (1). » De resto para sermos justo com o Dr. Pignier, é necessario que confessemos, que, inteiramente occupado das funções de seu cargo, consagrou-lhes todo o seu tempo, todos os seus

(1) *Arch. de l'inst.*, rapport de 7 mars 1825.

pensamentos, e identificou-se, por assim dizer, com os cégos, cujo bem-estar elle só tinha em vista. Pignier enganou-se algumas vezes quanto aos meios de assegurar-o, mas suas vistas foram sempre as mesmas: foi um pai com tendencias retrogradadas, e de character absoluto, mas em um pai os erros, os defeitos mesmo tem um lado respeitavel. Finalmente no mesmo relatorio o Dr. Pignier expõe á administração dous projectos que parecem tel-o constantemente preocupado, e desde então essa administração partilha as vistas do director. O primeiro tinha por fim mudar a Instituição da casa acanhada e pouco saudavel da rua S. Victor; muito tempo porém tinha ainda de passar-se antes que se realisassem tão bons desejos. O segundo projecto consistia em crear para os alumnos, que sahissem da Instituição, uma casa de trabalho onde podessem exercer o officio que tivessem aprendido. « Convencido, diz o Dr. Pignier, de que « o cégo, vivendo isolado, difficilmente poderá sub- « sistir, por isso que a elle tudo é muito mais dif- « ficil e dispendioso; convencido de que, só traba- « lhando em commum, é que o cégo poderá tirar do « seu trabalho o indispensavel para sua existencia; « convencido finalmente que seria bastante fazer as « despezas geraes para a abertura dessa casa de tra- « balho, que os proprios trabalhadores poderiam « sustentar depois á custa do seu suor, concebi a « idéa desse estabelecimento desde que entrei para « a Instituição. » Todavia este projecto não foi por elle executado, e só mais tarde, como já dissemos, é que o successor de Mr. Pignier realisou alguma cou-

sa analogia a esse projecto, ainda que com bases diferentes (1).

Nos annos que decorreram entre 1825 e 1829 passou-se na Instituição um facto de alta importancia; quero fallar da invenção do systema de escrever por pontos salientes; esta descoberta, como quasi sempre acontece foi a principio pouco apreciada: hoje porém dá-se-lhe todo o valor que merece, e, quanto a mim, não tenho a menor duvida em considerá-la como a mais importante que appareceu depois de Haüy, podendo mesmo entrar em concorrência com a da impressão em relevo (2).

A primeira idéa deste genero de escripta cabe a Mr. Charles Barbier, que não fazia parte da Instituição, e cujo nome deve ficar ligado á historia do Instituto. Mr. Barbier propoz-se ensinar aos cegos a escrever e a *lêr o que escrevessem*; e tudo isto « sem « conhecerem a figura das letras, o uso da penna ou « do lapis, as regras da orthographia, e as difficul- « dades de soletrar. » Formou uma especie de alphabeto de sons, por meio do qual pareceu-lhe que se podiam compor todas as palavras da lingua franceza, isto é, imaginou uma especie de tachygraphia composta de trinta e seis signaes representados por meio de pontos. Mr. Barbier foi mais longe; achado o systema, elle deu aos cegos o instrumento com que deveriam pol-o em pratica, e este instrumento era o mais simples possível. Nesta época os nossos jovens musicos, e sobretudo os organistas tinham

(1) V. pag. 45.

(2) Antes de nossa entrada para a Instituição.

creado para seu uso um systema de notas musicas, empregando as letras e algarismos em relevo; este systema foi muito bem acolhido e applicado geralmente na Instituição. O systema de Barbier despertou em alguns outros alumnos a idéa de escrever tambem a musica por meio de signaes pontuados, e elles conseguiram com effeito crear um systema novo que tinha sobre o precedente a vantagem de poder ser escripto pelos proprios cégos. Este primeiro successo induzio os mesmos alumnos, que encontravam graves inconvenientes no systema de Barbier a modificá-lo, e o joven Luiz Braille, um delles, chegou, de ensaios em ensaios, a transformá-lo completamente; tornou-o ao mesmo tempo mais prompto, simplificando consideravelmente os caracteres empregados; mais grammatical, se assim me posso exprimir, representando não os sons da lingua fallada, mas as proprias letras da lingua escripta; mais geral, porque applicou-o tambem a todos os signaes de pontuação, aos numeros, e á musica. De resto, Braille admitte tambem as abreviações, e se seu systema se presta a todas as regras orthographicas e grammaticas, pôde-se tambem empregá-lo stenographicamente. Em 1829 Luiz Braille redigiu um pequeno tratado sobre o modo de *escrever as palavras, a musica, e o canto-chão* por meio de pontos. Graças a esta escripta nova, verdadeiro beneficio para os cégos, nossos alumnos pôdem escrever e ler rapidamente o que escrevem; fazem o que pôdem fazer os que tem vista, tomam notas nas classes, possuem um grande numero de livros, escrevem

suas inspirações musicaes ou copiam as composições dos grandes mestres da arte. Este systema é ensinado nas nossas classes, e é com taes caracteres que imprimimos livros classicos e compendios de musica (1). Todavia o estado da Instituição era bem precario nessa época. Eis-aqui o que encontramos nas actas das sessões da commissão (2) no mez de fevereiro de 1831: « No mez de abril de 1826 um
« ministro não podendo augmentar a verba da Ins-
« tituição marcada no orçamento, que era por certo
« bem mesquinha, julgou necessario reduzir o nu-
« mero dos alumnos e deixar de prover os lugares
« vagos até que a receita fosse igual á despeza; re-
« conheceu-se que o numero daquelles devia ser re-
« duzido de 90 a 60: neste estado ficaram as cousas
« até que em agosto de 1828, tendo-se augmentado
« a dotação do Instituto, o numero dos alumnos foi
« elevado a 72. Em consequencia desta medida,
« que foi na realidade bem funesta para a Institui-
« ção, os estudos soffreram muito, e não foi mais
« possivel encontrar alumnos, que podessem sub-
« stituir aos que regiam classes ou dirigiam as of-
« ficinas, e a administração foi obrigada a conser-

(1) Foi tambem Mr. Braille quem descobrio o meio de fazer com que os cegos podessem traçar, por meio de pontos salientes, letras semelhantes pela sua fórma ás que são empregadas em typographia. Compoz para isso um aparelho analogo áquelle em que escreviam os caracteres convencionaes. Mais tarde um outro cégo, Mr. Foucault, antigo alumno do Instituto, inventou outro aparelho preferivel ao primeiro. Este novo aparelho poderia passar por obra prima de mechanica, trabalho de um cégo, se seu autor não tivesse inventado outras machinas muito mais perfectas, mas que, sendo muito caras, não pôdem chegar a todos.

(2) *Arch. de l'inst.*, procès-verbal de 11 fevrier 1831.

« var um certo numero até que outros estivessem
« em estado de poder substituil-os; pela mesma crise
« passou a orchestra, que, bem que já reduzida a
« um pequeno numero de musicos teria deixado de
« existir, se não se déssem as mesmas providen-
« cias.» Poder-se-hia dizer que existia então verda-
deira anarchia administrativa.

Para maior desgraça desapareceu no mesmo anno (1831) um mordomo deixando um deficit igual á receita geral de seis mezes(1). É verdade que quasi ao mesmo tempo M.^{mo} Vignette legou ao Instituto muitas propriedades, *sub conditione* de que nelle se haviam de educar oito meninos pobres, cégos dos departamentos de *Aisne e Marne*, ou do Senna na falta daquelles. Desde então certos departamentos, e algumas administrações de estabelecimentos pios tinham estabelecido pensões para a Instituição; havia finalmente alguns pensionistas: tudo isto foi por sem duvida muito vantajoso para o Instituto, mas não foi bastante para remover os embaraços com que elle lutava nessa época. Parecia que a Instituição marchava para sua completa ruina.

A musica foi certamente o ramo de ensino que menos soffreu. Todavia desde 1826 a orchestra já não era a mesma, tinha perdido muitos instrumentos bons e não tinha podido substituil-os. O flautista Renaud tinha deixado a Instituição nesse mesmo anno, bem como M.^{lle} Menier; Marjolin deixou-a em 1828, e o vacuo que deixaram estes artistas foi

(1) *Arch. de l'inst.*, procès-verbal du 10 février et 2 décembre 1831.

immenso. Para sustentarem a antiga reputação da orchestra apenas existiam Isman, Marius Gucit, Grosjean, e M.^{lho} Danne, excellente cantora. Mais tarde a orchestra perdeu ainda alguns de seus membros; e quando retiraram-se M.^{lho} Danne em 1830, e Marius em 1831, ella soffreu então um golpe mortal. Apareceu nos concertos uma moça com voz de contralto, M.^{lho} Paté, que foi depois digna interprete de Blangini, Mercadante, Rossini e Mozart; mas infelizmente sua voz durou pouco tempo, e desde 1835 M.^{lho} Paté não cantou mais. De outro lado, porém, Marius que á custo de estudo tinha desenvolvido o grande talento musico com que a natureza o havia dotado, dirigio habilmente uma classe de orgão, e o estudo deste instrumento tornou-se desde 1826 muito interessante, e quasi que era preferido a todos os outros. Além disto Gauthier, que tinha ouvido a leitura dos tratados de Reicha, de Fétis, Langié e Rameau; as obras sobre a fuga e o contraponto de Fuch, Malpurch, Fétis e Chérubini, tinha tirado excellente partido de todas essas leituras. Da mesma maneira que Isman, que conhecia perfeitamente a musica da orchestra antiga e moderna, ensinava ambas na Instituição, Gauthier procurou entre as composições dos grandes mestres a applicação das theorias que tinha aprendido nos livros; retinha de cabeça as differentes partes de uma ouverture, de uma symphonia, meditava sobre ellas, analysava-as na sua fôrma melodica, em seus effeitos harmonicos, e nas combinações instrumentaes, e este trabalho ensinou-lhe, por assim dizer, a com-

posição. Tornando-se um habil harmonista, Gauthier foi encarregado, em 1827, de ensinar harmonia a seus condiscipulos, e desde então este estudo foi seriamente cultivado na Instituição. Á medida que a orchestra se tornava mais fraca, mais difficil era a execução das obras dos grandes mestres ; de outro lado, á medida que se formavam compositores na Instituição, estes, como era natural, desejavam ver executadas as suas obras ; por isso vemos que desde 1830 a orchestra tinha musicas pela maior parte compostas por Marius e Gauthier (1). Cabia por certo muita honra ao Instituto mostrando taes composições ; ao lado, porém, dessas vantagens existem inconvenientes que é necessario evitar : para que a nossa orchestra tenha verdadeira importancia, é preciso que haja uma escola pratica para que nella os alumnos possam conhecer profundamente as obras dos grandes mestres.

Os outros ramos de ensino e mesmo a disciplina da Instituição soffreram muito, por isso que ha intima relação, mais do que parece á primeira vista, entre as difficuldades materiaes e o estado moral d'um estabelecimento : pouca attenção se dava á disciplina e aos estudos. Assim no espaço de nove annos, de 1821 a 1830, não se imprimiu livro algum de classe, mas sómente livros de musica reli-

(1) Tinha-se creado uma pequena orêchestra, especie de escola donde tiravam-se os instrumentos para a grande orchestra : o director tinha tambem creado uma banda de musica militar que appareceu nas procissões de Corpus-Christi ; foi, porém, forçoso reuenciar a estas duas innovações em consequência das tristes circumstancias em que se achava a Instituição.

giosa segundo o systema de notas por meio de letras e numeros, e livros de igreja. Depois de 1830 ainda imprimiu-se um grande numero de obras pias e alguns livros de classe ; mas me parece que a escolha destes não foi das mais felizes. Por exemplo : que utilidade haveria em mandar imprimir em relevo para uso dos cegos, a arithmetica de Reynaud, em tres grandes volumes *in-folio*, obra estimavel que o Instituto deveria ter na sua bibliotheca para uso dos professores? Eu poderia ainda citar outras, que de certo não fazem honra á época em que foram publicadas (1). Na classê dos meninos com

(1) Durante a administração do Dr. Pignier imprimiram-se as seguintes obras : 1823-1828 Epitres et evangiles des deimanches et fêtes, 2 vol. in-fol.; 1825, Prières du matin et du soir, in 4.º ; 1828 annuaire do l'organiste par G. Gauthier, 2 vol. in-fol. ; 1829 office noté des jeudi, vendredi et samedi saints, par L. Braille, in 4.º ; 1830 Maniere de mélanger les jeux de l'orgue, par Marius Gucit, in 4.º ; Traité de la fugue, par Fétis, in 4.º ; office noté, in 4.º ; 1830 et suiv., Eléments d'arithmétique extraits de Reynaud, 3 vol. in-fol. ; 1831, Nouvelle methode pour représenter la musique au moyen de lettres, de chiffres, etc., par M. Moulin, in 4.º ; 1833 Traité d'harmonie, par Catel, in-fol. ; Figures de la geometrie et de la trigonometrie de Legendre, in 4.º ; Figure de la statistique de Poinso, in 4.º ; Choix d'anecdotes (système d'écriture en points) in 4.º ; 1834, Grammaire française de Noel et Chapsal, in-fol. 1836 Methode de lecture, in-fol. ; 1837 et suiv. Doctrine chrétienne de Lhomond, 5 vol. in-fol. ; 1838, Histoire-Sainte, in-fol. ; Principes élémentaires d'harmonie a deux parties, par Gauthier, in 4.º ; Petit memento d'arithmetique, par L. Braille, in 4.º ; Récuil de cantiques pour trois voix, par Gauthier, 3 vol. in 4.º ; 1839, Cours pour apprendre à accorder les pianos, par Moulin, in-fol. ; Principes de musique, par Collat, 1 vol. in-fol ; Principes d'harmonie à plus de deux parties, par G. Gauthier, in-fol. : Etudes pour piano, par Cramer, in 4.º ; 1840, Examen de conscience, in 4.º Não fallo de uma compilação de diversas geographias, porque esse trabalho só foi terminado em 1843. Na maior parte das obras aqui mencionadas a musica era impressa segundo o systema das notas por meio de letras e numeros.

vista liam-se os livros dos frades da doutrina christã e os cursos de historia de E. Lefranc, ex-professor do duque de Bordeaux. Conseguiram-se finalmente para a bibliotheca todas as boas publicações da sociedade catholica. Tudo isto mostra que na Instituição marchava-se no sentido inverso do espirito que se desenvolvia fóra della, o que é sempre um mal : se não devemos adoptar servilmente o espirito da época em que vivemos, se devemos mesmo algumas vezes divergir delle em muitos pontos, tambem é máu estarmos sempre em opposição e hostilidade; é necessario seguirmos, senão passo a passo, ao menos de longe, o movimento dos espiritos para que não nos achemos inteiramente estranhos no meio do seculo em que vivemos.

Tudo parecia por tanto indicar que o Instituto soffria uma direcção retrograda. O segundo instituidor porém, marchando em um caminho opposto, fez ver á autoridade em 1831, que o estado da Instituição era desgraçado, e, em 1832, um ministro proclamou do alto da tribuna nacional que o estabelecimento dos cegos estava em *um estado deploravel debaixo de todos os pontos de vista* (1).

Appareceu finalmente a critica pintando debaixo de todas as fórmãs a degeneração do Instituto dos meninos cegos. Dizia M.^{me} Niboyet : « Julgando-se « forte pelo direito de antiguidade o Instituto dor-

(1) Séance du 29 fevrier 1832. — P. A. Dufau. *Plan de réorganisation* de l'inst. royale des jeunes aveugles travailleurs de Paris. V. tambem do mesmo autor. — *Essai sur l'état physique des aveugles-nés*, 2.^{me} partie. ch. 4.

« me sobre sua passada gloria, e julga que póde
« servir de modello a todos quantos appareceram
« depois e segundo as suas bases ; mas á invenção
« succede a perfeição, e os Institutos americanos
« fundados muito recentemente, são debaixo de
« muitos pontos de vista, bem superiores ao
« nosso (1). Os Americanos nos ultrapassaram ; o
« discipulo está mais forte do que o mestre (2). »
Em um relatorio ao ministro do interior da Belgica
sobre a instrucção dos cegos, o abbade Carton cita
este trecho de M.^{me} Niboyet e accrescenta : « Esta
« observação parecerá ainda mais exacta depois da
« comparação que vou estabelecer entre a Institui-
« ção dos meninos cegos de Paris e as dos outros
« paizes (3). »

O que mais se censurava ao Instituto de Paris era
a má organização e uma direcção defeituosa. « No
« estado actual, dizia Mr. Dufau, a Instituição pouco
« preenche o fim para que foi fundada. A razão

(1) *Des aveugles et de leur éducation*, par M.^{me} Eug. Niboyet, p. 72.
Esta obra por si mesma não tem importancia alguma. E' nella que se lê, por
exemplo, que nosso cathecismo francez, pequeno vol. em 18, fórma depois de
impresso em relevo, 65 vol. in folio ; que as Horas Mariannas compõe-se de
520 vol. in 4.^o (p. 41); a autora tomou o numero de exemplares tirados d'uma
vez por numero de volumes. Nesta mesma obra é que se lê que os cegos por
meio de escripta por pontos salientes correspondem-se a distancias de 300 le-
guas e mesmo mais (p. 172), e outras muitas parvoices semelhantes. Este
livro foi com tudo coroado por uma sociedade metade moral, metade littera-
ria; tem sido consultado em alguns paizes, e é por isso que o cito. A autora
e a mesma M.^{me} Niboyet, que foi vista em Paris depois da revolução de fe-
vereiro de 1848, presidindo um club de mulheres.

(2) *Ibid.*, p. 180.

(3) *Le sourd-muet et l'aveugle*, journal mensuel, t. 1 (1837), p. 204
M.^{me} Niboyet é muitas vezes citada como autoridade pelo abbade Carton.

« existe na constituição mesma do estabelecimento,
« onde tudo é desordem e confusão, onde se en-
« contram ao mesmo tempo, sem nenhuma distri-
« buição regular, escolas primarias e secundarias,
« escola normal, industrial, musical, até mesmo
« um simples asylo. Existe o germen do bem, mas
« só uma reorganisação completa póde salvar a
« Instituição (1). » M. Howe, director do Instituto
de Boston, admirava-se que em Paris se dêsse a
mesma educação intellectual a todos os cégos sem
nenhuma attenção ao seu futuro destino; que se
ensinasse a um pobre menino, que teria de gastar a
vida tecendo ou fazendo chicotes, mathematicas e
bellas letras, como se ensinaria áquelle que devia
seguir carreira litteraria (2). A Instituição de Paris
era tambem censurada por occupar-se dos trabalhos
manuaes como de objectos de distracção; Howe
pretendia que de vinte alumnos um, quando muito,
poderia subsistir; que geralmente acreditava-se que
elles não ganhavam mais do que um quarto do que
era necessario para poder viver, entretanto que em
outros paizes grande era o numero dos que viviam
a custa do trabalho: M.^{mo} Niboyet finalmente obser-
va que as raparigas em Paris trabalhavam para dis-
trahir-se, e que viviam como certas moças pregui-
çosas, que passam o dia recostadas em bellos ca-
mapés.

(1) Essai sur l'état physique, etc. des aveugles-nés, 2.^{me} partie, ch. 4,
p. 154.

(2) Address to the trustees at New-England institution for the Blind.
Boston, 1855.

Ha em tudo isto exaggeração á qual o espirito humano é naturalmente propenso. Primeiro que tudo pelo que diz respeito á musica, nenhum estabelecimento poderia pôr-se em parallelo com o de França : se sua orchestra tinha perdido de seu brilho, nenhuma havia ainda que se lhe pudesse comparar ; a classe de orgão (dirigida então por Mr. Gauthier) tinha formado e continuava a formar ainda excellentes artistas, pois já se contavam mais de 20 organistas que tocavam nas cathedraes de Orléans, Vannes, Blois e Tours, em sete freguezias de Paris, sem fallar de outras igrejas (1). Podemos ainda ajuntar, que mesmo nos outros ramos de ensino, se o Instituto de França deixava muito a desejar, é ainda duvidoso que houvesse algum melhor do que o nosso. De todos os pontos da Europa, e mesmo da America, vinha-se estudar na Instituição de Paris o seu methodo de ensino, e Mr. Howe deve estar disso lembrado porque elle mesmo veio passar alguns mezes nesta Instituição antes de crear o seu estabelecimento de Boston. Não nos demos, pois, o triste prazer de nos rebaixarmos tanto ; sejamos justos para conosco como para com os outros.

Existem mesmo factos que poderiam responder, a certos respeitos, ás censuras prodigalisadas á Instituição de Paris : se desde muito tempo a Instituição já não tinha a mesma protecção que tinha tido dos grandes artistas, se, por assim dizer, ella não contava senão com os seus proprios recursos, todavia M.^{mes} Veny, Coche e Croisille deram lições e con-

(1) Arch. de l'inst., rocés-verbál de 31 mars de 1857.

selhos aos nossos alumnos até 1837; se os estudos intellectuaes soffreram, muitos alumnos obtiveram em 1836 primeiro e segundo premio: taes foram entre outros Mrs. Coltat (primeiro premio), e Dufour (1) segundo premio, ambos professores hoje na Instituição. Ao mesmo tempo a administração fazia construir para os cegos um globo terrestre de extraordinaria dimensão, e mandava imprimir em relevo as figuras da geometria de Legendre, e da estatistica de Poincot.

Finalmente a administração do Instituto e o governo occupavam-se sempre com a maior actividade da mudança do estabelecimento para um outro lugar; muitos projectos se tinham feito, alguns mesmo tentado, quando, em 1837, assentou-se naquelle que logo depois devia effectuar-se. No dia 18 de julho de 1838 appareceu a lei mandando levantar novos edificios, e a 22 de junho do anno seguinte foi lançada a primeira pedra com grande solemnidade.

Todavia o tempo corria, e com elle desenvolviam-se os germens de desorganisação. O estado material e financeiro da Instituição tinham sem duvida melhorado: a verba do governo tinha sido elevada de 60,000 fr. a 90,000, e no fim de cada anno não se estava mais a calcular o augmento do deficit, mas pelo contrario havia accrescimo nos fundos de reserva; os alumnos tinham melhores camas, eram mais bem aquecidos, melhor vestidos, melhor nutri-

(1) Mr. Dufour, além de professor da Instituição, acha-se hoje com sua senhora á testa de um collegio de meninas com vista situado em Plaisance ás portas de Paris.

(Do Traductor).

dos; os repetidores mais bem pagos, bem que ainda muito miseravelmente, (desde 1833 recebiam 300 francos por anno) (1). Mas além de tudo o mais havia um mal profundo, a anarchia que paralisa e destróe tudo.

Já fallámos da dedicação do director pelos cegos, fallámos do seu character absoluto, de suas tendencias pouco liberaes, o que ninguem poderá contestar. Todas estas qualidades produziram effeitos bem differentes. Algumas vezes os alumnos foram tratados muito severamente, outras vezes houve relaxação de disciplina bem digna de censura. Os repetidores cegos, homens de vinte cinco a trinta annos, nomeados pelo ministro, já recommendaveis, alguns pelo menos, por trabalhos importantes, viviam tão sujeitos como os alumnos, traziam a mesma vestimenta que traziam os alumnos; não podiam receber visitas senão com ordem do director; não se lhes entregava uma carta sem que tivesse antes sido aberta pelo director, não podiam sahir senão com permissão escripta do director: ao passo que tudo isto acontecia, o director deixava-se muitas vezes influenciar

(1) Seu subsidio de ha muito que tinha sido fixado em 150 fr., que todavia não eram regularmente pagos. O director ajuntava todos os subsidios e os distribuia a seu bel-prazer no fim do mez. Todos os alumnos, que prestavam alguns serviços á Instituição, tivessem ou não o titulo de repetidores, tinham parte nessa distribuição, de sorte que um repetidor, em vez de receber os 12 fr. 50 c. que lhe tocavam legalmente, recebia 5 fr., outro 5 fr., outro 8 fr., etc. Houve alguns que durante muito tempo não tiveram senão 1 fr. 50 c. por mez. Nunca se disse que o director ficava com alguns fr., bem longe disso, elle despendia; todos lhe fazem essa justiça: mas enfim devemos reconhecer que elle estendia muito as prerogativas da tutoria.

por tal ou tal repetidor ; citava-se este que o tinha dominado em tal época, aquelle em tal outra, etc. Collocados em uma posição mais alta, o segundo instituidor, a institutriz, e o mordomo não quizeram sujeitar-se a tantas exigencias, e julgaram dever reivindicar as prerogativas de suas funcções; queixavam-se, citando o regulamento e pedindo uma satisfação. A commissão administrativa não fez caso de suas queixas e tomou o partido do director ; a institutriz foi mesmo obrigada a deixar o seu lugar; o ministerio, por outro lado, pronunciou-se a favor dos professores dissidentes, e desde então estiveram em guerra aberta, não houve mais direcção por assim dizer.

Além disto, encarando-se todo o pessoal da Instituição, via-se que esta não estava em relação com o numero dos alumnos. No principio do anno de 1840 existiam no Instituto 100 cegos (68 rapazes e 32 raparigas), e para a educação destes estavam 35 pessoas empregadas ; isto é : 3 instituidores, uma institutriz, um capellão, um chefe de orchestra, 10 repetidores cegos, 3 repetidoras, uma mestra de piano, 2 vigilantes, uma vigilante, 2 contra-mestres, 9 meninos com vista, e mais 25 pessoas empregadas em differentes serviços, ao todo 60 pessoas, isto é, seis para dez alumnos. Não poder-se-hia dizer que este pessoal era o fundo do estabelecimento, e que os meninos cegos eram apenas um accessorio ?

Este estado de cousas não devia nem podia durar mais tempo ; a autoridade sentio a necessidade da reforma, e encarregou homens novos de reorganisar ainda uma vez a Instituição dos meninos cegos.

CAPITULO QUARTO.

ESTADO ACTUAL DO INSTITUTO.

Mr. Dufau, segundo instituidor, foi nomeado *director* da Instituição no dia 20 de maio de 1840, depois de vinte cinco annos de magisterio; alguns dias depois fomos nós escolhido para o lugar de *instituidor*. Passado mais algum tempo, a commissão administrativa, que, em quanto estiveram os dous precedentes directores, isto é, desde 1814, regia o estabelecimento, foi substituida por um *conselho consultivo*, composto dos Srs. Paravey, Felix Passy, Ed. Ternaux e Panis; estes dous estão hoje substituídos pelos Srs. Barbou e Thiac. O director passou então a *director administrador*. Houve portanto a principio mudança de homens, e logo depois mudança de attribuições.

Com a mudança, porém, nenhuma agitação appareceu no Instituto, todos os espiritos se conservavam calmos e tranquilllos; e assim devia ser, por isso que o novo director soube respeitar todas as posições, e a ninguem pedio contas, nem das affeições passadas, nem das presentes. A institutriz, M.^{llo} Cailhe, que tinha em 1838 substituido M.^{mo} Landresse, gozou sempre de todas as considerações devidas ao seu sexo e seu character; os outros professores com mais razão não podiam deixar de felicitar-se pelo comportamento do novo director. Mr. Dufau emancipou-os logo, dando-lhes toda a liberdade conveniente

á sua idade e ás suas funcções; collocou-os finalmente em uma posição mais honrosa, e mais independente. Quanto aos alumnos, todos sem excepção, gozavam dos beneficios que o governo lhes concedia. Pela primeira vez operou-se uma revolução no alto do edificio, sem que nem o centro, nem os alicerces fossem abalados.

O novo director reformou inteiramente o systema da educação e o methodo de ensino seguidos até então. A Instituição teve de mudar seus habitos um pouco fradescos por outros mais em harmonia com os da nossa sociedade; a disciplina geral perdeu muito das tendencias absolutas, e foi mais liberal: a vontade do mestre podia muito menos que a da razão do chefe; eram menos empregados os castigos, que foram substituidos em muitos casos por simples admoestações, que produziam melhores resultados. Foram tambem reformadas as bases do ensino; os alumnos foram divididos em duas cathegorias geraes; os da primeira seguiram um curso de instrucção primaria, receberam lições de musica theorica e instrumental, e fizeram parte de uma officina; quanto aos da segunda, uns dedicavam-se exclusivamente ás sciencias, alguns, com quanto seguissem geralmente esses estudos, continuaram com a musica; outros, finalmente, dedicaram-se exclusivamente á um desses ramos que seguiram até o fim.

Taes foram as bases geraes da educação e do methodo de ensino no Instituto (1): tal foi o pro-

(1) Réglement provisoire de 1843.

gramma que tiveram de pôr em pratica, tanto quanto as circumstancias o permittiam, o instituidor entre os meninos, e a institutriz entre as meninas.

Assim marchavam as cousas até o fim do anno de 1843, época em que concluiu-se o novo edificio com que a munificencia nacional tinha dotado a Instituição. Este edificio, situado em um dos lugares mais sadios de Paris, occupa contando com os pates e jardins, uma superficie de 11,800 metros quadrados, está isolado, e não confina senão com as ruas. O edificio compõe-se de tres corpos principaes unidos entre si por quatro peças secundarias. Dos corpos principaes, o do centro pertence á administração e serve para os serviços geraes; no da direita estão os meninos, e no da esquerda as meninas. Todo o edificio foi calculado para poder conter 200 alumnos, e, com algumas modificações faceis a fazer-se, 260 (1). A escultura e a pintura vieram juntar suas mais bellas producções ás diversas combinações da architectura. No frontespicio vê-se o genio da beneficencia coroando Haüy sentado no meio de seus alumnos, trabalho de Mr. Jouffroy, e na capella do estabelecimento estão retratados muitos homens indicando por sua escolha que se está n'uma Instituição de cégos: este trabalho é devido ao pincel de Mr. Lehmann.

A 5 de outubro de 1843 professores e alumnos deixaram a antiga casa da rua S. Victor para virem tomar posse do novo edificio, porém, como o des-

(1) Notice publié par l'architecte Mr. Philippon.

terrado, que deixa o paiz natal para nunca mais tornar a vê-lo, e que d'elle se afasta com tanto mais sentimento, quanto elle é mais pobre e mais desgraçado, muitos d'entre aquelles choravam deixando esses lugares onde tinham passado a sua infancia, e com a tristeza dentro d'alma, percorriam lentamente a distancia que ia separal-os de sua antiga morada. E elles sabiam quanto sua situação devia melhorar, elles estavam orgulhosos do *palacio* que iam habitar! A aquelles que foram testemunhas desse pranto, dessa tristeza, ninguém venha mais dizer que os cégos não tem sensibilidade; ninguém venha mais erigir em maxima o dito extravagante de um philosopho materialista, que cuidava que só podia ser sensível aquelle que podesse vêr correr o sangue (1). Os cégos não tem nem devem ter essa sensibilidade de aparato, de que fazemos tantas vezes alarde, elles occultam-n'a no fundo d'alma; e esta é toda a differença.

A mudança, a pouca harmonia que existia entre o velho regulamento da Instituição, e sua actual organização, tudo mostrou a necessidade de um novo regulamento. Este fez-se, e com quanto esteja longe de ser perfeito, é pelo menos melhor que o outro: é preciso portanto agradecer áquelles que o fizeram, e confessar que elles só tiveram em vista o bem do estabelecimento.

O *director*, assistido de uma commissão consultiva é o administrador do estabelecimento; elle tem sob

(1) Diderot, *Lettre sur les aveugles*. Tem-se reproduzido muitas vezes esta asserção.

sua autoridade todos os funcionarios e empregados da casa, e está encarregado da vigilancia geral dos estudos e da policia do estabelecimento. *O instituidor* substitue de direito o director ausente ou quando enfermo em todas as suas attribuições; é um director supplente. Como instituidor está á testa do ensino e da disciplina dos meninos (1). *A institutriz* está encarregada de tudo o que diz respeito á instrucção e educação das meninas; ella é ao mesmò tempo que mestra, uma verdadeira mãe de familia. *Ao capellão* pertence o serviço e o ensino religioso. O pessoal dos professores cegos para os meninos consta de um chefe de orchestra, professores e aspirantes (2): ha para as meninas mestras titulares, e aspirantes (3) com uma mestra de piano externa. Tres vigilantes entre os meninos e duas entre as meninas são os encarregados de manter a ordem. Além disso um contramestre com vista ou cego.

O numero total dos alumnos é variavel, mas pouco se afasta de 180, ou para mais ou para menos, sendo dous terços meninos, e um terço meninas. Estes alumnos pertencem ás cathogorias seguintes: pensionarios do governo (4), pensionarios

(1) Por decreto especial o director foi dispensado, e ficou a cargo do instituidor a vigilancia geral sobre os estudos, e a policia tanto dos meninos como das meninas.

(2) Chefe da orchestra, Mr. Gauthier; professores, MM. Braille, Collat Dufour, Grosjean, Siou, Legoarant; aspirantes ou professores de 2.^a classe MM. Roussel, musico da capella da Instituição, Trichard, Remi.

(3) Mestras da 1.^a classe. M.^les Brunet, Delausse, Pâté; aspirantes, M.^les Coudray, Deheppe.

(4) 8 professores, e as 5 mestras cegas, antigos alumnos da Instituição, occupam ainda 13 lugares de alumnos, facto bizarro, que não deveria existir.

dos departamentos, pensionarios dos hospícios de Paris (1), pensionarios da doação Vignette, pensionarios internos (2), semi-pensionarios, e pensionarios que só pagam a quarta parte da pensão.

Se em outros tempos o numero dos professores não estava na proporção com o pequeno numero dos alumnos, podemos hoje affoitamente dizer o contrario do que se dizia então: temos 14 professores, homens e mulheres (inclusivè o chefe da orchestra), para 180 alumnos; e é preciso não esquecer que ensinamos muitas materias distinctas, e que aos cegos, em muitos casos, não se pôde ensinar senão a cada um de per si, como acontece com a leitura, a escripta, a geographia, a musica, etc.

O curso é de oito annos; os alumnos estão divididos em duas ordens; a primeira comprehende aquelles que, em these geral, não tem ainda passado quatro annos na Instituição; estes seguem o curso de instrucção primaria, recebem lições de musica theorica e instrumental, e fazem parte d'uma officina; a segunda comprehende os que já passaram os quatro annos, e estes recebem uma educação superior intellectual, musical, ou seguem os trabalhos manuaes.

Tudo isto está escripto no regulamento, e taes são as bases sobre que deve versar todo o novo systema

A extensão do novo edificio induzio o governo a elevar o numero dos pensionarios a 120, e sua dotação a 110,000 fr.

(1) Os estabelecimentos publicos pagam 600 fr. de pensão.

(2) As familias pagam 1,000 fr.

de ensino, ou antes nosso triplice systema de educação, que vamos descrever.

1.º *Educação intellectual*— (1.º gráo). Leitura, escripta, historia sagrada, recitação; tacs são as materias do 1.º anno. Com o 2.º anno começa o estudo da arithmetica, grammatica franceza, geographia, e um pouco de historia antiga. No 3.º anno estuda-se ainda arithmetica, grammatica, geographia, e historia romana. No 4.º acaba o alumno o estudo da arithmetica e grammatica, e começa com a historia natural e a historia de França. Durante os quatro annos consagrados á instrucção elemental, os cegos distribuidos por classes ouvem todos os dias ler uma parte das materias que estudam, leituras estas que servem para melhor gravar na memoria as lições que recebem, e que tem verdadeira importancia para os cegos que não pódem ler os nossos livros. Ás quintas feiras e domingos, dias feriados, ha leitura de certas obras moraes ou litterarias apropriadas a cada classe; estas leituras que são geralmente agradaveis, tem por fim fazer com que os alumnos conheçam as principaes obras francezas proprias a formar o coração e a esclarecer o espirito. Finalmente os alumnos desta primeira cathegoria recebem lições de cathecismo e de moral religiosa.—(2.º gráo). Curso de geometria, de physica, e de cosmographia, rethorica, litteratura, historia geral, geographia politica, e noções geraes de direito publico administrativo, e privado (1). Em todos os dias de classes lêem-se algu-

(1) E tambem algumas noções de philosophia. (Nota do Traductor).

mas obras litterarias; no fim de quatro annos os alumnos, á força de ouvirem essas leituras, conhecem tudo o que escreveram os melhores criticos sobre a antiguidade, a idade média, e sobre os tempos modernos, podendo comparar os antigos com os modernos, os francezes com os estrangeiros, etc. Às quintas feiras e domingos leitura das melhores obras litterarias gregas, romanas, francezas, etc., tanto em prosa como em verso. — Conferencias religiosas.

Cada classe, não só do primeiro, mas ainda do segundo gráo, é regida por um professor especial, de sorte que os nossos alumnos ouvem successivamente todos os professores, retêm na memoria tudo quanto elles dizem de bom, aprendem com um aquillo que os outros não disseram, e conservam sempre sua originalidade propria. Em cada classe o professor examina todas as semanas, e de tres em tres mezes o instituidor faz um exame geral de todos os alumnos (1). Os mais adiantados e aquelles que tem mais intelligencia vão assistir a alguns cursos publicos no collegio de França e na Sorbonne.

Existe uma *bibliotheca classica* impressa sob a direcção do instituidor, já em caracteres ordinarios, mas salientes, já pelo systema dos caracteres por meio de pontos, cuja leitura é muito mais facil. Esta bibliotheca, que facilita muito aos nossos alumnos os estudos intellectuaes, compõe-se, ou antes compor-se-ha, porque não está ainda completa, d'uma

(1) Os premios no fim do anno dão-se segundo o resultado destes exames.

collecção de obras classicas, ou inteiramente novas, ou já conhecidas e apropriadas sómente ao nosso uso. Ella comprehende duas series. A primeira fórma dez volumes in 4.^o para o nosso ensino elementar em todas as suas partes: 1.^o, *grammatica franceza* por MM. Noel e Chapsal, simplificada para nosso uso; 2.^o, *complemento do curso de grammatica*; MM. Noel e Chapsal ainda tem de terminar este volume, que não está impresso; 3.^o, *tratado de arithmetica elementar*, por Mr. Dufour, professor cego; 4.^o, *geographia elementar*, por Mr. Poulain de Bossay; 5.^o, *historia sagrada*; 6.^o, *historia antiga*; 7.^o, *historia romana*; 8.^o, *historia de França*; o instituidor escreveu estas quatro historias sobre um plano novo; 9.^o, *historia natural* extrahida de diversos autores; 10.^o, *geometria elementar*, cujo tratado será impresso muito breve. A segunda serie que pertence á instrucção secundaria, só se imprimirá quando a primeira estiver inteiramente acabada.

2.^o *Ensino musico*. A musica é muito cultivada na Instituição, e nossa escola de musica póde, a certos respeitoes, comparar-se com as de mais nomeada. Ella está hoje regularmente constituida em todas as suas partes, e esta organização regular começa a manifestar-se pelos resultados que obtem todos os dias.

A parte theorica comprehende o solfejo, a vocalisação, o canto em côro, harmonia, e a composição.

O *solfejo* não é entre nós o que é nas escolas de musica para os que tem vista. Ha no nosso ensino do solfejo, mais raciocinio e menos exercicios, ou

antes o raciocínio precede, e acompanha o exercício muito mais do que nas escolas dos que tem vista. A voz do alumno não faz cousa alguma que seu espirito não analyse ao mesmo tempo, o que não acontece aos alumnos que vêem, que se deixam guiar algumas vezes por seus olhos mais do que pelo espirito; d'ahi nascem differenças muito notáveis nos methodos que devemos seguir. Quanto aos processos, é facil de comprehender que elles devem differir ainda mais dos processos empregados para os que tem vista; mas não é aqui que devemos tratar delles.—A *vocalisação*, o *canto*, são pouco mais ou menos para nós o que são para todo o mundo. Quanto á *harmonia*, o methodo e os processos de nossa escola differem essencialmente dos que se empregam em outras partes, e temos razão para crer que em nenhuma parte se estuda melhor do que entre nós; os mestres nesta materia votam a nosso favor. De resto, pelo que diz respeito ao methodo e aos processos, cada um deve seguir os que mais facilmente poderem fazel-o chegar ao fim, e estes serão sempre os melhores.

A parte pratica comprehende em primeira linha, por ser mais importante, o estudo do piano, que faz com que o alumno conheça a afinação e o órgão, ou mesmo as duas cousas ao mesmo tempo; o órgão e a afinação dos pianos abrem aos nossos alumnos a melhor carreira que pôdem percorrer, porque nella pôdem affoitamente lutar com os que tem vista. Não se creia porém que pelo piano e pelo órgão desprezamos os outros instrumentos; estuda-

mos todos os que se empregam nas orquestras, e damos tanto mais importancia a este estudo, quanto em nossa opinião, independente da vantagem que elle tem de formar bons instrumentistas, tem ainda a de formar bons musicos. Temos tido muitas occasiões de ver que ha grande differença entre o pianista que só é pianista, e aquelle que estudou um segundo instrumento, quando ambos vão sentar-se a um orgão, ou seja para tocar alguma cousa estudada, ou seja para fazer um improviso.

Nossa escola de musica tem duas grandes vantagens ; temos uma orchestra permanente onde se executam as composições dos grandes mestres ; temos uma capella onde se celebram os mesmos officios religiosos que nas igrejas parochiaes. — Desde que os nossos instrumentistas se acham em estado de poder tocar na nossa orchestra, são ahi logo admittidos, isto é, tocam juntamente com os outros, e estudam as grandes composições musicaes, o que constitue as melhores lições de melodia, de harmonia, e composição que pódem receber.

Na nossa capella os organistas aprendem não só a tocar orgão, mas tambem a compor uma musica, o que não póde aprender-se senão com a pratica. Os coristas quando se reúnem á orchestra, e quando cantam na capella, tem occasião de estudar a musica de orchestra. Os nossos jovens compositores pódem assistir á execução de suas musicas, vocal ou instrumental, já na orchestra, já na capella, e julgar do effeito. Finalmente não devo passar em silencio o bom acolhimento do conservatorio de

musica para com aquelles de nossos alumnos que ahi vão seguir certas classes, e disputar-lhes os premios (1), o que é muito lisongeiro para a Instituição. Estabelece-se assim uma emulação que aproveita a todos; nossa escola gloria-se de apresentar ao conservatorio alumnos perfeitamente preparados, e estes de seu lado disputam entre si o lugar daquelle que ha de ser escolhido para ir sustentar a honra da Instituição (2).

3.º *Educação industrial.* — Os trabalhos manuaes constituem para os alumnos ou uma parte inteiramente accessoria de sua educação, ou fazem o objecto principal della, por isso que elles estão subordinados ao successo que obtem os mesmos alumnos no estudo da musica, ou á sua posição social. No 1.º e 2.º anno apenas trabalham para desenvolver a dextreza de suas mãos, e não estarem ociosos quando deixam as classes e o estudo da musica; mas desde que para nós não padece duvida que tal alumno nunca poderá ser um bom musico se sua posição social o põe a abrigo da miseria, este alumno, continuando sempre com seus estudos, começa a aprender certos trabalhos, que o podem divertir, por exemplo, rêdes, obras de torno, etc.: se elle tem de ganhar a vida por meio do trabalho, entra para uma das officinas de tecelaria, para uma fabrica de

(1) Recebam os nossos sinceros agradecimentos, não só a administração d'esse estabelecimento, mas tambem os habeis professores, que tanto interesse tomam por nossos alumnos.

(2) Mr. Durand, alumno da Inst., que toca perfeitamente boé, obteve em 1849 o 2.º premio do conservatorio.

escovas, para uma marcenaria; depois dos quatro annos elles só trabalham nas officinas.

Tal é, salvas algumas excepções, a marcha geral do ensino na Instituição de Paris, pelo menos no que diz respeito aos meninos. Com effeito comprehende-se facilmente, que sendo muito menor o numero das meninas, outra deve ser a distribuição das classes e das lições; que estudando um só instrumento, o piano, não ha para ellas a musica de orchestra, apenas ha o canto em côro; que as officinas de trabalho não pôdem ser as mesmas que existem para os meninos. As meninas fiam, fazem meias, chinellas, rédes, e alguns objectos de fantasia. Quanto ao mais, tudo se passa como entre os meninos.

Não julgue alguém que pensamos que tudo o que referimos é o que se pôde fazer de melhor; não é por certo assim, mas sómente o que pudemos fazer de melhor até hoje. Pelo que diz respeito á educação intellectual, não ha talvez muito que modificar: aquillo que os bons estudantes aprenderam elles o sabem perfeitamente; os da divisão elementar sabem muito mais e muito melhor que os alumnos com vista educados pelos professores de instrucção primaria em França; os da segunda cathegoria não sabem o latim e o grego que se ensina nos nossos lyceus (o que me parece sempre impraticavel), mas conhecem melhor a sua lingua, sabem geographia, historia, e os ramos das mathematicas que estudaram. Elles tem de mais muitas noções, desconhecidas aos alumnos dos nossos lyceus, sobre a cosmo-

graphia, estatística politica, direito publico e privado, etc. Quanto á musica, bem que já ha alguns annos tenhamos tido occasiões de vêr progressos sensiveis no ensino do solfejo, bem que os exercicios de vocalisação e o canto em côro tenham começado ha pouco tempo, bem que o estudo dos instrumentos se tenham constantemente estendido e aperfeiçoado, e bem que nossa orchestra reuna hoje muito maior numero de instrumentistas e muito mais habeis do que aquelles que appareciam nos nossos concertos, não desesperamos todavia de ir mais longe; estamos em bom caminho, e não podemos senão caminhar para diante.—O que direi de nossas officinas? Tem-se já feito muito, mas talvez reste ainda muita cousa para fazer. O director do estabelecimento, que ha muitos annos occupa-se particularmente deste ponto tão importante, o director, que foi quem abriu na Instituição uma fabrica de escovas, o fabrico das rêdes, a marcenaria mesmo, nada tem poupado para melhorar este serviço. Desgraçadamente o vicio existe na constituição mesma do estabelecimento: é com effeito um amalgama bizarro a existencia de uma escola ao mesmo tempo intellectual, musical e professional, e tudo isto com um só regulamento uniforme. Como pôdem a mesma educação, a mesma disciplina, o mesmo ensino, o mesmo regimen, os mesmos exercicios, convir a meninos, dos quaes, estes devem seguir a carreira litteraria, aquelles as artes, outros finalmente a vida do obreiro? Como é que aquillo, que é bom e conveniente para este que se dedica ás letras ou á mu-

sica, pôde convir ao que deve aprender um officio para com elle poder manter-se? Os habitos grosseiros e as idéas positivas, que se aprendem nas nossas officinas, devem por certo ser prejudiciaes á educação necessariamente mais fina e mais sentimental, que convêm aos nossos sabios e aos artistas; e, *vice-versa*, os habitos e as idéas destes não pôdem convir aos nossos trabalhadores.—O facto tomado debaixo de outro ponto de vista é tambem desgraçado: no fim de quatro annos estamos quasi habilitados para conhecermos a capacidade de um alumno e a carreira que elle tem de seguir, com tanto que não entrem muito crianças para a Instituição (1). Sabemos por exemplo que estes devem seguir a carreira litteraria ou a musica; pois bem! fiquem na Instituição mais quatro annos para terminarem a sua educação, porque só ahi pôdem adquirir os conhecimentos com que se tem de achar quando sahirem deste estabelecimento. Sabemos porém tambem que aquelles devem ser obreiros; pois bem! estes custam muito caro á Instituição para o que se tem a esperar delles. Eu quereria portanto que para estes ultimos se abrisse uma casa de trabalho apropriada á sua posição, onde ficassem em quanto podessem trabalhar. Esta casa, na minha opinião, deveria ser, não em Paris, mas em algum dos departamentos, onde a

(1) Eu já disse que a melhor idade era de 10 a 12 annos: antes dos 10 annos é quasi tempo perdido, e os oito annos de estada no estabelecimento só se deveriam contar depois dos 10 annos; depois dos 12 é ás vezes já tarde para habituar-se o alumno a um trabalho regular, maxime para começar o estudo da musica.

vida material é pouco dispendiosa. Nesses departamentos o estabelecimento custaria muito pouco, ou fosse uma casa para os meninos aprenderem, ou fosse uma casa de trabalho para os adultos. Deste objecto prometto tratar de uma maneira especial.

Seja-me agora permittido levar por um instante minhas vistas fóra da Instituição, e seguir no meio da sociedade esses alumnos que educámos. Por muitas vezes se nos tem feito a seguinte pergunta: O que fazem esses moços quando deixam o tecto hospitaleiro, que os abrigou na sua tenra idade? Feita por uns, esta pergunta quer dizer: Esses pobres meninos, por quem tanto nos interessamos, devem encontrar no meio da sociedade muitas difficuldades para crearem uma posição conveniente; sim, sem duvida, com muita difficuldade chegarão a percorrer tristemente a estrada da vida; lançados no mundo sem outro apoio que sua coragem e seus talentos, terão de lutar fortemente contra a miseria; incapazes de guiar-se por si sós, terão de trabalhar para a subsistencia de dous; onde o que tem vista ganhar o pão quotidiano, o cégo não encontrará senão metade, ser-lhe-ha preciso o dobro, ou quasi o dobro do salario. E isto não é ainda o que tem de peor a sua posição; eis-aqui o que ha de peor: tratando-se de cégos, tudo nos maravilha, tudo nos espanta, e nos arranca os maiores elogios, mas todas estas demonstrações occultam reticencias bem crueis, e nosso amor-proprio sabe fazer bem suas reservas; estas maravilhas são maravilhas relativas, e sómente porque partem d'um cégo. Assim quando o desgraçado

cégo confiando em falsos elogios, apresentar-se á sociedade procurando o emprego de seu saber, de seu talento, de sua industria, quando vermos nelle um concorrente, difficilmente então comprehenderemos que um cégo seja capaz de raciocinar, de sentir, de mover-se mesmo; faça elle prodigios, não acreditaremos; mostre-se elle tão habil ou mais habil ainda que os que tem vista, ainda repetiremos que é impossivel que um cégo possa concorrer em cousa alguma com aquelle que tem vista. Oh, sim! A estrada da vida está bem semeada de espinhos para o desgraçado cégo! Porém, como por uma especie de compensação, o céo deu á sua alma uma força e perseverança tal, que se não dobra diante de obstaculo algum. — A mesma pergunta feita por outros quer dizer muito simplesmente (tenho vergonha de o repetir): Que utilidade ha em gastar dinheiro com a educação dos cégos? A estes responderei eu: Ha no hospicio de *Quinze-Vingts* um cégo que já foi professor de mathematicas transcendentés em um dos nossos collegios, e que goza hoje da reforma que a lei concede aos professores da universidade que tem trinta annos de exercicio; este cégo é Penjon: ha no mesmo hospicio um outro cégo, que nas artes mechanicas foi classificado entre os mais habeis, pois acaba de obter uma medalha de ouro por occasião da exposição dos productos de industria em 1849; este cégo é Foucault: ha em Paris um cégo que passa por um dos primeiros fabricantes de pianos, cuja reputação foi officialmente formada pelas recompensas que obteve, já da Sociedade Auxiliadora da Industria Na-

cional, já dos jurys de exposição da industria; este cego é Montal: ha finalmente na Instituição um cego, cujas composições musicæes não seriam por certo reprovadas pelos grandes mestres; este cego, que é ao mesmo tempo o nosso chefe de orchestra, é Gauthier. Estes quatro nomes (para que citar outros)? fallam muito alto e respondem a tudo; elles protestam de uma maneira gloriosa contra esse espirito mesquinho e miseravel que nos róe, e que por honra do meu paiz eu me envergonho de revelar aos estrangeiros.

Eis-me chegado ao fim deste bosquejo historico. Dos factos que apresentei alguns devo á memoria dos contemporaneos, outros fui procurar nas obras que escreveram os proprios autores, outros finalmente nos actos officiaes; apresentei-os com sinceridade, e convicção, e procurei fazer com que cada um representasse o papel que lhe convinha. Eu poderia dizer mais, que não declarei tudo quanto encontrei ou na memoria dos homens, ou nos documentos historicos, mas sómente aquillo que julguei conveniente dizer. Como quer que seja, só alguns erros involuntarios poderemos ter commettido.

Era chegado o momento, creio eu, de escrever esta historia, se não quizessemos sepultar no esquecimento uma boa parte dos factos que ella encerra, porque os documentos sobre que versam suas primeiras paginas, desappareciam á medida que iamos perdendo os primeiros alumnos de Haüy; eu espero

que todos os que se interessarem pela origem de nosso estabelecimento virão consultar este opusculo.

Convinha-me ainda por outras razões narrar a historia do Instituto Nacional dos meninos cegos de França: elle foi o primeiro neste genero, e que deu nascimento a todos os que existem hoje: nenhum como elle ainda apresentou homens tão celebres; seja-me permittido este sentimento de orgulho em honra do meu paiz e do estabelecimento, a que pertenço: convinha dizer á Europa, e á America o que elle foi; a Europa e a America tem o direito de conhecê-lo na sua origem em seus differentes periodos, no seu estado actual; como filhos devem conhecer a casa donde sahiram, onde beberam essa instrucção que nunca se invoca debalde, esse orgulho que é partilha das almas nobres, esses titulos de gloria, especie de nobreza que obrigam ainda mais o homem a esses sentimentos.

Resta-nos agora tratar do nosso methodo de ensino (1).

FIM.

(1) Mr. Guadet ainda não publicou o seu methodo de ensino.

(Do Traductor).

Julgamos tão a proposito a seguinte memoria, que a traduzimos, e ora juntamos como appendice.

MEMORIA

SOBRE A EDUCAÇÃO DE UMA MENINA, SURDA-MUDA, CÉGA
E SEM OLFATO (1)

*Lida na Academia das Sciencias moraes e
políticas em maio de 1845.*

Laura Brigman nasceu em Hanovre, em o New-Hampshire, a 21 de dezembro de 1829. Até a idade de dous annos foi uma encantadora creança, de olhos azues e vivos, e que manifestava muita intelligencia; mas, nesta época, durante o curso de uma molestia que durou cinco semanas, uma inflammação aguda invadio-lhe simultaneamente os olhos, e ouvidos; estabeleceu-se a supuração, e finalmente vasaram-se as cavidades destes dous orgãos. Dous annos decorreram até o seu completo restabelecimento, e então se reconheceu que o sentido do olfacto completamente desapparecera, e que tambem, por uma consequencia natural, seu paladar se estra-gára. Sua saude entretanto se fortificava de dia em dia. Mas que situação! Com quatro annos, esta pobre e pequena creatura humana, não podia, nem ver, nem ouvir, nem cheirar, nem tinha perfeito paladar! Em torno della o silencio e a obscuridade do tumulto!

(1) O numero dos entes affectados ao mesmo tempo da cegueira e do mutismo é, em certos paizes, muito consideravel. Na Suecia, em 1840, contava-se 90 destes infelizes, formando cerca de 240 do numero total dos cégos da monarchia.

Os entes os mais caros nada mais eram para ella do que outras tantas fórmas da materia, semelhantes aos objectos inanimados, ou que só della differem por attributos de difficil percepção; entre a sociedade e ella havia quasi um abysmo: como ultrapassal-o? Como poderia ella, só pelo tacto, unico sentido que lhe restava, communicar-se com o mundo exterior, e chegar a ser um ente razoavel e intelligente?

Logo que esta creança pôde andar vio-se que começava a examinar minuciosamente a camara em que se achava, depois necessariamente toda a casa, e tinha assim adquirido o conhecimento usual da fórma, peso, dimensão, e de todos os outros attributos dos corpos apreciaveis pelo tacto. Ella acompanhava sua mãi como arrastada por uma especie de sentimento intimo, e julgava pela direcção de seus braços daquillo em que ella se occupava: pouco a pouco, por effeito de uma tendencia á imitação, que se revelou desde os primeiros tempos, conseguiu por si mesma repetir pontualmente cada cousa; assim ella chegou até ao ponto de effectuar alguns pequenos trabalhos de agulha, aliás bem imperfeitos.

Então tambem suas faculdades affectivas se manifestaram com força sempre progressiva. Ella deu provas de inclinação mais notaveis e frequentes aos diversos membros de sua familia. Mas quão limitados eram os meios de communicar com ella! Apenas se lhe podia indicar vagamente um pequeno numero de acções, taes como — ir a um lugar, ou aproximar-se de alguma pessoa. — Sómente, empurrada, ou empuchada, de certo modo, entendia o que se

lhe dizia. Pequenas pancadas dadas de vagar na cabeça, significavam a approvação, e nas costas desapprovação: ella mostrava já uma remarcavel disposição para aprender, e começava manifestamente a fazer uso de uma linguagem natural que lhe era propria; tinha um signal particular para exprimir a idéa, que formára, de cada um dos membros de sua familia; mas, ainda que secundada neste proposito pelos ternos cuidados de sua mãe, bem depressa offereceu um novo testemunho da immensa importancia da linguagem articulada para o desenvolvimento da intelligencia humana. De feito, affagar, ou castigar basta para aperfeiçoar o instincto d'um animal, mesmo para dirigir os primeiros annos de um menino; porém é preciso mais, na idade em que a razão se desenvolve. Quando esta menina chegou aos sete annos, os inconvenientes de sua deploravel situação se fizeram fortemente sentir. Reconheceu-se que só a vontade absoluta de outrem poderia contrabalançar nella as predisposições incommodas, cujo germen apparecia. Já, com effeito, ella começava a desdenhar toda a sujeição, a não se deixar dominar senão por seu pai, homem de maneiras um pouco grosseiras. Era evidente que com os annos, e depois do desenvolvimento physico que ia effectuar-se, esta isenção das leis sociaes, este regresso ao estado da natureza, tomaria mais imperio.

Felizmente o Dr. Howe ouviu então fallar desta menina, elle se dirigio immediatamente ao Hanovre para vê-la. Achou-a com saude e bem conformada; as linhas de sua cabeça eram perfeitas; tudo nella

annunciava muito predominante o temperamento nervoso-sanguineo. Mr. Howe, vendo ahi um ensejo favoravel de ensaiar um systema de instrucção, cujo plano elle tinha concebido e elaborado, resolveu facilmente os pais da joven Laura a confiar-lh'a; e a 4 de outubro de 1837 sua mãe a conduzio á Instituição de Boston, onde a deixou poucos dias depois.

Durante as duas primeiras semanas, ella pareceu como perdida nestes lugares desconhecidos para ella; mas no fim deste tempo, seus meios habituaes de exame lhe tinham sufficientemente feito conhecer tudo o que a cercava, e então se pôde pensar em dar-lhe a possibilidade de entrar mais completamente em comunicação com seus semelhantes.

Havia, para chegar a este resultado, dous meios a escolher; podia-se-lhe inventar uma linguagem mimica, aperfeçoando-se simplesmente aquella, de cujos primeiros elementos ella se tinha apropriado, ou então tentar-se ensinar-lhe, por uma serie de operações graduadas, nossa propria linguagem, cujos signaes pôdem ser engenhosamente combinados para o ouvido, para a vista, ou para o tacto. Este ultimo processo apresentava grandes difficuldades, mas devia, se surtisse effeito, attingir melhor o fim proposto: foi o que Mr. Howe escolheu.

As primeiras experiencias consistiram empregar em certos objectos do uso commum, como um garfo, uma colher (1), e a pregar sobre cada um destes objectos um pequeno rotulo com seus nomes em ca-

(1) Escolheu-se então monosyllabos: garfo e colher são representados em inglez pelos nomes *fork*, e *spoon*.

racteres salientes. Ella apalpou os nomes com muito cuidado, e aprendeu logo a distinguir, uns dos outros, estes ajuntamentos de pequenas linhas diversas, como distinguia os proprios objectos. Então, outros rotulos com os mesmos nomes, mas separados dos objectos, lhe foram apresentados; depois de os ter bem apalpado, ella reconheceu perfeitamente que elles eram semelhantes aos que estavam sobre os objectos, e provou este reconhecimento pondo ella mesma estes letreiros, assim separados, sobre os objectos, a que elles se referiam. Este exercicio foi successivamente repetido sobre todos os objectos que se podia chegar a suas mãos, e aprendeu assim a ligar a cada um o nome que lhe convinha. Este primeiro ensaio tinha tido um pleno successo; com tudo era evidente que nisto não havia de sua parte mais do que um acto de imitação e de memoria, e que as outras faculdades da intelligencia não tinham ainda entrado em jogo. Ella reconhecia o letreiro porque conservara na memoria seus caracteres distinctivos, e o aproximava machinalmente do objecto sobre que o tinha apalpado, para obter os signaes de approvação, que nunca deixavam de dar-lhe sempre que ella se sahia bem nesta operação; mas não tinha, segundo toda a apparencia, nenhum conhecimento real da relação existente entre os signaes e as cousas. O processo era puramente mechanico, e o resultado era semelhante, senão igual, ao que se obtem ensinando com paciencia a um cão alguma curiosa habilidade.

Passado certo tempo, os rotulos foram substituidos

por pequenos cartões, contendo cada um uma letra, e podendo-se aproximar de modo que podessem formar um nome bem conhecido della; dispunham como se collocariam para a soletração. Ella apalpou attentamente as letras, até se ficar bem certo de que a palavra fôra reconhecida; depois misturaram-se, e a mestra que a habituava a estes exercicios, sob a direção de Mr. Howe, collocando suas mãos sobre as della, recompoz a palavra com seus elementos constitutivos, e finalmente lhe fez executar por si mesma esta operação, que foi, ao que parece, decisiva. De feito, ella teve como uma sorte de revelação confusa do uso que ia fazer deste processo para representar a idéa que tinha de cada cousa em seu espirito. « Examinei-a então, disse o Dr. Howe, com « vivo interesse, e pude quasi fixar o momento em « que a verdade fez brotar seus primeiros vislumbres em sua alma. Neste instante ella deixou de « ser apenas um animal bem instruido; todo o seu « ar chegou a ser verdadeiramente humano, e a expressão de seu semblante illuminou-se do espirito « immortal que nella despertava, e lhe indicava um « novo laço de união com as outras intelligencias. « Compreendi então que o maior obstaculo estava « vencido, e para assegurar-me do successo nada « mais cumpria do que proseguir com perseverança « na mesma vereda. »

Com tudo foi preciso, antes de passar adiante, consagrar algumas semanas ainda ao exercicio ultimamente indicado. Quando nelle ficou sufficientemente habil, deu-se-lhe uma serie de caracteres em

metal, cuja extremidade superior apresentava um relevo cada letra do alphabeto, e dispostos para se pôrem em ordem em uma taboa furada com buracos quadrados. Então, sendo-lhe apresentado um objecto conhecido, ella mesma compunha-lhe o nome sobre essa taboa, ou lh'o compunham para ella, e testemunhava viva satisfação por poder reconhecer este nome e lel-o com seus dedos. Seu vocabulario assim se augmentou rapidamente por suas diarias e novas aquisições. Para mais promptas tornal-as, deu-se um novo passo ensinando-se-lhe a representar, pela posição dos dedos, as differentes letras, substituindo-se assim a operação longa e fastidiosa sobre a taboa. Isto foi aprendido com facilidade, porque sua intelligencia auxiliava o mestre. Seus progressos foram rapidos. Havia dez mezes que sua educação começara. Os resultados obtidos em tão pouco tempo, tudo o que este negocio apresentava, por si mesmo, de surpreendedor e curioso, excitaram a attenção de algumas pessoas, que animadas de um doce sentimento de sympathia por esta menina, em quem se via assim a intelligencia triumphar da natureza, quizeram assistir a seus exercicios. Ella conhecia completamente o alphabeto dos surdos-mudos, e já se servia d'elle com grande certeza. A mestra collocava um objecto novo entre suas mãos, fazia-o examinar com cuidado para adquirir uma idéa de sua natureza e destino, e depois lhe ensinava seu nome pela soletração manual. Via-se esta menina apoderar-se da mão, que lentamente lhe figurava os signaes, e com a cabeça um pouco inclinada como uma pessoa que escuta, com

os beijos meio-fechados, e com a respiração curta, seguir attentamente pelo tacto a formação delles; sua physionomia apresentava então uma expressão de anciedade, que substituia o sorriso, quando a lição fôra comprehendida. Então ella levantava sua pequena mão; e ardentemente soletrava a palavra; depois pegava em seus caracteres metallicos, e a escrevia sobre a taboa, e emfim, para fazer vêr claramente que ella se não enganava, punha em ordem os caracteres formando a palavra, e ia assim collocal-os junto do objecto que representavam.

Todo o anno foi gasto em satisfazer o ardente desejo que ella manifestava de aprender deste modo o nome de todas as cousas que della se aproximavam, a tornar-lhe cada vez mais familiar o uso do alphabeto manual, e a estender por todos os meios possiveis suas noções sobre as relações phisicas das cousas. O conhecimento da linguagem dos surdos-mudos tinha visivelmente melhorado sua posição; elle lhe servia em suas communicações com suas jovens companheiras mais privilegiadas que ella, pois apenas eram cegas! O mais é que, no decurso desta instrucção, longe de manifestar, como fôra para pensar, tristeza ou desgosto, ella mostrava ao contrario o deleixo, e a alegria da infancia, e, d'entre as collegiaes acontecia frequentemente ser ella a que se fazia notar por suas ruidosas travessuras...

Só, parecia satisfeita si se empregava em algum trabalho. Quando não trabalhava, divertia-se visivelmente em dialogos imaginarios, ou então, recordando-se de impressões passadas, soletrava com os de-

dos nomes de objectos recentemente aprendidos. Nesta solitaria comunicação comsigo mesma, ella parecia reflectir e raciocinar. Se com a mão direita soletrava mal uma palavra, ligeiramente a segurava com a outra, como costumava fazer sua mestra em signal de desapprovação; se ao contrario, tocava a si mesma docemente na cabeça, e parecia encantada. Algumas vezes, de proposito, ella soletrava mal com a mão esquerda; e então zombava e ria, e a seu turno infligia uma pequena correcção á mão rebelde a suas vontades.

Durante os dezoito mezes que acabavam de passar desde que Laura estava separada de sua mãe, esta não tinha tornado a Boston; sentio então o desejo de vê-la, e dirigio-se em consequencia a essa cidade. Esta entrevista deu lugar a uma scena tocante. A mãe se conservava immovel e muda sobre o humbral da porta, contemplando, com os olhos banhados de lagrimas, sua desgraçada filha, que sem saber que pessoa estava tão perto della, continuava a brincar no quarto. Laura a abalroou correndo, e começou logo a apalpar suas mãos, a examinar seus vestidos, e a procurar emfim por seus meios habituaes de investigação descobrir se a conhecia; mas sendo infructifero este exame, apartou-se della brusca-mente como de uma pessoa estranha. A pobre mulher podendo apenas dissimular sua tristeza, lhe deu um collar de contas, como outr'ora costumava trazer-lhe para casa; a filha o poz ao seu pescoço com todos os signaes de alegria, e procurou com pressa o Dr. Howe para mostrar-lh'o. A mãe tentou de novo

aproximar-se della, e fazer-lhe algumas caricias; mas Laura, preferindo acompanhar suas companheiras, a repellio. Um outro objecto insignificante, mas que recordava igualmente a habitação maternal, foi posto entre suas mãos, e pareceu excitar nella um movimento de surpresa e interesse. Ella examinou com mais attenção a pessoa, que lh'o havia dado, e fez conhecer ao doutor que ella comprehendia que essa pessoa vinha de Hanovre; então tolerava suas caricias, mas sem corresponder a ellas, e com uma completa indifferença. A angustia da mãe era então manifestamente penivel. Bem que houvesse temido não ser reconhecida, a certeza de que sua filha estava para sempre perdida para ella aniquilava suas forças. Neste momento de triste entorpecimento, uma idéa vaga parece despertar-se no espirito da criança: ella apalpa de novo as mãos de sua mãe com uma especie de ardor; sua physionomia apresenta os traços de uma forte preocupação. De repente ella torna-se muito pallida, depois córa quasi instantaneamente, oscilando entre a duvida e a esperança; nunca talvez a luta de emoções oppostas se pintou com mais energia sobre uma figura humana. Então sua mãe, attrahindo-a a si, a aperta sobre seu coração, e a abraça com ternura. Emfim, a verdade lhe surgia. Não havia duvida! Ella reconheceu a que lhe dera a existencia, e conservava-se entre seus braços, sobre seu seio, cobrindo-a, a seu turno, das mais vivas caricias. Apresentam-se-lhe então diversos objectos que provocavam ordinariamente sua attenção, repelle-os. Fazem-se diversos

esforços para afastal-a de sua mãe, mas não consente que della a separem mais.

Havia vinte oito mezes que sua instrucção começara; até então esta se limitára a ensinar-lhe o nome dos objectos; ensinou-se-lhe depois a designar por termos particulares as qualidades que nos mesmos objectos podia perceber. Ella aprendeu com bastante facilidade a ajuntar ao signal do ente, ou nome, o signal da qualidade, ou adjectivo.

Para lhe fazer conhecer os termos exprimindo a idéa da relação, foi necessaria uma serie de processos constantes, que tiveram, como os precedentes, feliz resultado. Por exemplo, metteram um anel em uma boceta; soletradas as palavras, ella as repetio. Pozeram-n'o então *sobre* um chapéo, enganou-se a principio, depois ficou algum tempo pensativa e rectificou a resposta. A mesma experiencia foi repetida até que reproduzio com exactidão os nomes dos objectos em relação com o anel pela particula *sobre*. Depois o anel foi mettido *dentro* da boceta. Isto a embarçou muito alguns instantes, e confundio muitas vezes os termos; mas chegou em fim a ter uma noção distincta delles, e o demonstrou pondo uma mão sobre a outra; quando ella soletrava *sobre*, e fechal-as uma na outra para designar *dentro*.

Ella adquirio com bastante facilidade o uso dos verbos activos, sobretudo dos que exprimem uma acção apreciavel pelo tacto, como *andar*, *correr*, *sacudir*, *etc.* No principio, todavia, não distinguia o tempo do modo; ella empregava as palavras em seu

sentido geral e absoluto, e sobretudo, o que é bem digno de observar-se, as construía sempre, não segundo a ordem logica, mas segundo a ordem natural das idéas. Assim ella dizia: *Pão dar Laura; agoa beber Laura.*

Depois que successivamente se lhe transmittio sufficiente conhecimento das diversas partes do discurso, julgou-se ser tempo de ensaiar o ensino da escripta, e de mostrar-lhe que podia assim communicar suas idéas ás pessoas com quem não estivesse em contacto. Foi uma cousa agradável de ver a muda surpresa com que ella logo se submetteu, sem saber o que fazia, aos diversos movimentos marcados a seus dedos. Ella empregou neste exercicio, como em todos os outros uma docilidade e perseverança remarcaveis, passando e repassando o ponteiro na taboa em que se achavam gravadas as letras, até que aprendeu a formal-as. Logo que emfim ella pôde comprehender que por este processo mysterioso teria meios de exprimir seu pensamento a outrem, sua alegria foi sem limites. Á força de zelo, ella chegou a escrever, sem ser ajudada, a sua mãe, uma carta legivel, na qual ella lhe noticiaa passar bem, e contar ir vel-a findo algum tempo. Era, na verdade, uma linguagem rude e imperfeita, mas que nem por isso exprimia com menos energia o que se passava em seu espirito.

Tentou-se então a arithmetica, até á conta de diminuir. Esta ultima operação a embarçou muito. Entretanto, por meio de objectos sensiveis, chegou-se a fazel-a comprehender. Ella aprendeu a

contar até cem, pouco mais ou menos. Este numero era o de que ella se servia quando queria exprimir uma quantidade infinita. Se, por exemplo, ella queria dar a conhecer que uma pessoa estaria muito tempo ausente, dizia —*virá depois de cem domingos*—, por semanas. Quanto ao mais, media o tempo com muita precisão. Privada do soccorro da divisão natural do dia e da noite, não podendo soccorrer-se nem da luz, nem do som, ella fazia uma divisão sufficientemente exacta da duração. Assim ella fazia perfeitamente a distincção do dia, da semana, e das semanas entre si. Si se lhe perguntava em que dia estava da respectiva quinzena, ella o designava com promptidão. Quanto ao dia, dividia-o em intervallos regulares, fixados pelo começo e fim das lições, e da comida. Ella chegou ao ponto de poder, collocada em um piano, tocar correctamente as notas de uma phrase musical, em que colchêas formavam umas vezes o sêgundo, outras vezes o terceiro tempo da medida; facto importante a que davam maior attenção os que pensam que o sentimento do rhythmo é uma faculdade fundamental e innata no homem.

No começo de 1841 observou-se que uma mudança sensivel tinha tido lugar no diametro e na forma de sua cabeça, e bem que se não tivesse cuidado, desgraçadamente, em medil-a a principio, todas as pessoas que com ella viviam poderam constatar um accrescimo notavel no volume da testa.

Nada pôde dar lugar a crer que ella tivesse tido a mais fraca percepção da luz e do som; e bem que

algumas vezes chegasse ao nariz os objectos, com que communicava, ha toda a razão para pensar que o fazia puramente por imitação do que praticavam as meninas cegas, com quem vivia, sem que dali resultasse para ella nenhuma sensação apreciavel, pelo que concerne ao olfato. Cheirava, com effeito os objectos machinalmente e como por acaso, e nunca esta acção era acompanhada do movimento tão natural na physionomia, no porte, que produz infallivelmente a descoberta de alguma qualidade do corpo até então desconhecida.

O sentido do tacto recebeu, nesta menina, aperfeiçoamentos continuos e remarcaveis. Pòde perceber as differentes ondulações do ar, e a vibração produzida em um quarto pelo simples andar de uma pessoa. Media tambem com exactidão a distancia entre ella e um corpo em movimento. Assentada em uma extremidade do quarto, ella presentia logo se uma pòrta se fechava ou abria. As mesmas vibrações sonoras eram por ella percebidas com espantosa precisão; assim ella reconhecia que se tocava piano no quarto em que estava. Explicando um dia esta percepção, ella dizia — *o som chegou atravez do soalho a meus pés, e destes á minha cabeça*—. O mais ligeiro toque lhe bastava para apreciar o modo de existencia de uma cousa, e poder-se affirmar que mais de cincoenta pessoas, collocadas em torno della, eram immediatamente reconhecidas, estendendo-lhe sómente a mão. A memoria destas sensações é de tal modo activa e segura, que ella reconheceria, depois de muito longo intervallo, uma

pessoa a quem uma só vez tivesse assim tocado. Muitos factos deste genero foram bem averiguados.

Servia-se da linguagem dos surdos-mudos com tanta promptidão e dextridade que fôra preciso um estudo muito attento para poder seguir o movimento dos seus dedos. Fixando assim rapidamente seu pensamento no vacuo do ar, não era menos habil em apoderár-se do dos outros, seguindo o movimento de suas mãos. E' assim que longo tempo conversava com suas companheiras cegas, e nada seguramente attesta melhor o poder do espirito sobre a matéria do que estes colloquios em que um dos interlocutores é rodeado de trevas e o outro não póde ouvir o menor som. Como deixamos dito, sua linguagem não consiste absolutamente senão no alfabeto manual, ao qual o Dr. Howe é levado, pelo successo rapido que obteve na educação da joven Laura, a attribuir mais importancia para o desenvolvimento intellectual dos surdos-mudos, do que á linguagem mimica geralmente preferida; opinião que (seja dito de passagem) não faço senão mencionar, sem pretender de algum modo profunder a questão.

Graças ao uso cada vez mais facil da linguagem alphabetica, ella póde chegar ao discernimento completo das diversas partes do discurso, e das formas variadas, que ellas encerram. Vê-se desenvolver a marcha de sua instrucção percorrendo um jornal em que fielmente se consignavam suas perguntas e respostas. Já então se leem phrases taes como estas:
—*Laura foi ver mãe, cavallo andou depressa.* Alguns

mezes depois, occorreu a seguinte passagem: Laura me perguntou.— *O que é a voz?* (1) Eu lhe expliquei como pude que é uma impressão produzida, fallando por meio da boca. Ella me disse então:—*Eu não faço voz?* Eu lhe disse: *Podeis vós fallar com a boca?*—*Não. Porque?*—*Porque sou surda-muda. Podeis ver?*—*Não. Porque?*—*Porque eu sou cega; eu não fallava com os dedos quando vim com minha mãe.* Vê-se aqui a distincção clara do artigo e do pronome, e mesmo diversas especies de pronomes. Ella facilmente distinguio o singular do plural, mas teve-se mais trabalho em fazel-a comprehender o gráu de significação nos adjectivos; e eis porque. Logo que ella começou a servir-se das palavras, estas não tiveram para ella (cumpre comprehendel-o) outra distincção além da de exprimir a existencia individual das cousas, que o tacto lhe fazia conhecer como effectivamente existindo separadas. Enganar-se-hia quem suppozesse que a idéa dos differentes especificos que as caracterizam lhe foi revelada pelo unico uso dos termos. Não foi assim. As palavras: grande, pequena, pesado, largo, etc., não representaram para ella senão propriedades inherentes ás substancias e constituindo com ella um corpo: *grande camara*, *martello pesado* foram a principio indubitavelmente em seu pensamento, nomes

(1) Traduzi o mais litteralmente possível; mas póde-se observar que as fórmãs da nossa lingua são mais complicadas do que as da ingleza. Desta phrase temos seis palavras, cuja analyse é difficil. Dir-se-hia simplesmente em inglez—*What is voice?*—Assim por diante. Poder-se-hia, ao que me parece, induzir que esta educação singular seria mais difficiliosa de conseguir-se na nossa lingua.

particulares dados a uma certa camara ou a um certo martello. Só mais tarde pôde ella considerar nos differentes objectos o valor abstracto das qualidades; o que o prova é o facto digno de observar-se que quando se lhe ensinou que as pessoas tinham nomes proprios ou de familia, ella suppoz que era preciso applicar os mesmos principios ás cousas inanimadas, e perguntou com interesse quaes eram os outros nomes da cadeira, da mesa, etc.

Os ultimos exercicios tiveram por objecto ensinar-lhe o valor dos termos, que exprimem as operações intellectuaes, por meio das quaes o espirito emprega sua attenção no exercicio de suas proprias faculdades, taes como a lembrança, o esquecimento, a esperanza, e foi necessario ainda para chegar a este resultado vencer muitos obstaculos. No correr de uma semelhante explicação, o habil instructor julgou ver uma favoravel occasião de recolher os traços deixados em sua memoria por sua primeira infancia, e lhe propoz diversas questões a este respeito; mas tudo o de que ella podia lembrar-se é que estava deitada de costas nos braços de sua mãe, e que lhe faziam engolir remedios desagradaveis. Interrogada de novo mais tarde sobre este ponto, nada pôde responder que fosse satisfactorio. É provavel que não conservasse lembrança alguma depois da cruel molestia que a privou dos tres sentidos. Ella não tem nenhuma idéa de um dia haver fallado, e a que actualmente tem da conversação pela palavra é de que se faz signaes com os beijos como ella faz com os dedos.

Como se vê, diz o Dr. Howe, suas diversas aquisições, quanto á linguagem, seguiram uma marcha inteiramente conforme á que se teria podido deduzir *á priori* das considerações phylosophicas; é a que se presume dever ser seguida por uma tribu selvagem, para formar gradualmente o idioma de que se serve. Não é menos evidente que seus progressos intellectuaes progrediram na razão dos que ella obtinha na aquisição da linguagem. Não succedeu a ella o que acontece aos outros meninos que aprendem a fallar por imitação e muitas vezes se servem de palavras sem comprehendel-as. Ella teve que saber, por um methodo muito lento, o nome de cada cousa, e foi necessario que conhecesse o sentido de todas as palavras que empregava. O estudo das palavras foi seu principal trabalho. Via-se claramente que estas lhe faltavam em um sem-numero de circumstancias; que era o principal obstaculo que a detinha para fazer conhecer a idéa que conservava no espirito; eis porque constantemente se occupava em perguntar pelos nomes dos objectos. Ella mostrava nesta investigação um interesse e insistencia, muitas vezes incommodos, mas que encantam pelo ardor de instruir-se, que reyelam. Estava sempre prompta para a lição, e via-se mais que muitas vezes que ella d'antemão preparára muitas questões que submete ao mestre sobre difficuldades, cuja solução recebe com avidéz.

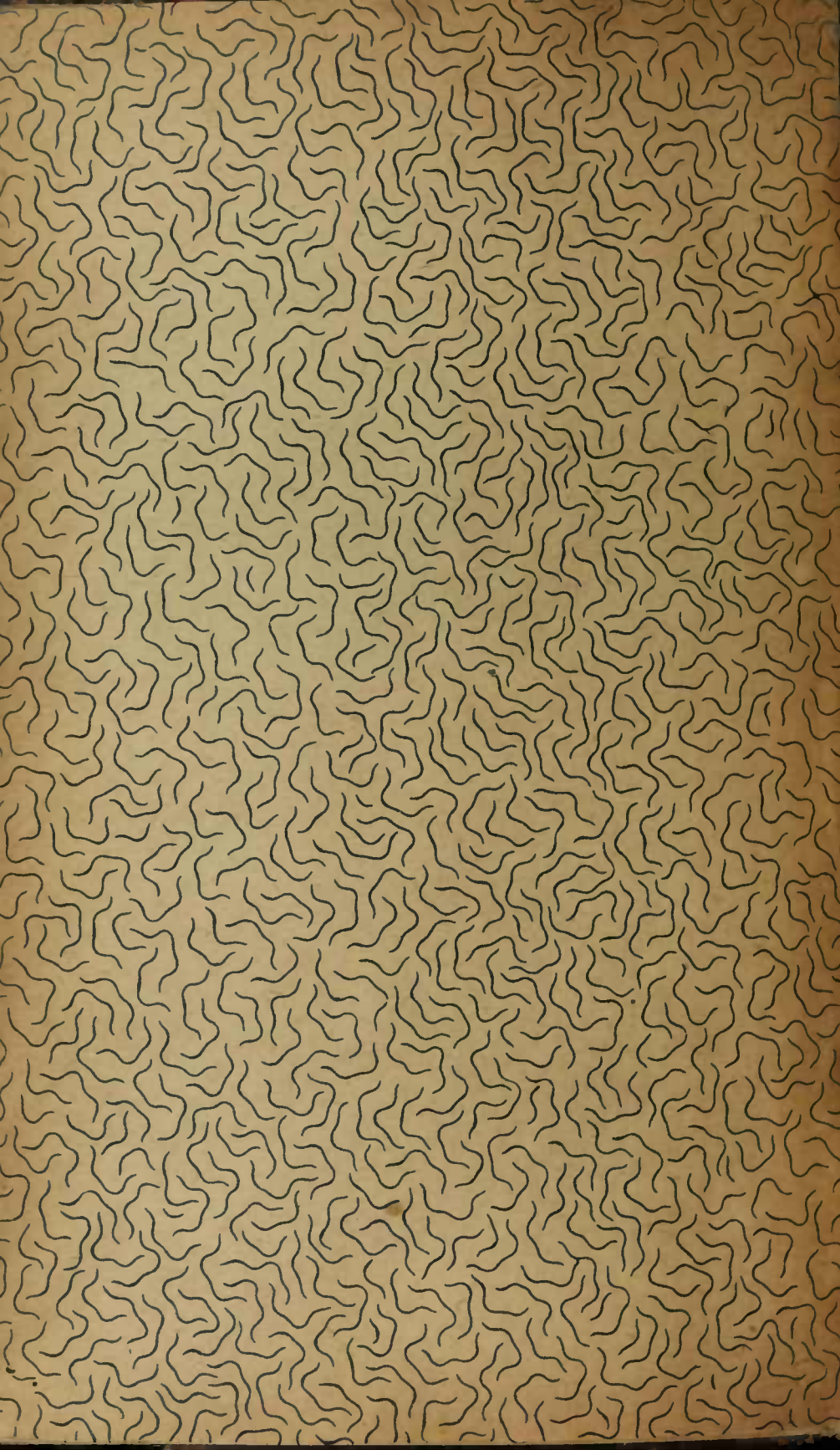
Com um meio de communicacão tão completo o habil instituidor pôde successivamente abordar ás idéas moraes e triumphar igualmente dos obstaculos que n'estr'outro caminho devia encontrar. Animada

do desejo de saber ella dizia algumas vezes:—*O homem fez as casas, os navios; mas quem fez a terra, e o mar?*—Depois de ter estudado algum tempo a resposta, deu-se-lhe a noção do Creador, e Soberano Senhor de todas as cousas, noção que se apoderou fortemente de seu espirito, assim como o dogma consolador de uma vida futura, em que se deve achar, para quem a procura, uma justa compensação das miserias reservadas á vida terrestre. A idéa da morte lhe fez igualmente uma impressão muito profunda. Quando se lhe explicou esta lei da existencia, a lembrança confusa de ter, antes de vir a Boston, tocado a mão já gelada de um homem que ia ser sepultado, lhe veio ao pensamento. Uma especie de horror da destruição se elevou nella. Durante algum tempo não quiz comer nenhum alimento animal, porque, dizia ella, *está morto*; mas pouco a pouco esta impressão se apagou, e não apresentou mais nada de particular a este respeito.

Quanto ao mais, ella é, em todos os seus trabalhos exteriores, de uma exactidão admiravel; prosuindo em alto gráo o sentimento do decoro, ~~nada~~, em quaesquer circumstancias, sahe do seu ~~quarto~~ com o vestuario em desordem, e se por acaso se lhe faz observar um signal de pouco acção, ou ~~rasgadura~~, parece ficar agitada por um ~~movimento~~ de vergonha, e apressa-se a pôr cobro ao mal. Um facto encantador é a differença de suas maneiras com um estranho, segundo o sexo a que pertence. Isto se observou quando apenas tinha sete annos. É habitualmente jovial, e muitas vezes se lhe vê prodigali-

sar vivos signaes de ternura a suas jovens companheiras. Si se acha com alguma senhora, de fóra do estabelecimento, torna-se logo familiar, examinando com liberdade seus vestidos, ou recebendo voluntariamente suas caricias. Mas sua conducta é bem differente quando se trata de uma pessoa do sexo masculino. Ella fica então fria, e constrangida, e repelle mesmo as liberdades innocentes admissiveis com uma menina. Um só homem, o Dr. Howe, é a excepção da regra. Este factó será diversamente explicado, segundo a theoria que cada um formar sobre a origem do sentimento do pudor; póde-se ao menos dizer que a observação que apresenta esta filha da natureza, cujas innatas propensões nada alterou, oppõe-se singularmente ás opiniões dos que só enxergariam nella o resultado da convenção.

Ella parece assim levar a um altissimo gráo o sentimento da equidade natural; respeita os direitos dos outros, e tem muito a peito que se respeitem os seus. Ha poucos exemplos de procurar apoderar-se do que lhe não pertencesse, ainda que parecesse muito sensível ao prazer de possuil-o. Em duas circumstancias sómente foi apanhada em mentira. Tem-se grande cuidado de evitar, é verdade, quando se torna reprehensível, de leval-a a simulação pelo temor de um severo castigo, e de a elle subtrahir-se. O arrependimento, que tem, depois de uma reprehensão merecida, chega muitas vezes até ás lagrimas: longe de encobrir sua falta, ella ao contrario a communica logo a suas jovens condiscipulas. Vê-se muitas vezes que divide alguma cousa, que se lhe







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).